

FRANCISCO PINHEIRO DE ASSIS

Interfaces da Fé

*Devoções populares e os cultos marianos
na América Latina*





Interfaces da fé: devoções populares e os cultos marianos na América Latina

ISBN 978-65-88975-98-5 (Digital) • Feito Depósito Legal

Editora Afiliada



Diretor da Edufac

Gilberto Mendes da Silveira Lobo

Coordenadora Geral da Edufac

Ângela Maria Poças

Conselho Editorial (Consedufac)

Adcleides Araújo da Silva

Adelice dos Santos Souza

André Ricardo Maia da Costa de Faro

Ângela Maria dos Santos Rufino

Ângela Maria Poças (vice-presidente)

Alexsandra Pinheiro Cavalcante Costa

Carlos Eduardo Garção de Carvalho

Claudia Vanessa Bergamini

Délcio Dias Marques

Francisco Aquinei Timóteo Queirós

Francisco Naildo Cardoso Leitão

Gilberto Mendes da Silveira Lobo (presidente)

Jáder Vanderlei Muniz de Souza

José Roberto de Lima Murad

Maria Cristina de Souza

Sheila Maria Palza Silva

Valtemir Evangelista de Souza

Vinícius Silva Lemos

Coordenadora Comercial • Serviços de Editoração

Ormifran Pessoa Cavalcante

Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira

Diretora Comercial

Winstom Erick Cardoso Pereira

Diretor Administrativo

CONSELHO EDITORIAL

ACADÊMICO

Prof. Me. Adriano Cielo Dotto (Una Catalão)

Prof. Dr. Aguinaldo Pereira (IFRO)

Profa. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UFG)

Prof. Dr. Dagoberto Rosa de Jesus (IFMT)

Profa. Me. Daiana da Silva da Paixão (FAZAG)

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita (Cepae/UEG)

Profa. Me. Limerce Ferreira Lopes (IFG)

Profa. Dra. Márcia Gorett Ribeiro Grossi (CEFET-MG)

Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Profa. Dra. Maria Adélia da Costa (CEFET-MG)

Profa. Me. Patrícia Fortes Lopes Donzele Cielo (Una Catalão)

Profa. Dra. Rosane Castilho (UEG)

Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (UFCAT)

CONSULTIVO

Nelson José de Castro Peixoto

Núbia Vieira

Welima Fabiana Vieira Borges

Francisco Pinheiro de Assis

INTERFACES DA FÉ:

Devoções populares e os cultos marianos
na América Latina

1ª edição

Goiânia - Goiás / Rio Branco, Acre
Editora Alta Performance / Edufac
- 2024 -

Copyright© Edufac 2024

Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac)
Rod. BR 364, Km 04 - Distrito Industrial
CEP: 69920-900 - Rio Branco - Acre // edufac@ufac.br

Editora Alta Performance
Rua 132-A, nº 100, Qd F-45 Lote 2 - Setor Sul - CEP 74093-22 - Goiânia/Goiás
CNPJ: 21.538.101/0001-90
Site: <http://editoraaltaperformance.com.br/>

Contatos:
Larissa Pereira - (62) 98230-1212

Revisão de Texto: Ormifran Pessoa Cavalcante
Projeto Gráfico Editoração: Franco Jr.
Imagem da capa: vecteezy_nuwatphoto

Editora da Universidade Federal do Acre
Biblioteca Central / Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Alanna Santos Figueiredo / CRB 11º/1003

A848i Assis, Francisco Pinheiro de, 1970-
Interfaces da fé: Devoções populares e os cultos marianos na América Latina /
Francisco Pinheiro de Assis. – Goiânia/Rio Branco: Alta Performance/Edufac, 2024.
[E-Book]
147 p: il.

ISBN: 978-65-88975-98-5
DOI: 10.29327/5424499

1. Religiosidade. 2. Raimunda, Santa. 3. Religião e cultura. I. Título.

CDD: 306.6

As informações, opiniões, conceitos expressos nesta obra, bem como a exatidão dos dados, referências, redação e revisão textual são de inteira responsabilidade do autor.

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico este trabalho a todos aqueles que desejam compreender e estudar as interfaces da fé na América Latina e a todos que contribuíram no decorrer do projeto de pesquisa e especialmente, dedico aos devotos de Maria, mulher de mil facetas, presente em todo o Continente latino-americano.



SUMÁRIO

• PREFÁCIO	8
• APRESENTAÇÃO	10
• INTRODUÇÃO	13
• MARIAS LATINAS-AMERICANAS	16
• MÃES E MARIAS DO POVO.....	20
• MULHERES E SANTAS: SÃO MARIAS, RAIMUNDAS, DULCES, FRANCISCAS CARLAS E TANTAS OUTRAS.....	23
• SANTA CHIQUINQUIRÁ, PADROEIRA DA AMAZONIA COLOMBIANA.....	25
• SANTA MARIA DEOLINDA	33
• DEVOÇÕES A SANTOS E SANTAS NO ACRE.....	36
• SANTA DULCE, A MÃE DOS POBRES.....	38
• A PADROEIRA DOS HANSENIANOS NA SERRA DA IBIAPABA: FRANCISCA CARLA.....	43
• SANTA ADELAIDE: UMA SANTA JUDIA DE BITUPITÁ.....	47

- SANTA MARIA DA LIBERDADE: A MENINA SANTA DO RIO ENVIRA..... 54
- SANTA ADÉLIA DO VALE DO JURUÁ.....57
- SANTA SEBASTIANA DA COLOCAÇÃO LUA NOVA..... 61
- A PADROEIRA DAS PARTEIRAS NOS SERINGAIS SANTA RAIMUNDA DO BOM SUCESSO 64
- RELATOS DE MILAGRES DA PADROEIRA DAS FLORESTAS NA FRONTEIRA BRASIL-PERU 80
- PRÁTICAS POPULARES DIGNIFICAM A VIDA DOS DEVOTOS DE SANTA RAIMUNDA DO BOM SUCESSO 89
- A SEPULTURA DE SANTA RAIMUNDA DO BOM SUCESSO: UM LUGAR DEVOCIONAL..... 103
- UMA DEVOÇÃO TRANSNACIONAL NA AMAZÔNIA 109
- A RESSIGNIFICAÇÃO DA DEVOÇÃO POPULAR PERUANA DE SANTA RAIMUNDA NO PERU..... 124
- CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 135
- REFERÊNCIAS 138
- FONTES ORAIS – ENTREVISTAS..... 144



PREFÁCIO

Investigar o processo de ressignificação da devoção de Santa Raimunda do Bom Sucesso, no Peru, é o intento deste compêndio. Trata-se de analisar a maneira como os devotos de Santa Raimunda, ao longo de várias décadas, ressignificaram suas vidas, dando-lhe novo sentido, como um desdobramento da crença e culto à Santa.

Os devotos são seringueiros, ex-seringueiros, trabalhadores rurais, moradores das regiões peruanas, próximas da fronteira com o Brasil, ou que residem até mais distantes desse limite. O estudo dedica-se aos “devotos populares peruanos”, habitantes dos vales amazônicos, no Peru, pessoas que praticam rica devoção, em uma região formada por rios e igarapés.

O rio Acre nasce no Peru e adentra o território brasileiro pela cidade de Assis Brasil, fronteira com o Peru e Bolívia. O rio banha oito municípios acreanos, sendo navegável por quase todo o ano.

A pesquisa foi desenvolvida em várias regiões da América do Sul, percorreu cidades e municípios, bem como áreas fronteiriças do Brasil e nas províncias de Iñapari e Puerto Maldonado, e em tantas outras localidades.

A escolha pelo tema e a realização da pesquisa está marcada pelas experiências existenciais do autor, uma vez que nasceu no meio rural, sendo filho de pais devotos de São Francisco do Canindé. Desde cedo, ouvia as muitas histórias dos mais velhos, os vários relatos de milagres. Quando adolescente, presenciou por várias vezes, os preparativos das novenas de São Sebastião, das festas em homenagem aos santos,

juntamente com a balbúrdia que os cachorros faziam nos almoços dedicados ao pagamento de promessas dos devotos de São Lázaro. Assim, pode testemunhar a profunda devoção que homens e mulheres possuíam pelos santos populares.

As motivações pessoais do autor devem-se ao contato constante com as manifestações religiosas e pela convivência com pessoas devotas de santos e santas populares, assim como os relatos riquíssimos de experiências de vida e de fé, e ainda pelas graças alcançadas e ajuda incondicional dos santos populares a autor teve acesso.

Academicamente, após estudos preliminares sobre os santos presentes em manifestações religiosas populares, Pinheiro (sobrenome pelo qual é mais identificado) sentiu-se estimulado a fazer uma pesquisa minuciosa tratando do tema, em algumas localidades da América Latina, sobretudo na Amazônia sul-ocidental.

Assim, esta obra apresenta seus estudos, intitulados “O culto mariano na América Latina”; “As múltiplas Marias e mães latino-americanas”; “A reinterpretção da santidade de Maria na canonização popular na América Latina”; “Raimunda do Bom Sucesso: relatos de milagres e curas”; “Os milagres atribuídos à Santa Raimunda do Bom Sucesso na fronteira”; “Práticas populares dignificam a vida dos devotos de Santa Raimunda do Bom Sucesso”; “A sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso: um lugar devocional”; “Devoção à Santa Raimunda: uma prática transnacional”; e “A ressignificação da devoção popular de Santa Raimunda no Peru”.

Cada uma das temáticas aborda aspectos do cotidiano e da religiosidade popular dos devotos peruanos e brasileiros, enfatizando a beleza contida nas devoções populares de pessoas que habitam as regiões próximas à fronteira ou mesmo daquelas que vivem mais distante desse limite.

Professor Carlos Paula de Moraes

Doutor em Teologia e Filosofia

Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Ufac



APRESENTAÇÃO

O livro *Interfaces da fé: devoções populares e os cultos marianos na América Latina* é uma obra excelente. A escrita de linguagem simples e o contraste com a riqueza de informações propiciam ao leitor um contato aprazível com as múltiplas faces marianas e a fé popular em torno das ressignificações das devoções à Santa Raimunda. A pesquisa insere-se no projeto de pesquisa *Santas Populares: Um Olhar sobre as Devoções Marianas na América Latina*, vinculado à Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufac, como uma das ações da Especialização *Latu Sensu* em Ciências da Religião pelo Núcleo de Educação a Distância. Toda a pesquisa e a publicação foram custeadas com recursos próprios.

O catolicismo popular é bem apresentado nesta obra pelo professor Francisco Pinheiro de Assis, que é professor associado 02 da Universidade Federal do Acre. Há mais de uma década o pesquisador tem se debruçado sobre a temática das práticas religiosas com ênfase nas vivências da fé popular sob a ótica do prisma da história social e da história das religiões, escrevendo livros e artigos sobre a temática. O professor Pinheiro é pós-doutor em Ciências da Religião e doutor em História Social pela PUC/SP. Tanto sua tese de doutorado quanto seu estágio pós-doutoral deixam translúcidas suas preocupações em melhor estudar e compreender o fenômeno da fé nas práticas cotidianas, bem como as implicações desta para as ações desenvolvidas e o esperar das populações que nela se sustentam para construir suas vivências cotidianas.

Ao debruçar-se sobre este livro, percebe-se as nuances que dialogam e se complementam, proporcionando um ar de pesquisa acadêmica, com todas as suas imbricações, e de história popular, devido ao estilo propositalmente leve e apaixonante de escrita. A obra é fruto de uma pesquisa de perfil multidisciplinar, com diálogos entre a história, a antropologia, a sociologia e as ciências da religião.

O processo de ressignificação de Maria, mãe de Deus, é apresentado nos múltiplos elementos de devoção das santas por toda a América Latina, incluindo o Brasil e a Amazônia, regiões onde os contextos de dor e sofrimento são tão presentes quanto a necessidade de proteção.

Existem três pontos em comum que entrelaçam o construto alicerçante da obra: a devoção popular adaptada ao cotidiano das populações latino-americanas, com ênfase nas experiências religiosas vivenciadas na floresta amazônica; o enraizamento de práticas do saber sapiencial por conaturalidade e da representação da religiosidade popular de tendências da tipologia de constelação protetora – com práticas que exigem a intervenção dos santos para pedir ajuda diante das dificuldades deste mundo; e uma abordagem menos fenomenológica e mais pragmática do marianismo focal de representação da fé popular, em que as várias faces de mulheres aguerridas e inspiradoras, que, mesmo experienciando sofrimento e dor, não perderam a virtude de lutar contra as adversidades e a injustiça, tornando-se a personificação da mãe compadecida dos sofredores, que é vista como uma imagem pura do anseio de consolação e de compaixão divina.

A multiplicidade das faces de tantas Marias representa não apenas alguém que deve ser saudada por ser “agraciada de Deus”, mas também o trabalho e o esforço das mulheres na agência familiar e no cuidado com o próximo. São apresentadas, ao longo da obra, as ações desenvolvidas na labuta do cotidiano, em que piedade, cuidado dos necessitados e agência materna alinham-se na tessitura de representações da devoção e da religiosidade popular.

Em vários momentos e relatos apresentados, a persona de devoção é representada com uma nobre resignação, em que se percebe um contraste entre a expressão dolorosa do rosto e a angústia de quem

sofre as dificuldades propiciadas pelo martírio, sem perder a pureza da serenidade.

Os intentos de solucionar os problemas do cotidiano a partir da fé, as práticas religiosas e os percursos de construção das devoções populares nas múltiplas ressignificações das Marias tornam-se presentes nas ressignificações de dignificação das vidas dos devotos por meio da fé e da apresentação de sentimentos como gratidão, cumplicidade e fidelidade à devoção.

A busca por liberdade interior e a construção do sentido religioso estão intimamente ligadas à ressignificação das próprias identidades dos devotos, em que a dimensão da fé na vida cotidiana transcende o nível espiritual para atuar na resolução de necessidades da vida material.

Recomendo a leitura do livro, que apresenta de forma concisa e elegante o prisma de múltiplas representações marianas nos passos de fé daqueles que, em suas vivências, buscam consolo e abrigo nos braços de uma mãe protetora.

Dr. Reginâmio Bonifácio de Lima
Professor EBTB de História no CAp/Ufac



INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade principal apresentar as devoções mariológicas em algumas localidades da América Latina, desenvolvidas pelo catolicismo popular, ao longo dos séculos, partindo da Argentina, Colômbia e Peru, até chegar no Nordeste e Amazônia brasileiros. Pretendemos conhecer de que modo cada uma das devoções apresentou a figura de Maria no papel não só da fé do povo, mas também na tarefa de evangelizar e sustentar a igreja.

Queremos apresentar as facetas da presença de Maria nos depoimentos dos devotos e nas peregrinações dos locais sagrados, para confirmar que ela é uma figura constante, desde a aurora da evangelização do nosso continente até os dias de hoje.

Por conseguinte, poderemos afirmar que a devoção à Maria é um elemento mantenedor do cristianismo latino-americano, uma expressão vital e histórica que pertence à sua própria identidade.

No decorrer do trabalho, apontamos alguns aspectos das devoções marianas, e é possível romper a cisma existente entre uma devoção mariana popular e uma teologia mariana abstrata e distante do mundo e da vida do povo latino. Este demonstra um grande carinho e amor pela mãe de Jesus. Propomos com este trabalho um caminho para que uma possível aproximação entre as devoções marianas seja uma reflexão comprometida com a fé de nosso povo e ao mesmo tempo, encontre uma melhor sintonia com as devoções populares.

Na primeira parte do trabalho, o propósito é apontar algumas manifestações de Maria na América Latina, o que implica em voltar um

pouco no tempo e descobrir que no começo da evangelização de nosso continente, temos vários dados que apontam para o início da devoção e do culto da Maria. Tentaremos demonstrar isso expondo como Maria se faz presente em diversas maneiras, em diversas localidades e em tempos diferentes. No decorrer das décadas, foi se transformando na mãe do povo ameríndio, especialmente no Norte e Nordeste do Brasil. São nesses eventos que Maria vai ganhando rosto de mãe e aspectos diferentes.

Também abordamos o sofrimento, a dedicação e a resiliência de tantas mulheres sofredoras, que suportam a dor, sendo uma das principais a da maternidade latino-americana, tempo em que a fé e a esperança tanto se fazem presentes. Na devoção do povo latino, vemos Maria, como a mãe desse povo, se manifestar. A partir da forte figura da mãe, em geral, nasce esse vínculo tão forte com Maria, mãe de Deus e de nosso povo. Portanto, apresentamos brevemente, como a devoção mariana popular está presente no catolicismo latino-americano nos vales e sertões.

Anteriormente à presença europeia, os povos tradicionais das Américas já cultuavam entidades femininas, cultos esses que, em vários aspectos, assemelham-se aos cultos marianos. A presença das ordens religiosas aproximou os cultos de ambos os lugares, aqueles advindos da Europa aos da população já existente nas Américas. É difícil dizer que os povos que habitavam o nosso continente sabiam quem era Maria. Porém, o convívio com os europeus possibilitou com que as populações tivessem contato com essa Mãe.

Na segunda parte, abordaremos e tentaremos constituir e delinear “os vários rostos marianos” da mariologia latino-americana a partir de cada uma das Santas e Marias populares das Américas.

Iniciaremos abordando as inúmeras Marias latinas; depois Mães e Marias do povo, cada uma em particular, para saber como apresentar a figura de Maria, não apenas de acordo com as devoções, mas também, segundo a fé do povo e de seu papel na tarefa como aglutinadora da fé.

O objetivo deste trabalho é sintetizar todos esses anos de vivência, profundamente marcados pela presença de Maria, mãe de Jesus, em

alguns lugares da América Latina. Como pesquisador, para obter dados sobre as inúmeras manifestações, é importante apontar e começar do essencial, às luzes da fé dos nossos povos, principalmente para garantir a permanência e a sobrevivência das devoções populares que, desde o início, encontram em Maria, a Estrela que guia seus caminhos, através da fé e esperança.

Analisando as devoções marianas, compreendemos que uma das finalidades deste trabalho é abordar a realidade social das devoções marianas populares dentro do catolicismo popular brasileiro. E ao mesmo tempo, contextualizar o emaranhado de situações que só percebemos quando mergulhamos nesse campo religioso complexo, cheio de movimentos e abstrações. Então, nos damos conta da complexidade dessa realidade social. Neste estudo, as realidades sociais – simples e ao mesmo tempo, complexas, como das devoções marianas – mexem com o cotidiano e essência dos devotos e devotas.

Por fim, convidamos você leitor a fazer uma bela viagem por alguns locais de peregrinação da América Latina para conhecer as devoções marianas do povo.



MARIAS LATINAS-AMERICANAS

Ao tentar compreender as inúmeras devoções à Maria, no Brasil, Peru, Bolívia e em outros países sul-americanos, constata-se a existência de um ponto comum entre as devoções: o culto mariano, praticado nos vários recantos da América Latina. Acredita-se que o culto à Maria nesse continente é tão antigo quanto a chegada dos espanhóis e portugueses às Américas. Em estudos sobre as primeiras viagens desses navegadores para a América Central e América do Sul, é possível identificar a presença da imagem da Virgem Maria nas inúmeras manifestações, perceptível nas embarcações e adornos.

Cristóvão Colombo, a exemplo disso, era devoto fervoroso da Virgem, fato perceptível nos relatos e nos estandartes afixados nos barcos. Júlio Caprani, em sua obra *Maria, a estrela da evangelização*, afirma:

Muitas histórias similares podemos encontrar na devoção dos conquistadores à Virgem Maria, algo muito comum entre eles, na sua cultura ocidental europeia [...] a configuração da imagem, devoção da Virgem Maria dos Conquistadores, poderíamos chamá-la de: a conquistadora (Caprani, 2015, p. 26).

Percebe-se na fala do autor citado, a presença efetiva de Maria não só na vida dos navegadores, mas também no processo de conquista

dos povos indígenas, nas Américas. A presença de Maria no processo de catequização entre as nações indígenas foi muito acentuada, o que levou paulatinamente, à disseminação da devoção à Santa entre os povos indígenas.

Um dado importante e que chama a atenção é a maneira como os povos indígenas receberam a presença de Maria, em meio aos seus inúmeros deuses, presentes na ancestralidade indígena e na pajelança. Acredita-se que a presença feminina entre os deuses dos povos tradicionais estaria relacionada a vários fatores inerentes a sua cultura, figurando como a protetora, a guardiã, a fecundidade e a mãe. Não se sabe ao certo como cada nação recebeu o culto à Virgem Maria, mas alguns dados bibliográficos apontam para uma catequização mariana.

Maria, a conquistadora, é altamente significativa porque comprova que a Virgem Maria estava, portanto, incorporada à empresa hispânica, não só na conquista das novas terras que estavam sendo encontradas, mas também numa espécie de “conquista espiritual”, oculta, muito sutilmente (Caprani, 2015, p. 27).

Para Caprani, a devoção à Maria é algo mais profícuo. Embora, nos relatos dos viajantes se encontre uma profusão dos cultos à Maria, na América Latina, sabe-se que tal prática foi também uma maneira encontrada pelos colonizadores para exercerem a dominação e, ao mesmo tempo, catequizar os povos indígenas.

Como pensar o culto mariano na América, longe das terras europeias? Acredita-se que o culto à Maria na América Latina, desde a chegada desses imigrantes, por volta do final do ano de 1494, sofreu e vem sofrendo transformações até as épocas atuais. Quem é Maria para os indígenas? O que significava adorar a Virgem Maria? Percebe-se que Maria, para os indígenas, não é algo simples de explicar, pois cada nação teve uma impressão particular acerca dessa Santa. Para algumas dentre essas nações, ela é a deusa da fertilidade; para outras, é a própria vida da floresta representada em uma mulher; já na visão de outras, representava o domínio de suas culturas e de seus deuses.

A imagem da virgem Maria para o nativo era aquela que estava à frente da grande devassidão e agressão, tanto militar quanto religiosa. Essa ambiguidade que mencionamos sobre a teologia mariana ocorre em razão de a imagem de Maria aparecer sempre ao lado de grandes e significativos estandartes da Cruz. Sendo assim, a sua imagem é a da Mãe de Deus seria esse, para os indígenas derrotados e humilhados? (Caprani, 2015, p. 26).

Para Caprani, a introdução do culto à Maria junto aos povos indígenas, em dado momento, representou certo domínio cultural da religião Católica, advinda da Europa. Porém, mediante análise mais profunda, é possível encontrar elementos do culto mariano que apontam para uma abertura e, até mesmo, para uma aproximação entre povos indígenas e colonizadores. Inúmeras manifestações de ancestralidades estiveram presentes nos cultos aos deuses e deusas, praticados no continente americano, embora se acreditasse que o culto à Maria foi o que possibilitou um elo entre colonizador e colonizado, bem como uma maior proximidade entre indígenas e europeus.

Ao longo dos anos, o culto à Virgem Maria na América Latina ganhou novos contornos e possibilitou uma aproximação crescente entre a Mãe de Deus, os povos de matrizes africanas e aqueles que nasceram no continente americano, por ocasião de seus sofrimentos e conquistas. Maria será reinterpretada a partir das práticas religiosas existentes no continente, tais como o culto à mãe-terra, bem como tantas outras manifestações que já se faziam presentes no seio das culturas indígenas das Américas.

Vale crer que uma das maneiras que aproximou Maria dos povos indígenas foi a possibilidade de um reconhecimento do sofrimento do outro. A aproximação não foi tão somente para cultuar uma “santa de altar”, mas sim porque em Maria muitos encontraram uma representação da dor. Ao tempo em que alguém reconhece as angústias daqueles que sofrem, é na devoção mariana que muitos encontram maneiras para adquirir forças para continuar vivendo e superar os reveses cotidianos do trabalho exaustivo, posto que:

Maria não se torna distante, inatingível e nem mesmo uma simples santa de altar. Ela é para nosso povo uma mulher, uma mãe próxima, não um modelo inatingível. Ela conhece nossas dificuldades, nossas lutas, nossas alegrias e nossas tristezas (Caprani, 2015, p. 86).

Maria, para os seus devotos latino-americanos, é muito mais do que a mãe de Deus, é a própria mãe do povo latino, sendo mulher pobre e sofredora, capaz de compreender seus filhos a partir de suas dificuldades e superações.



MÃES E MARIAS DO POVO

Ao longo de 500 anos de evangelização na América Latina, surgiram muitas denominações votivas à Maria, seja no seio das nações indígenas, dos povos de matrizes africanas ou nas populações pobres, surgidas da profusão das raças.

Acredita-se que o culto à Maria, aos poucos, difundiu-se a partir da representação da Maria latina, com a efetiva contribuição nativa, quando, por exemplo, a santa assume o nome de *Virgem de Guadalupe*, no México, ou *Virgem de Copacabana*, no Peru e Bolívia, ou ainda como *Nossa Senhora da Aparecida*, no Brasil. A devoção à Maria, à mulher negra ou à mulher indígena, de certa forma, aproximou e criou uma devoção muito peculiar, de acordo com cada país ou até mesmo com cada região.

O culto às várias denominações de Maria, na América Latina, de algum modo, aproxima Maria da realidade de todos os países sul-americanos. Na fisionomia de cada Virgem Maria é possível encontrar os traços da população, a partir de suas representações culturais. Na imagem da Virgem de Guadalupe, por exemplo, encontra-se traços da mulher indígena mexicana, pessoa sofrida, que durante vários séculos enfrentou as dores da injustiça, tão presentes, desde a chegada dos espanhóis até os dias atuais.

No México, Maria não aparece mais protegida pelos espanhóis, e sim distante, pois se trata é uma mulher estrangeira. Configura-se como uma mulher híbrida, não mais genuinamente europeia, incorpora a mulher americana do novo continente. Caprani destaca um ponto importante na devoção mariana nesse país:

Maria se manifesta como mãe, pedindo a construção de um lugar entre o povo ameríndio, nas suas terras distantes e afastadas do México, dos espanhóis e da hierarquia eclesial, lugar onde os nativos já desde muito tempo cultuavam seus deuses (Caprani, 2015, p. 33).

A Virgem Imaculada de Aparecida surge, no Brasil, como mulher negra, que representa sofrimento, tortura e superação por parte da maioria de sua população, constituída por negros e pardos há vários séculos. Aparecida é sinônimo de vir à luz, de maternidade, superação e proteção para aqueles que, durante quase quatro séculos, sofreram as torturas da escravidão e que tiveram seus direitos de homens e mulheres negados. Foi através da aparição dessa Virgem, nas águas turvas do rio Paraíba do Sul, que emergiu a imagem que, ao longo dos séculos, ganhou projeção.

Observando a devoção desse povo, que cultua aquela que seria reconhecida como a mulher, a mãe e padroeira de uma nação de homens e mulheres que sofreram e sofrem injustiças, que sonham em viver dias melhores, Machado destaca um elemento relevante no culto a Nossa Senhora Aparecida:

A devoção a esta imagem surgida das águas ficou circunscrita, por muito tempo ao âmbito familiar, mas ganha notoriedade com o crescimento econômico da região em que foi encontrada e, mais tarde, quando chama a atenção da princesa Isabel, que lhe oferta uma coroa e um manto azul bordado (...) Aparecida funde duas outras devoções Marianas importantes no Brasil colonial: Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Rosário (Machado, 2015, p. 46).

Percebe-se, de acordo com Machado (2015), que o culto a Nossa Senhora Aparecida envolve cultos anteriores, advindos do período

colonial do Brasil. A pesquisa leva a refletir sobre o fato de que o culto a essa mãe é uma ressignificação do culto à Imaculada Conceição e a Nossa Senhora do Rosário, aproximando assim as duas devoções a uma santa que representa o cotidiano, ao passo que revela uma profunda devoção popular brasileira.



MULHERES E SANTAS: SÃO MARIAS, RAIMUNDAS, DULCES, FRANCISCAS CARLAS E TANTAS OUTRAS

No decorrer dos séculos, o culto popular à Maria, na América Latina, tornou-se muito fervoroso. A partir das experiências populares, milhares de devotos ao culto à Maria conseguiram encontrar maneiras para se acercarem dos desígnios da Virgem, enquanto protetora, guardiã e a própria mãe de Deus, que se fez mãe dos humanos.

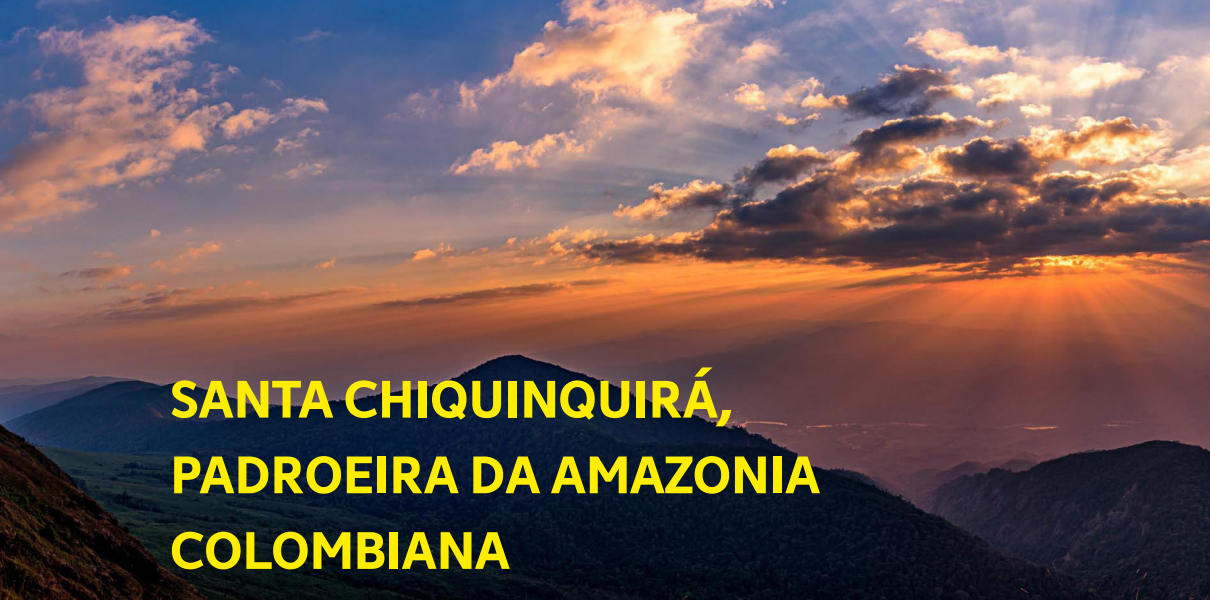
A junção das várias culturas e religiões indígenas, bem como dos povos de matrizes africanas com o catolicismo deu origem a um culto católico popular, momento em que os devotos buscam maneiras de expressar suas manifestações de fé.

A profusão religiosa popular possibilitou o surgimento de inúmeras canonizações populares de homens e mulheres em toda a América Latina. Os santos canonizados, através das devoções populares, são pessoas comuns, não necessariamente vinculadas a denominações religiosas. São trabalhadores, mães, cantores, pessoas que valorizam a religiosidade, crianças vítimas de mortes trágicas ou mesmo naturais.

O surgimento das devoções dos santos canonizados pelas devoções populares tem um histórico bastante antigo. É possível crer que, com a chegada dos colonizadores, tenham sido incorporados elementos de religiosidade que foram difundidos ao longo dos anos, dando assim origem à canonização popular.

A partir do final do século XIX e durante o século XX, a devoção popular se reorganiza, inserindo novos elementos devocionais aos santos, quando ocorre uma aproximação entre o culto às santas populares e a devoção à Maria.

Analisando o perfil de algumas santas populares da América Latina, chega-se à conclusão de que, em sua grande maioria, trata-se de um processo de ressignificação da Maria, mãe de Deus. Portanto, o sofrimento e a proteção são elementos que perpassam todas as devoções de santas populares na América Latina, em especial, no Brasil e na Amazônia.



SANTA CHIQUINQUIRÁ, PADROEIRA DA AMAZONIA COLOMBIANA

A história da devoção à Santa Chiquinquirá teve início por volta de 1562, quando o curador da cidade de Suta, Antônio de Santana, encarregou Alonso de Narváez de produzir uma pintura da Virgem do Rosário, a fim de ser venerada em sua capela. Alonso era um especialista em prata de Tunja, cidade da Colômbia, capital do Departamento de Boyacá, localizada na cordilheira dos Andes, cerca de 130 km ao nordeste da capital Bogotá. O artista utilizou como tinta misturas de terra de diferentes cores, junto com o sumo de algumas ervas e flores da região; e como tela foi utilizado um pedaço de tecido de algodão com cerca de meio metro de largura e um metro de comprimento.

Após a conclusão da pintura que, de acordo com o levantamento bibliográfico, durou cerca de dois meses, foi ela exposta à veneração dos espanhóis e da população indígena da localidade, no altar da capelinha da cidade de Suta.

Um dos primeiros dentre os muitos títulos de glória e nobreza da Colômbia, que não inutilmente foi um dia a porta para a fé e a civilização, está o de ser um povo ardentemente mariano. Seu solo rico e formoso, tanto nos cumes imponentes de suas cordilheiras como nas risonhas e fecundas terras baixas, se nos apresenta como um manto precioso onde os incontáveis santuários

da Mãe de Deus se parecem com pérolas e rubis: desde Nossa Senhora da Penha, em Bogotá, até a Virgem da Popa, em Cartagena; desde a do Rosário, em Tunja, ou a de Monguí ou a da Candelária, em Medellín, até a devotíssima Nossa Senhora de las Lajas; dominando sobre todas estas invocações, como o sol entre as estrelas, Nossa Senhora de Chiquinquirá.¹

A trajetória de Nossa Senhora Chiquinquirá teve vários momentos marcados por sua devoção popular na Colômbia. Por uma ordem superior, as congregações dos dominicanos deixaram as missões, sendo substituídos pelo clero secular, que no ano de 1574, encarregaram-se de cuidar da imagem dessa Santa. Quando chovia, entrava muita água pelo teto mal vedado e com o tempo, o quadro foi se deteriorando, seja por relaxamento daqueles que deviam cuidar ou por negligência do pároco, que não permaneceu na cidade por muitos anos, sendo logo substituído.

Veio a ocupar o espaço deixado pelo antecessor o presbítero Juan Alemán de Lequizamón que, logo ao tomar posse, ordenou que fosse removido o quadro da capela de Suta, por considerá-lo pouco digno de estar no altar principal da igreja, e o devolveu a seu dono, que o destinou à sua fazenda em Chiquinquirá.

Com a morte do curador Antonio Santana, em 1582, a viúva, Catalina García de Irlos, passou a residir na fazenda local, onde estava guardada a pintura. Anos depois, Maria Ramos Hernández, parente do falecido, chegou a Chiquinquirá, quando descobriu a pintura totalmente descolorida, suja e gasta pela ação do tempo. Sua primeira atitude foi limpá-la, colocar em uma moldura bonita e pendurá-la no lugar mais apropriado da fazenda. O espaço escolhido era a capela daquela localidade. Diariamente, Maria rezava, oferecia flores e sempre suplicava, quase murmurando: “Até quando, Rosa do Céu? Até quando haveis de estar tão escondida? Quando chegará o dia em que vos manifestareis?”

De acordo com esta pesquisa, a insistência em reverenciar a imagem tornava a cuidadora Maria Hernandez uma pessoa muito devota e ao mesmo tempo, sua ação revestia-se de muita beleza. Ela esperava ansiosa que a população reconhecesse a importância da imagem.

¹ Pio XII, Alocução de encerramento do II Congresso Mariano Nacional, em 16 de julho de 1946.

Nesse sentido, o relato do primeiro milagre de Nossa Senhora de Chiquinquirá informa que o mesmo ocorreu em uma sexta-feira, 26 de dezembro de 1586. Era aproximadamente nove horas da manhã, quando por ali passava a indígena Isabel, juntamente com seu filho, o menino Miguel, de 4 anos; ao se aproximar da capela da fazenda, o menino disse: “– Mãe, olhe a Mãe de Deus que está no chão”. Isabel então, viu a Santíssima Virgem espargindo um resplendor celestial que enchia toda a capela.

Naquele momento, a indígena disse-lhe em voz alta: “– Olhe, olhe, senhora, que a Mãe de Deus desceu de seu lugar e está ali, de pé sobre o teu assento, e parece que está se queimando”. Dona Maria Hernandez voltou o rosto para o altar e viu com assombro, a transformação que se havia operado na pintura, que estava agora “tão lúcida e renovada de cores alegres e celestiais, que era uma glória vê-la”.

Foi notória a transformação da imagem, que antes se encontrava com cores desbotadas. Relata-se que a partir da percepção do jovem Miguel ocorreu a transformação, quando a pintura se tornou realçada e com cores vibrantes.

Este foi o registro do primeiro sinal de um milagre de Nossa Senhora de Chiquinquirá. A percepção do milagre da imagem é muito significativa, e se deu inicialmente, mediante a visão de uma criança indígena, denotando que a criança indígena tinha a sensibilidade de um povo e ao mesmo tempo, a simbologia do crescimento de uma devoção, e que anos depois, tornar-se-ia adulta e conseguiria agregar milhares de devotos.

Os relatos do fato prodigioso espalharam-se por várias regiões, chegando à Suta. No decorrer dos anos, as notícias começaram a atrair centenas de pessoas de várias partes; uns, por causa dos poderes miraculosos da Santa, outros, por curiosidade, e ainda outros, em busca de algum milagre. A informação não tardou a chegar aos ouvidos da autoridade eclesiástica, que ordenou primeiro uma informação em Chiquinquirá, e depois um processo na cidade de Tunja.

Enquanto aumentava a devoção popular, surgiram os primeiros relatos das primeiras curas. Ao mesmo tempo, começou a propagar-se na região de Tunja uma fatídica peste que aos poucos, começou a dizimar habitantes.

Os relatos do segundo milagre ocorreram no período em que centenas de pessoas perderam a vida, afetados pela peste, justamente no momento em que um uma parte dessa gente caminhava até Chiquinquirá, para implorar que a imagem da Santa fosse emprestada. Assim, quando o quadro chegou na cidade de Tunja, gradativamente a peste foi desaparecendo, e as pessoas não im mais a óbito. Desse modo, ao término do ano, temos os relatos do segundo milagre, explicado pela fé depositada no quadro, que possibilitou uma grande cura na cidade de Tunja, que venceu a peste.

Entre as pessoas que se aproximaram para venerar a imagem, figurava o velho pároco de Leguizamón, que havia retirado a pintura da capela de Suta “por achá-la excessivamente desfigurada e estragada”. Admirado pelo fato miraculoso, exclamou: “Virgem e Mãe de Deus, se em alguma coisa vos ofendi por tirar-vos do altar no qual estáveis, suplico-vos que me perdoeis”.

Nesse momento, chegara a Chiquinquirá o arcebispo de Santa Fé, proveniente da cidade de Bogotá, Frei Luís Zapata de Cárdenas, acompanhado do comissário do Santo Ofício e do representante da Real Audiência. Vieram para ver de forma presencial, a pintura e as pessoas que haviam experimentado os poderes miraculosos e ao mesmo tempo, como também tinham o objetivo de investigar o prodígio. Dissipadas as dúvidas e caracterizado o acontecimento como extraordinário, foi ordenada a construção do primeiro templo digno dedicado à Nossa Senhora de Chiquinquirá. Mais tarde, os padres dominicanos voltaram para tomar definitivamente posse da localidade.

Ao analisar a imagem da Virgem percebe-se seu rosto branco-pérola, voltado para seu Divino Filho, sustentado amorosamente em seu braço esquerdo; vê-se que ela tem os olhos quase fechados. Ambos ostentam esplêndidas coroas. Cobre a cabeça da Mãe um véu branco, que recai formando dobras e se recolhe sobre o peito. Na mão direita segura um cetro, e na outra, o rosário. O Menino sustenta com a mão direita um fio atado ao pé de um passarinho colorido, representado sobre o peito de sua Mãe; na mão esquerda carrega também seu rosário. A túnica é de cor rosa-claro, e o manto, azul-celeste. Os pés da Virgem pisam o chão de barro vermelho.

Ao longo da pesquisa, constatei um terceiro milagre atribuído à Virgem, na cidade de Tunja. Naquela ocasião, uma devota, de nacionalidade colombiana, relatou um pouco de sua vida de devoção a Nossa Senhora de Chiquinquirá. Essa devota chama-se Maria Lacerda. Ela falou com muita convicção sobre sua fé e, em especial, de um milagre que obteve por intercessão da Santa. Lacerda diz, em seu depoimento, que a Virgem da floresta, Santa Chiquinquirá, é sua protetora e dos desvalidos e desamparados. Na década de 1980, nos conta que viveu uma situação em que esteve entre a vida e a morte, por ocasião de um acidente de canoa, em um rio da região, reconhecendo aquela ocorrência como um milagre:

Acredito muito nos milagres; nasci e cresci na região, mas sempre ouvi muitos comentários dos inúmeros milagres que ela realizou na vida das pessoas. Quando tinha 16 anos, o rio estava alagado; eu e meus dois irmãos estávamos descendo o rio, em uma canoa muito pequenina; a correnteza era muito forte e na curva do rio, não percebemos, tinha um redemoinho na água. Quando percebemos, a canoa entrou no redemoinho e começou a entrar muita água; em pouco tempo, nossa canoa alagou. Foi um momento de muito desespero, meus irmãos sabiam nadar, eu não sabia nadar; sempre, tive medo de muita água. Quando a canoa encheu d'água e percebi que tinha alagado, comecei a gritar desesperada. Meus irmãos sabiam nadar e caíram na água, e nadaram contra a correnteza para a margem do rio, e eu caí na água, com os maiores gritos de alarme, pedindo socorro. Quando caí na água, percebi que ia morrer afogada; naquela correnteza forte, tinha certeza, nenhuma possibilidade de sair viva daquele local. Ao cair na água, aos gritos, me apeguei a Nossa Senhora de Chiquinquirá. Comecei a me afogar, a correnteza me jogou para o fundo do rio, mas de repente, o redemoinho me jogou de volta para a superfície do rio. No desespero, me debatendo eu percebi uma luz muito forte que vinha em minha direção, um clarão reluzente, e naquele momento, senti como se estivesse nos braços de minha mãe, como se algo me consolasse, me acalmasse, como se alguma coisa me dissesse para ter calma. E, milagrosamente, não sei dizer como, me agarrei a uns galhos de uma árvore que estavam descendo na correnteza. Os galhos foram descendo na correnteza, até que cheguei a um remanso, onde a água fica meio parada, e

aos poucos, a água foi empurrando os galhos para a margem do rio. Meus irmãos me viram agarrada nos galhos; gritaram para me segurar firme, eles conseguiram pegar-me. Eles me puxaram para a margem do rio, estava tremendo de frio. Para mim, não tem outra explicação: foi um milagre.

Conforme seu depoimento, Maria Lacerda reconhece o milagre que lhe ocorreu. A Virgem a salvou, não deixando que se afogasse na forte correnteza. Mesmo ela não sabendo nadar, a Virgem deu-lhe a possibilidade de sair ilesa daquela situação catastrófica em que se encontrava. A depoente, em seu relato, não só reconhece os poderes de Nossa Senhora de Chiquinquirá, como também afirma ter sentido sua presença quando estava entre a vida e a morte, nas águas do rio.

Acreditar nas graças e na proteção de um santo ou uma santa é uma experiência muito particular de cada devoto ou devota. Considerando-se as diversas situações em que essas dádivas ocorrem, existem casos em que o devoto se encontra em situação que beira a morte e, surpreendentemente, recupera a vida; já outras condições indicam curas miraculosas de doenças. Nas situações limítrofes, recorre-se com frequência à Santa, e os devotos confirmam terem sido atendidos.

No início do ano 1796, resolveu-se edificar em Chiquinquirá, um templo de maiores proporções. Aquela era uma época difícil, de lutas políticas e enfrentamentos ideológicos. Muitos devotos reclamavam do período de incertezas na Colômbia, e o que confortava uma boa parte da população era a devoção à Virgem.

Ao longo dos anos, muitos devotos doavam muitas joias e pedras preciosas, sobretudo esmeraldas, como gestos de agradecimentos à Virgem, porém, em 1815, a imagem foi despojada de suas joias para sustentar os gastos da Independência colombiana. Dessa forma, um general, em temerária atitude, e apesar da oposição dos religiosos, furtou o venerável quadro, visando atrair o povo para sua causa. Foi perseguido por devotos para que devolvesse o quadro e ao perceber que teria problemas, fugiu e abandonou a pintura na cidade de Sáname. Dali, a tela foi conduzida em júbilo a Santa Fé de Bogotá e devolvida a seu santuário. No dia 11 de setembro de 1823, o novo templo foi consagrado por

Mons. Rafael Lasso de lá Vega, então bispo de Mérida (Venezuela) e senador da República, único prelado que subsistia naquela época em Nova Granada.

A propagação dos milagres da Virgem possibilitou o surgimento de um movimento para transformá-la em padroeira da Colômbia. A campanha motivou muitas autoridades e políticos a criarem um Decreto tornando a Virgem representante da nação colombiana. No dia 18 de julho de 1829, a Santa Sé proclamou a Virgem do Rosário de Chiquinquirá Padroeira da Colômbia.

Contudo, com a instauração da República, as dificuldades começaram. Ao relaxamento da disciplina eclesiástica somaram-se leis anticlericais, como a que ordenou a supressão dos conventos menores. Assim, em 1835, o presidente Santander confirmou a dissolução e expropriação do convento. Os frades que perseveraram no culto à Nossa Senhora, refugiaram-se num local contíguo ao templo. Clérigos, apóstatas e políticos inescrupulosos confabularam então, para que a paróquia passasse para o domínio do clero diocesano. Em 1861, numa atitude de autoritarismo e ambição, o general Mosquera decretou o desterro dos frades e o confisco de seus bens.

Passemos então, ao quarto milagre da Nossa Senhora Chiquinquirá, o qual está relacionado às sucessivas mortes dos religiosos. Restou apenas o Frei Buenaventura García Saavedra, que enfrentou as ameaças, estando disposto a sofrer o martírio. Através da perseverança e profunda fé aos pés da Virgem, ocorreu em 1881, a restauração da Ordem Dominicana na Colômbia.

O enfrentamento entre conservadores e liberais tornou-se cada vez mais constante, surgindo um novo período conflituoso e de extrema violência: a *Guerra dos Mil Dias* (1899-1902). Após a sangrenta guerra civil que tumultuou o país inteiro, voltou a almejada paz. Mesmo no período da mencionada guerra, intensificou-se uma campanha para a canonização da Virgem. Com a ascensão do Papa Pio X ao Vaticano em 1903, renovaram-se as esperanças para essa canonização. Os devotos organizaram-se em grupos por todo o país, realizando correntes de oração na perspectiva da coroação da Virgem de Chiquinquirá. O Papa então, atendeu ao ardente pedido em 9 de janeiro de 1910.

A pintura de Nossa Senhora de Chiquinquirá foi coroada solene e canonicamente, no dia 9 de julho de 1919, na catedral de Bogotá, na presença do presidente da República e de outras autoridades eclesiásticas, civis e militares, bem como de multidão incalculável de devotos.

Em 1927, o Papa Pio XI concedeu ao santuário o título e os privilégios de Basílica Menor. Em 1977, a cidade de Chiquinquirá foi reconhecida como diocese. Ao longo dos anos, multidões sempre visitam a catedral, na sua grande maioria, atraída pela profunda fé. No ano 1986, ocasião em que o Papa João Paulo II visitava algumas regiões da Colômbia, celebraram-se missas para milhares de fiéis na Basílica de Chiquinquirá. Ao longo do tempo, o local vem atraindo milhares de peregrinos.



SANTA MARIA DEOLINDA

Na Argentina, tem-se a falecida Correa, uma figura religiosa popular que atrai centenas de devotos, pela sua trágica história de morte. As peregrinações ao seu túmulo ocorrem durante todo o ano. A devoção a essa santidade cresceu tanto, ao longo desse período, que se construiu um santuário oficial em sua homenagem, na localidade de Vallecito.

Segundo os relatos, Maria Antonia Deolinda Correa era uma jovem mulher, na década de 1840, que decidiu seguir o seu marido quando este foi recrutado para combater na guerra civil. Levando consigo uma criança de colo, Deolinda Correa seguiu o percurso do exército argentino durante alguns dias, porém, ao se acercar da região desértica, nas proximidades da província de San Juan, os mantimentos e água que levava acabaram, e a referida senhora não resistiu à fome e sede.

De acordo com Caprani, algum tempo depois, o seu corpo foi encontrado e, para espanto dos viajantes, a criança ainda estava viva. Acredita-se que a sobrevivência da criança se deva ao fato da mesma ter continuado a se amamentar com o leite da mãe, mesmo depois de morta: “no mito da defunta Correa, temas como os da maternidade perseverante, da mulher valorosa e da jornada heroica se sobressaem.

Em sua imagem se operam mestiçagem do arquétipo da mãe [...] escrava e mãe do primogênito” (Caprani, 2015, p. 91).

O culto da Defunta Correa atrai milhares de devotos argentinos, em particular, caminhoneiros e viajantes. Durante os fins de semana, especialmente no período da Semana Santa, a região do Vallecito é visitada por muitos devotos, que procuram pagar promessas. De acordo com a pesquisa, a imagem de Correa retrata uma mãe amamentando o filho, caracterizando aspectos da mulher, da mãe e da protetora da família.

Imagem 1 - Santa Maria Correa



Fonte: Crónica (2018).

Analisando a imagem da Santa Maria Correa, encontra-se vários aspectos das mulheres argentinas com traços acentuados próprios das nações indígenas. A imagem da Santa está presente na realidade de centenas de mulheres e mães sofredoras, que deram suas vidas em prol do bem-estar de suas famílias. O seio desnudo, amamentando o filho, representa a continuidade das populações andinas e sul-americanas.

O ponto alto da visita à Santa Maria Correa é o altar, onde se encontra uma imagem da defunta Correa com seu filho nos braços. Em outras localidades da Argentina e ao longo das estradas, a devoção à defunta Correa é bem acentuada, pois nesses espaços se dispõem pequenas capelas a ela dedicadas, na maioria das vezes, ladeadas com oferendas, tais como peças de carros ou garrafas cheias de água. Dessa forma, se pode afirmar que Maria Deolinda é um dos exemplos de culto e canonização popular na América Latina.



DEVOÇÕES A SANTOS E SANTAS NO ACRE

Na Amazônia, por sua vez, existem dezenas de santos populares, tornando-se crescente, ao longo dos anos, o número de devotos que visitam seus túmulos e sepulturas.

No desdobramento da pesquisa, foram se tornando evidentes inúmeras devoções populares no Brasil, na Amazônia e no Acre, em particular. Em se tratando especificamente das devoções populares no estado do Acre, os estudos levaram a algumas constatações fecundas. Nesse sentido, nos vários vales acreanos observou-se uma profunda devoção popular à Maria, de maneira ressignificada, tomando por mártires mulheres que morreram ao longo de um século, principalmente na região nos vales dos rios Acre e Purus.

A reocupação recente da região dos rios Acre e Purus por cearenses, pernambucanos, maranhenses e piauienses, há menos de 120 anos, assim como a religiosidade católica popular, trazida dos sertões, acrescidas do contato com as nações indígenas e da contribuição das matrizes africanas, possibilitaram um afloramento das devoções populares nesses vales. As devoções populares ora expostas, estão relacionadas ao culto aos santos e santas que, ao longo de décadas, foram reconhecidos e canonizados pela população da região em que habitavam, nos vales dos rios acreanos.

Nessas devoções existe uma aproximação do culto à Maria, através da canonização popular às santas Raimunda, Maria, Francisca e Antônia, de acordo com a história de cada mito.

No decorrer da pesquisa, foram catalogados aproximadamente, 40 santos populares, incluindo homens, mulheres, crianças e santos anônimos. Entretanto, dentre os vários santos pesquisados, o enfoque se deteve sobre a devoção popular de Santa Raimunda do Bom Sucesso, na fronteira do Brasil com o Peru.



SANTA DULCE, A MÃE DOS POBRES

Uma das manifestações votivas profícuas do estado da Bahia localiza-se na sua capital, Salvador, no Santuário de Santa Dulce dos Pobres, santa que também é conhecida popularmente como Irmã Dulce. Cotidianamente, centenas de peregrinos visitam o local na perspectiva de agradecer e pedir bençãos à Irmã Dulce.

A trajetória de Irmã Dulce na cidade de Salvador é marcada por inúmeros relatos da trajetória de uma mulher, diferente de tantas outras de seu tempo. Dulce, desde criança, percebeu e sentiu a necessidade de ajudar o povo pobre e desvalido da periferia da capital baiana.

Ainda criança, doava pão e comida para aqueles que batiam em sua porta com fome e sede. Para Maria Rita, que mais tarde torna-se Dulce como uma homenagem à mãe já falecida, a fome e as doenças eram os piores problemas da população pobre naquela época (1927). Entendendo isso, ela passou a acolher pessoas pobres na frente da casa de sua família para alimentá-los. Nesse sentido, a casa de seus familiares ficou conhecida como “A Portaria de São Francisco”, tal o número de carentes que se aglomeravam ali.

No decorrer dos anos, Maria Rita percebe que sua maior vocação seria a vida como religiosa. Assim, em 08 de fevereiro de 1933, logo após a sua formatura como professora, Maria Rita entra para a Congregação

das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, na cidade de São Cristóvão, em Sergipe. Em 13 de agosto de 1933, recebe o hábito de freira concedido pelas Irmãs Missionárias, e adota o nome de Irmã Dulce.

Ao tornar-se freira da Congregação Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus foi lecionar em uma escola da periferia de Salvador, no bairro da Massaranduba, na parte chamada Cidade Baixa. Porém, sua vocação não era ser professora, mas cuidar daqueles que a sociedade já havia esquecido e jogado à margem da sociedade: os pobres e desvalidos. Seu jeito simples, mas com uma sensibilidade profunda, aproximou-a do cotidiano de dezenas de operários do bairro de palafitas, Itapagipe. Ali fundou um posto médico e em 1936, criou a União Operária São Francisco, a primeira organização de trabalhadores católica do Estado da Bahia; no decorrer dos anos, deu origem ao Círculo Operário da Bahia.

Irmã Dulce, como se tornou conhecida pelas suas obras sociais e luta em defesa dos mais pobres, contou com o apoio da Igreja Católica de Salvador para fundar escolas públicas para crianças pobres da periferia. No entanto, as constantes visitas aos hospitais públicos de Salvador e a convivência com doentes jogados nos corredores, muitos agonizando e morrendo, tocavam cada vez mais, o coração de Irmã Dulce. Por essa razão, ela diariamente, passou a peregrinar pelas ruas da periferia da capital baiana, procurando enfermos para ajudar de alguma maneira. Seja doando alimentos, curando ferimentos ou proferindo uma palavra de conforto.

A trajetória de Irmã Dulce aproxima-se de outros exemplos mundo-a-fora, dentre os tais, podemos mencionar a madre Teresa de Calcutá, na Índia que, sentindo o sofrimento da população pobre, tornou-se uma fervorosa defensora deles e dos doentes das ruas da cidade de Calcutá.

Mesmo estando em continentes distantes e realidades geográficas diferentes, algo aproximava Irmã Dulce de Madre Tereza: a sensibilidade pela dor e sofrimento da população pobre que habitava as ruas e periferias das cidades; a empatia aos esquecidos pelo poder

público; e qualquer ação social que trouxesse um pouco de dignidade para suas vidas.

Essas senhoras acreditavam que, com o seu trabalho voluntário, pedindo ajuda e dinheiro para atender àqueles que não detinham posses, poderiam contribuir para melhorar suas vidas que, ao longo dos anos, já haviam perdido tudo: a fé, a esperança, a vontade e a coragem para caminhar novamente.

O trabalho de Irmã Dulce junto aos mais pobres, sobretudo aos doentes, torna-se uma referência. Ao visitar os hospitais públicos de Salvador, constatava cotidianamente os mesmos problemas vivenciados por uma boa parte da população daquela cidade.

Como pensar que uma mulher, de estatura baixa, mas com atitudes de um gigante, foi capaz de abrigar e cuidar de doentes em casarões abandonados, buscar ajuda para manutenção de seus doentes e em momentos mais extremos, tendo que transformar o galinheiro do convento em que residia, em abrigo para enfermos? Percebe-se que foi uma atitude máxima de compaixão, mesmo diante do fato de ter que enfrentar a hierarquia de sua própria congregação. No entanto, o mais importante em sua trajetória era tentar salvar e cuidar de seus doentes, que se encontravam muitos jogados, outros com ferimentos em estado de putrefação.

Ao investigar a trajetória de Irmã Dulce na cidade de Salvador, é possível perceber que sua dedicação, fé e a maneira como acreditava na transformação e na cura de seus doentes foram os primeiros milagres que aconteceram, ainda com essa Irmã em vida. Como imaginar alguém que dedicou todas as suas forças, de forma devotada, a ajudar e salvar os desvalidos, esquecendo-se de seus próprios problemas de saúde, em prol do outro?

A pesquisa nos leva e perceber que a resposta para várias questões está na maneira como Irmã Dulce sentia e percebia o que acontecia ao seu redor. E ao acreditar que poderia transformar conseguiu o milagre da mudança: a construção do hospital público Santo Antônio, uma casa-abrigo para menores; e outras inúmeras obras assistenciais ao longo de sua vida, que conseguiu realizar.

Imagem 2 - Santa Dulce



Fonte: Agência Senado, 2019.

Irmã Dulce dedicava-se em ajudar os mais necessitados, sempre com um doce sorriso nos lábios, como se pode ver na Imagem 2, uma maneira cativante que sempre externava em seu olhar reconfortante.

Nos últimos anos de sua vida irmã Dulce, já bastante debilitada, ainda mantinha a fé e perseverança em ajudar doentes, moradores de rua e acreditava que poderia medicá-los, amenizar as dores e o sofrimento de tantos homens e mulheres.

A trajetória de vida de Irmã Dulce, sempre defendendo as causas da população pobre, de certa maneira, contribuiu de forma significativa para uma beatificação popular, após sua morte, ocorrida no dia 13 de março de 1992, na cidade de Salvador no Estado da Bahia. Já no funeral, era possível perceber a comoção do povo, de milhares de pessoas que seguiam o cortejo, como um ato de respeito e agradecimento à Irmã Dulce por todas as conquistas para a população da Bahia.

Acredita-se que o maior milagre de Irmã Dulce foi tentar transformar e humanizar o sofrimento de centenas de doentes, que não sabiam a quem recorrer em busca de ajuda. Partindo dessa interpretação, acredita-se que muitos milagres de Irmã Dulce aconteceram com ela ainda em vida, pela realização de obras sociais para atender a população

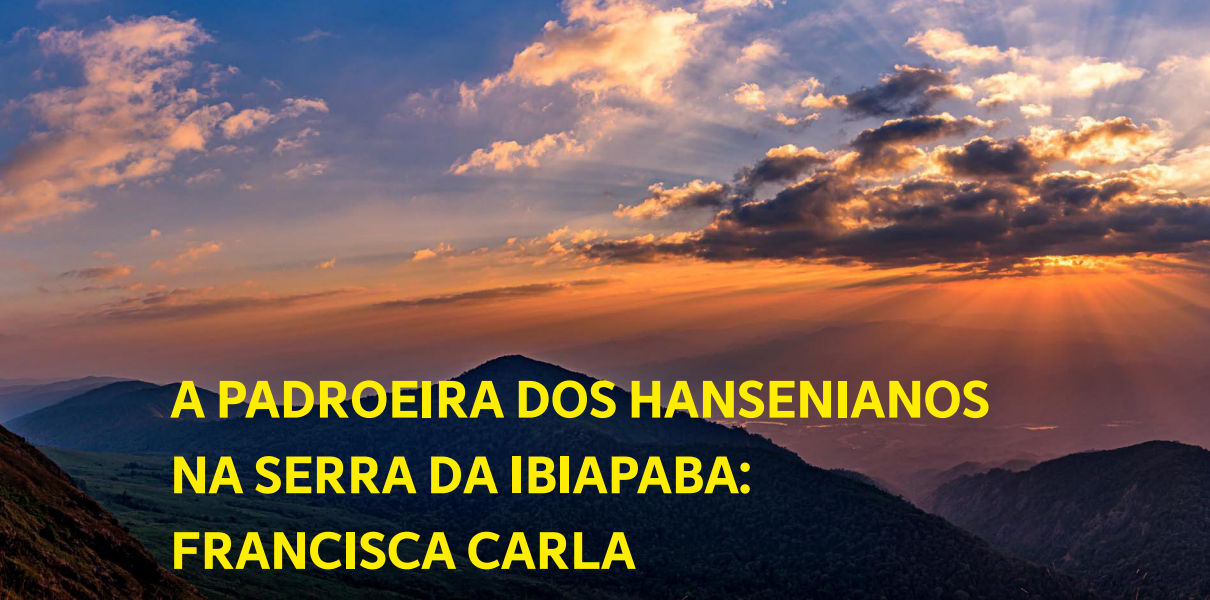
pobre, as construções do Hospital Santo Antônio e do Centro Educacional Santo Antônio.

As obras sociais conquistadas pelo “Anjo bom da Bahia”, como muitos a chamavam, já a colocavam como uma mulher diferente que, mesmo enfrentando barreiras, conseguiu superá-las; que estava à frente de sua época; ela foi capaz de conseguir doações e iniciar obras que ao longo dos anos, se manifestaram e se multiplicaram.

Na investigação do processo de beatificação, o Vaticano precisava de dois milagres para comprovar que Irmã Dulce, após sua morte, também continuou ajudando os seus doentes: “Irmã Dulce teve dois milagres reconhecidos pelo Vaticano. Em 2001, as orações em seu nome teriam feito cessar uma hemorragia de uma mulher de Sergipe que padecia durante 18 horas, após dar à luz o seu segundo filho. Em 2014, um maestro baiano voltou a enxergar após 14 anos de cegueira”².

A fé e a esperança dedicadas à Santa Dulce pelos seus devotos nos impressiona, porque supera idades, fronteiras, regiões e religiões. Para muitos Irma Dulce é um exemplo que deveria ser seguido para transformar e melhorar a humanidade.

² Informações disponíveis em: <https://www.otempo.com.br/interessa/quem-foi-irma-dulce-conheca-os-milagres-da-primeira-santa-brasileira-1.2247975>.



A PADROEIRA DOS HANSENIANOS NA SERRA DA IBIAPABA: FRANCISCA CARLA

A trajetória de Francisca Carla na região da serra da Ibiapaba no interior do Estado Ceará, é cercada por muitas polêmicas. Por volta do ano de 1948, uma jovem moça bonita, de cabelos longos e olhos castanhos, contraiu hanseníase e, por tratar-se naquele período, de uma doença para a qual não existia tratamentos, nem cura, a solução era isolar-se, como ocorria com os demais pacientes acometidos de hanseníase.

Francisca nasceu em 1910, em um sítio nos arredores da cidade de Ubajara. Por ser de uma família bastante numerosa e seus pais não terem condições, ela ainda muito pequenina, foi doada para ser criada por seus padrinhos. Seu padrinho chamava-se Joaquim Carlos Vasconcelos, e com o passar dos anos, Francisca acabou adotando o sobrenome dele, passando a ser conhecida na região de Ubajara e Tianguá, como Francisca Carla.

Na juventude, era muito prezada e dedicada aos afazeres domésticos, sendo considerada por muitos como uma excelente dona-de-casa, tanto em relação aos preparos dos alimentos principais quanto à delicadeza e refino das sobremesas. De acordo com a oralidade local daquela região, era uma hábil cozinheira e, por ironia do destino, o que mais lhe faltou no fim de sua vida foram alimentos e o conforto de uma casa.

Ao ser diagnosticada com hanseníase Francisca Carla foi isolada de seus familiares; passou a viver em um pequeno casebre feito de madeira roliça e coberto de palhas no meio da mata, distante 4 ou 5 quilômetros da cidade, na margem de uma trilha. Apresentamos nesse contexto, o depoimento de Maria Elói, que relata a tristeza com a saída de Francisca Carla da cidade de Tianguá para morar na casinha que lhe foi construída no meio da floresta, sozinha, isolada de todos:

Era por volta das 16 horas, quando ela ainda se demorou no terreiro, usando um vestido de chita estampada, na cor róseo-goiaba, vendo que as pessoas a olhavam da porta de suas casas, uma mudez, seguida pelo um aceno de mão, foi tudo então, que marcou sua despedida. As lembranças que levou e a pouca bagagem que conduzia debaixo do braço. Seu pai adotivo Joaquim Carlos, cabisbaixo, seguia na frente, levando no ombro sua mudança, um pano amarrado com seus pertences, e sua tristeza era visível; ao se voltar para traz na saída da cidade, ela se despede; acredito que ali ela lembrou-se de sua infância de sua adolescência e de suas idas e vindas já adulta. Sabia que nunca mais voltaria; era uma ida sem volta. Para quem assistiu, a sua partida foi de cortar o coração: ver alguém deixar o convívio familiar para ir morar sozinha no meio do mato sem nenhuma proteção.

Conforme o depoimento de dona Maria Elói, a saída de Francisca Carla do convívio familiar foi muito triste, pois retrata um período em que os doentes de hanseníase eram tratados com desumanidade, colocados em locais sem nenhuma condição de sobrevivência. E Francisca Carla ao ser isolada, passou a viver e alimentar-se de pequenas doações daqueles que passavam nas proximidades de sua casinha.

Em 1953, Francisca Carla faleceu em sua casinha de palha, sozinha, sem ninguém; foi encontrada já sem vida, em uma manhã do dia 21 de abril 1953, após três dias chuvosos. Acredita-se que já estivesse morta a uns dois dias, pois seu corpo já tinha sinais de decomposição.

Foi uma tarde triste para os moradores daquela região. Às pressas o sepultamento foi feito; o corpo foi envolvido em uma manta e em sua rede de dormir. A sepultura foi cavada ao lado da casinha em que residiu durante cinco anos, onde viveu sem a companhia de familiares, sem

amigos e sem nenhuma assistência médica. Foram anos de solidão, em que a maior parte do tempo caminhava na floresta em busca de folhas para colocar nas feridas, na tentativa de aliviar as dores provocadas pela doença.

De acordo com a oralidade local, Francisca Carla, no final de sua vida, caminhava com muita dificuldade, pois carregava muitas feridas em seus pés. Suas mãos já apresentavam muitas deformidades, provocadas pela propagação da doença. Os cinco anos em que se manteve isolada e sem alimentos, remédios e o amparo da família, contribuíram para que seu estado de saúde viesse a piorar.

A beatificação de Francisca Carla não vem de processos canônicos, vem da fé do povo. A população da região de Tianguá relacionou o sofrimento de Francisca Carla ao sofrimento de Maria mãe de Jesus Cristo, que foi perseguido, açoitado, crucificado e morto. Os primeiros relatos apontam para a vida extraordinária de Francisca Carla, de ser uma mulher diferente e forte, que suportou todas as dores, o isolamento, a solidão e o abandono, com muita fé e perseverança, assim, muitos já atribuíram tudo isso a um milagre. Mas, segundo o depoimento de Bosco: “Francisca depois de morta sobre seu leito caída por uma essência campestre num instante foi ungida da chapada vinham odores que esparziam as flores perfumando-lhe as feridas”.

Conforme o entrevistado, para as pessoas que acompanharam o sepultamento de Francisca Carla, seu corpo já estava em um estado avançado de decomposição, porém, não exalava nenhum odor ruim, pelo contrário, sobressaía a sensibilidade de um perfume suave de flores que aos poucos, foi percorrendo todo o vale. Este foi outro dos inúmeros milagres atribuídos à Santa Francisca Carla. Posteriormente, surgiram muitos relatos de curas de doenças, que eram atribuídos à Francisca Carla, o que faz com que ela ganhe a simpatia de peregrinos e devotos que ao longo dos anos, passaram a visitar e tirar terra da sepultura de Francisca Carla, considerada por muitos, como uma terra santa e abençoada.

Outro milagre atribuído à intercessão da santa foi uma senhora que afirmou ter alcançado graça através do intermédio de Francisca, e que lhe presenteou com uma cesta de alimentos. Dois aspectos não

podem passar despercebidos nesse episódio. O primeiro é o fato de o nome da mulher não ter parecido exatamente importante para que fosse sedimentado na memória coletiva, pois parece não serem relevantes para a comunidade os detalhes das condições em que a graça foi alcançada. O simples vislumbre de seu alcance já lhes basta.

O segundo aspecto, que também se mostra de extrema relevância, é a oferta que é dada a Francisca: uma cesta de alimentos. Fica fácil imaginar o porquê, tendo em vista as privações sofridas durante seu período de isolamento. As marcas da penúria perduram mesmo depois de sua morte. Até hoje, se alguém visitar a capela que foi construída para a Santa, onde foi feito o seu sepultamento, o mesmo local em que ela padeceu, ou ainda o seu novo túmulo 26, instalado no cemitério que leva seu nome – Campo Santo Francisca Carla, podemos observar garrafas d’água, recipientes com comida, pães, enfim, toda sorte de alimentos oferecidos à santa.

E é aqui que apresentamos as razões que nos fizeram evocar tal fato. Mesmo com a tentativa da Igreja de apropriação do culto, ou de, através de uma “oficialização”, ter mais controle sobre essa devoção, o povo continua a considerar a “capelinha isolada” como o espaço sagrado legítimo, como se pode perceber no discurso de José Antônio Neto, em entrevista concedida a Paulo (2001, p. 36): “Eu não achei certo o monsenhor Tibúrcio retirar Francisca Carla da capela, porque foi lá que abandonaram ela, e é lá que ela gosta, porque tudo que ela fez e viveu está lá, ela não viveu nem morreu no cemitério, então para que botar ela lá?”

A curiosa declaração de José Antônio Neto nos faz observar que ao instituir o seu próprio cânone, os seus dogmas de ritualização, e percebendo a relação íntima do fiel com sua santa, em que ele assume inclusive, conhecer os seus gostos e desgostos, percebe-se a força dos santos populares. O povo constrói seus próprios Santos, sem interferência, e neles produz reações de suas vivências. Uma vez que o papel do santo é unir o cotidiano e a esfera transcendental do sagrado, não é de estranhar que o povo busque identificação com personagens mais próximos de sua realidade temporal e espacial.



SANTA ADELAIDE: UMA SANTA JUDIA DE BITUPITÁ

Lá num recanto da orla bitupitaense, onde se visualiza uma vistosa faixa praieira, fazendo um formato de baía ou pequena península, chamada também Pontal das Almas, de um lado, o acesso terrestre está sitiado de dunas, vindas de próximo margear, emoldurando a embocadura ou foz do rio Timonha. Junto ao Oceano Atlântico, nessa vasta imensidão, desde esse ponto específico se distingue suficientemente, sob reflexos do espelho das águas, em movimento característico, dando reprise de umas e outras sonoras ondas, e para um simples cômodo de sua exuberância, até um lépido murmurejar vir em tom de boas-vindas. As vistas pasmam diante de um santuário bem composto com carnaubeiras ao redor, que embelezam e dão um toque todo especial àquele lugar, onde paira um aspecto mais exótico, que apresenta o túmulo de Adelaide Elias Tahim, a quem os moradores da região veneram e chamam de Santa Adelaide. Esta santa viveu em Bitupitá.

A natureza plena, oferece uma visão do verde ornamentando a paz e a sublimação, ostentada de fluviais paisagens, num silêncio cortado pelo rumor do vento e pelo movimento das águas, ao se confundir por vezes, com os cânticos, as preces e orações, intencionais. Estas são seguidas pela busca como rogativas de admiráveis fiéis. Uma devoção

dedicada em louvores e grata homenagem, junto ao santuário no memorial reverente do Pontal das Almas.

Uma versão consistente, construída desde décadas passadas, pelo começo do século XX, que conta a vida de Adelaide Elias (Milaide) e de seu esposo Demétrio, como e quando chegaram aqui no Brasil, pouco antes de estourar a 1ª Grande Guerra Mundial. Demétrio Elias Tahim e sua esposa desembarcaram em Camocim, uma praia do estado do Ceará; migraram da cidade de Jerusalém na Palestina, para Camocim. O cristão ortodoxo Elias Tahim montou uma loja em sociedade com um irmão.

Consta que ele também trabalhou, nesse meio tempo, como vendedor ambulante e nesse comércio itinerante, percorreu mascateando, todos os pequenos distritos, especialmente, os localizados mais ao litoral. Isso, porque as estradas da época eram precárias e de difícil trânsito, principalmente, durante a estação das chuvas, que transformava os conhecidos caminhos em extensos atoleiros, dificultando mais ainda, qualquer acesso, com maior complicação para o transporte de carga.

Podemos ver com clareza o que acontecia com quem se destinava, em termos de viagem, nesses períodos, a chegar naquela localidade. O caminho estava numa condição que não permitia o acesso necessário, em que não era possível transpor facilmente nem mesmo pequenas distâncias. Além disso, de onde estava, por via marítima ou “fluvial”, uma canoa de bom porte podia transportar cargas mais pesadas por um custo menor que o lombo do cavalo, domesticado nessa função.

Assim, levado por outra iniciativa, em 1914 afinal, Elias Tahim decidiu terminar a sociedade com o irmão, que seguiu para Fortaleza, enquanto ele se instalou às próprias custas, isto é, por opção pessoal resolveu ficar no distrito das Almas (atual Bitupitá) e daí em diante, pela vivência no tempo, se radicou no lugar.

Dele se diz que era um homem moderadamente religioso e que, então, já convertido ao catolicismo romano, não hesitou em desenvolver um modesto trabalho de evangelização, do alimento espiritual, como orientação religiosa na pequena comunidade. Possuía igualmente, em sentido de sua obstinação, um tino comercial que o classificava como

um dos mais promissores dentre os mais abastadas da região. Seus filhos receberam educação esmerada em Fortaleza, chegando mesmo a estudarem no destacável Colégio Cearense, sob a tutela dos irmãos Maristas, uma escola de tal importância social, por onde passou toda uma elite da capital daquela época.

Demétrio Elias, pelas suas instruções, devia ser um dos poucos habitantes letrados do distrito, o que lhe significava uma atribuição de poder, pertencente afinal, a quem era um dos representantes políticos do lugar. Foi desde o início, um grande incentivador da educação na comunidade e o primeiro entusiasta, autor de iniciativas que com o passar dos anos, o possibilitou adquirir grande patrimônio. Porém, a sua humildade se fazia bem evidente em suas convivências com os herdeiros dos Tremembés (povos indígenas) daquela região.

O certo é que o casal em sua vida cotidiana, convivia de forma harmônica com os dez filhos. Concomitante a isso, a esposa de Demétrio, senhora Milaide, natural da cidade de Belém, na Palestina, também se destacava no povoado, por seu desapego aos bens materiais. Ela era naturalmente zelosa e movida pelo um senso prático para a solução de pequenas querelas, que ocorriam devido às dificuldades e carências sociais da comunidade. Ali ainda não havia habitação suficiente naquele período, o que tornava as necessidades dos habitantes ainda mais latentes. Assim, a senhora Milaide desenvolvia um trabalho assistencial junto à população, inclusive atuava na alfabetização. A comunidade era composta predominantemente, por pescadores de origem indígena e por outros moradores não alfabetizados, o que para a época era bastante comum, sendo a Praia das Almas também inserida nesse contexto de precarização.

As virtudes da estrangeira, logo depois, foram estendidas às suas filhas. Dona Adelaide, como assim a vizinhança a conhecia, era alvo de uma respeitosa admiração por parte da população local. Ela buscava auxiliar quem quer que fosse e incondicionalmente, muitas vezes revelando um dedicado e elevado senso de altruísmo e uma inclinação para o anonimato. Ao se fazer solidária em assistência aos mais carentes, jamais queria se sobrepôr em destaque, interagindo politicamente, a fim de se manifestar, como se fosse uma liderança local, mas destituindo-se de

distinções, pois não lhe agradava ser notada, e nem mesmo ser motivo de agradecimentos, bem como não queria qualquer homenagem pelas suas ações de caridade.

Ela não era uma mulher religiosa na acepção restrita da palavra. Mas seu caráter e atitudes geraram toda uma aura benigna em torno de sua pessoa ainda em vida. E quando ela morreu, em 26 de março de 1929, os habitantes do lugarejo Das Almas tiveram um grande choque, e receberam a notícia com profunda consternação. Para a população daquela localidade foi um grande abalo.

Segundo relatos de moradores logo no início do mês de maio, após sua morte, um forasteiro chegou às Almas, trazendo consigo uma nova notícia inquietante para os familiares, informação esta que se estendera a toda a vizinhança.

O visitante chamava-se Francisco José de Oliveira, era oriundo do distrito de Olho d'Água, do município de Viçosa do Ceará, uma das prósperas cidade da Serra Grande (Ibiapaba). De acordo com seus relatos, Dona Adelaide lhe havia aparecido em sonhos. Ele a vira nitidamente nessa aparição em seu sonho, e a ouviu em detalhes, rogando que transladasse seu corpo do Cemitério do Capim Açú para o Pontal, uma belíssima área a oeste da vila das Almas, assim postada com exclusividade, ladeando a foz do rio Timonha, fazendo limite entre os Estados do Ceará e Piauí.

O boato de sua aparição logo se espalhou pela vila, onde não se discutia mais outra coisa, e as opiniões se dividiam.

Francisco José trazia consigo uma carta de recomendação escrita pelo senhor Manoel Nogueira, para apresentá-lo à família Tahim, para que esta ouvisse sobre o sonho. Era uma carta designada a que o tal portador Francisco obtivesse credibilidade, a fim de se apresentar naquele lugar desconhecido e por assim dizer, bastante inóspito, para que pudesse falar a qualquer um, fossem quais fossem suas pretensões nas possíveis tratativas. Porém, Demétrio, logo que teve a carta em suas mãos, mostrou-se contrário à ideia do traslado, considerando isso ser um absurdo. Essa obstinação de Elias Demétrio foi aos poucos, ganhando empatia entre a população, e fez com que ele ganhasse ainda mais apoio na pequena vila.

Mas a situação era de tamanha estranheza e tomava vulto a cada dia, a ponto de ir se articulando entre as pessoas um apoio à causa do forasteiro, que em uma atitude e empenho decisivos, resolveram ajudar na difícil tarefa de convencer Demétrio Tahim a acatar o que o mensageiro pedia.

Demétrio tratou de receber o homem, mas antes, conseguiu com a vizinhança todas as fotografias possíveis com a imagem de mulheres e, quando Francisco apresentou-se novamente, Demétrio misturou a foto de sua ex-mulher (que tinha menor tamanho) com as demais fotos, diminuindo a possibilidade daquela fotografia ser vista. Então perguntou ao emissário qual delas havia lhe aparecido em sonho? Qual delas era a do sonho? Sem titubear, Francisco José encontrando aquela imagem de quem se referia, mesmo em meio a tantas outras espalhadas sobre a mesa, indicou o retrato de Milaide Tahim.

A constatação do reconhecimento da fotografia contribuiu significativamente para conquistar a simpatia do viúvo. Com o impacto da revelação não pairava mais nenhuma dúvida da veracidade do que dizia Francisco José. Apesar de se tratar de um assunto delicado para Demétrio, não havia mais o que duvidar naquela causa.

Segundo os moradores da localidade aquela história era tão real e transparente quanto a vista dos seixos pedregosos submersos no leito de água límpida do rio Timonha durante a vazante das grandes chuvas de abril.

No período de preparação do traslado, embora Demétrio ainda relutasse, duvidoso, colaborava com sentimento de aceitação e fazia parte dos respectivos preparativos. E assim foi dando continuidade ao que se propunha quanto ao desenterro e transladação do caixão, tal como relata Luiz Pereira da Silva:

Munidos de pás, enxadas, picaretas e desinfetantes, seguiram até a sepultura, no dia 13 de maio de 1929, um ano de muita chuva. Quando escavaram o túmulo, para o espanto geral dos presentes o caixão estava intacto, sem qualquer umidade. O que talvez interponha o espanto, deva-se à vedação externa. Isso naturalmente deveria ter sofrido com a umidade da terra; mas havia mais uma surpresa: ao atravessarem a rua com o caixão, em cortejo,

exalava pelo ar uma suave fragrância floral, numa época em que, diga-se de passagem, não se usava colocar flores dentro do esquife. Isto calou de pasma uma senhora que morava na ponta da rua, provavelmente próxima ao cemitério do Capim Açu, de onde teria de sair o caixão removido, para outro local, ou seja, ao Pontal das Almas, conforme se destinavam pela transladação do corpo, de acordo aos pedidos da falecida. O acontecimento definitivo e de tamanha percussão em que causou uma espantosa admiração sobre um ato comovedor para todos os presentes. Tomando dimensão fora do lugar, nos arrabaldes e as distâncias da Praia das Almas.

Conforme a pesquisa, a senhora Roberta, que morava próximo do cemitério, havia mandado preparar um defumador para queimar estrume de modo a sanar o mau cheiro, quando o caixão passasse. Essa senhora que acompanhava o cortejo pacientemente, ficou atordoada sem compreender o que estava acontecendo.

Já se haviam passado muitas semanas, e o corpo deveria estar em decomposição, mas segundo os relatos de moradores, não exalava nenhum odor. Contam ainda que esta mesma senhora posteriormente, enlouqueceu. Ficou com movimentos contínuo da cabeça. A cabeça balançava continuamente para um e outro lado, muito semelhante a um gesto de negação.

O filho de Adelaide, em sua fervorosa fé, e à revelia da Diocese de Tianguá, construiu uma capela dedicada ao louvor da própria mãe: Santa Adelaide. Carlos, indiscutivelmente, enquanto viveu, teve zelo na preservação dos locais destinados em definitivo a ela, em sua memória; manifestava assim, toda a iniciativa conceitual, a sagração de santa, em dedicação devotada e respeito ao prodigioso fenômeno do acontecimento de revelação do corpo santo.

É perceptível nos depoimentos de muitos moradores o espanto sobre o que aconteceu àquela senhora por causa da ausência de sua fé. Após a constatação de elementos que nos obrigam a todos a questionar sobre o por que aquele corpo não entrou em decomposição, ficamos a refletir também sobre o motivo do mal súbito daquela senhora. O que a levou a ter problemas mentais? Seria por não acreditar no corpo da

Santa? Não consegui encontrar evidências na pesquisa que pudesse elucidar os questionamentos feitos pela população daquela localidade.

O que de fato levou à conservação do corpo somente com uma investigação e análise de laboratórios se poderia encontrar uma possível resposta. Quanto ao caso da senhora que veio ao desequilíbrio mental, isso só foi relacionado aos poderes miraculosos da Santa Adelaide muitos anos depois, quando a história já ultrapassava em muito a fronteira das praias de Bitupitá.

Para alguns, foi uma espécie de castigo pela descrença, por questionar a fé que se deve ter. Para outros, foi apenas manifestação de problemas de saúde já existentes que, com aquele momento tenso, houve o afloramento. Mas, observa-se que muitos fiéis, em relação à Santa, conservavam e ainda cultivam uma afeição devotada, uma legítima veneração até os dias atuais. A propagação da devoção já ultrapassou a Serra Grande, norte do Estado do Piauí, Maranhão, e estende-se até Belém no Estado do Pará.



SANTA MARIA DA LIBERDADE: A MENINA SANTA DO RIO ENVIRA

Maria nasceu em uma colocação no interior do Seringal Liberdade, às margens do rio Envira, no final do século XIX. Conforme a pesquisa, seu nome completo era Maria do Livramento Sobralino de Albuquerque.

O Seringal está localizado no município de Feijó, a quatro dias de viagem de barco. Conforme depoimentos, a menina era franzina, de cabelos louros, muito atenciosa com seus familiares.

Nos seringais era bastante comum crianças terem acesso ao uso de armas de fogo. Nesse contexto, o irmão de Maria, brincando com uma espingarda, apontou e disparou na direção de Maria, e acertou do lado esquerdo de seu peito, causando um ferimento grave. Seguiram-se nove dias de agonia da menina no leito de morte. Nos últimos suspiros, Maria conseguiu dizer que perdoava seu irmão pelo acontecido por tratar-se de um acidente.

Com menos de dois meses do dia do acidente e após a morte da menina Maria, surgiram vários rumores da causa de sua morte, e moradores relataram sobre preces atendidas por ela. Milagres foram atribuídos à criança. Assim, o lugar de seu sepultamento passou a receber a visitação das pessoas atendidas em seus pedidos, que obtiveram suas graças.

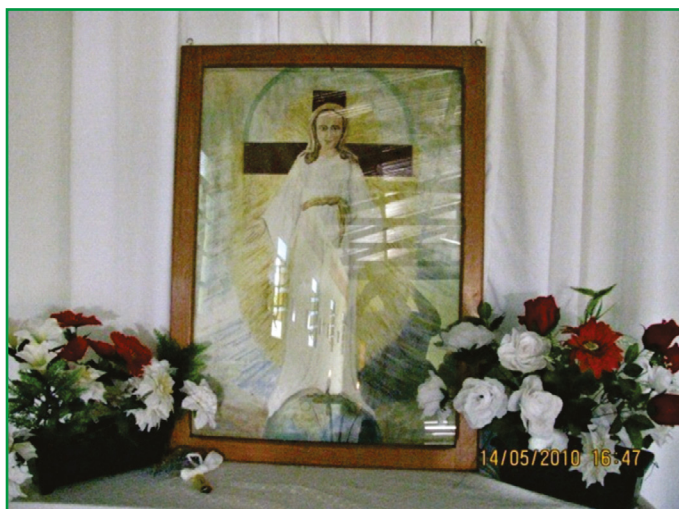
As peregrinações por várias localidades e rituais de pagamentos de promessas tornaram-se constantes. Os devotos passaram também a retirar a terra da sepultura da menina Maria e a usá-la para fazerem chás, pomadas e para colocar na água para beber.

Em pouco tempo, os inúmeros relatos levaram aquela menina a ser chamada de Santa Maria da Liberdade, devido ao citado Seringal onde ela nasceu.

Já no século XX, a família de Maria da Liberdade migrou para cidade de Feijó. Com isso, surgiu a possibilidade de se construir uma capela para a Santa Maria da Liberdade nesse município. Somente em 1975, um grupo de pessoas, juntamente com o pároco da cidade, deu início à construção da Capela da Santa Maria da Liberdade.

Evidencia-se um catolicismo popular fervoroso nos vales e rios amazônicos. O exemplo de Santa Maria da Liberdade é apenas um dentre tantos outros que existem nessa região. Nota-se assim, que as inúmeras beatificações populares integram a dinâmica religiosa popular da América Latina. Dessa forma, os devotos encontram nas santas uma maneira de dignificar suas vidas.

Imagem 3 - Santa Maria da Liberdade



Fonte: *G1 Acre* (2017).

A imagem de Maria da Liberdade é muito representativa e nos remete ao cristianismo primitivo. A dor, o sofrimento e o martírio são pontos cruciais para as beatificações desses(as) santos e santas. Tais condições estão presentes na história da beatificação de Maria da Liberdade, que nos informa sobre sua morte ter sido envolta em muito sofrimento e dor.



SANTA ADÉLIA DO VALE DO JURUÁ

Ahanseníase, ao longo dos séculos, ou por que não dizer, ao longo dos milênios, vitimou milhares de pessoas. Nos relatos bíblicos, era vista como castigo divino para quem deveria perecer na terra para pagar seus pecados. Conforme o trecho da Bíblia, em Mateus (8:1-13), está escrito:

Tendo Jesus descido da montanha, uma grande multidão o seguiu. Eis que um leproso se aproximou e prostrou-se diante dele, dizendo: Senhor, se queres, podes curar-me. Jesus estendeu a mão, tocou-o e disse: Eu quero, sê curado. No mesmo instante, a lepra desapareceu. Jesus então lhe disse: Vê que não o digas a ninguém. Vai, porém, mostrar-te ao sacerdote e oferece o dom prescrito por Moisés em testemunho de tua cura.

Percebe-se pelo texto bíblico que nos tempos antigos, a hanseníase era tida como um castigo e não vista como uma doença adquirida como tantas outras. Ao longo dos séculos, os pacientes acometidos por esse mal sofreram diversos tipos de tratamentos vexatórios, dentre eles o isolamento social em hospitais e colônias, denominadas de “leprosários”.

Adélia de Campos Sobral foi um dos inúmeros exemplos de pessoas que contraíram a doença ao longo de suas vidas nos seringais ou

nas regiões urbanas, na primeira metade do século XX. São vários os casos de pessoas que ao contraírem hanseníase, permaneciam no convívio familiar, ou em locais construídos pelos familiares para as isolarem ou as afastarem do contato com a família.

Quando surgiram os hospitais para acolher os acometidos pelo mal de Hansen, no território federal do Acre, no final da década de 1930 e início da década de 1940, para muitos pacientes a internação era muito dolorosa, por terem que se separar de seus familiares, fato que ficara na memória de muitos por toda a vida. Tratava-se de uma ida sem retorno, sendo assim, sabiam que nunca mais reencontrariam os familiares, que ficariam nos hospitais tomando algum remédio paliativo para aliviar as dores das enfermidades, até morrerem, pois não existia cura naquele momento para quem estava infectado com hanseníase.

A caso da jovem Adélia é um dentre vários ocorridos nas localidades do território acreano. Ela adoeceu e permaneceu no seio familiar durante muito tempo. Porém, segundo relatos, no decorrer dos anos, as infecções provocadas pela doença aumentaram, porque surgiram muitas feridas, atrofiamento dos dedos das mãos e dos pés. Nesse tempo da vida de Adélia, já existia um hospital para acolher doentes de hanseníase na cidade de Cruzeiro do Sul.

Adélia foi levada ao hospital, entretanto o estágio da sua enfermidade era muito avançado, com as infecções em um grau elevado, e a ausência de tratamento ou remédios fazia piorar seu estado de saúde cada vez mais. A paciente Adélia ao ser internada não teve grandes melhoras; a medicação era paliativa, já que não existia cura, somente algumas pomadas e pílulas para tentar amenizar suas dores e sofrimento.

A gravidade das enfermidades e as limitações de tratamento para a doença à época, tornava quase impossível proporcionar recuperação e alívio para Adélia. Com o passar dos anos, as infecções causaram mutilações em seus membros inferiores e superiores, tempo em que perdeu os dedos das mãos, e os seus pés ficaram atrofiados, tendo assim muita dificuldade em caminhar.

Durante quase cinco anos, Adélia viveu deitada em uma cama, levantava-se apenas para ir ao banheiro, porém, com muita dificuldade e

às vezes, somente com ajuda dos enfermeiros. Não conseguia se alimentar sozinha, pois não tinha mais nenhum dedo para segurar a colher. Contava com o auxílio de outras pessoas para conseguir fazer suas refeições.

Conforme a pesquisa, o caso de Adélia era comum a outros pacientes, muitos dos quais mutilados e com muitas enfermidades. No decorrer dos anos, as enfermidades de Adélia foram se agravando e ela passou a sofrer muito, pois eram muitas as dores pelo corpo. Suas costas eram só feridas, e ela não conseguia levantar-se da cama. Todavia, não reclamava, nem gemia, e quando indagada de sua situação, sempre dizia que tudo aquilo que estava passando fazia parte da vida.

Sua morte foi serena. Em uma tarde de agosto de 1945, ela dormiu e não acordou; quando os profissionais de saúde adentraram a enfermaria já a encontraram sem vida. Segundo os depoimentos da época, ela estampava um leve sorriso no rosto, como se contemplasse algo.

Acredita-se que o seu sofrimento em vida e a aceitação que demonstrava pela doença tornaram-na uma mártir. Para muitos hanseianos que se encontravam hospitalizados naquela ocasião, Adélia era um exemplo de resiliência e fé. Em nenhum momento reclamou ou ficou revoltada. Sempre manteve uma postura de resignação, com confiança e muita fé. Sua fé estava amparada por Nossa Senhora da Imaculada Conceição, fé absoluta que carregava desde o convívio nos seringais. Era esse fervor que alimentava suas esperanças e sua vida.

Os relatos dos primeiros milagres associados à Adélia surgiram logo após os primeiros meses de sua morte, entre indivíduos isolados no próprio hospital, onde ela viveu os últimos anos de sua vida.

Relatos apresentam as primeiras indicações de que Adélia tinha poderes miraculosos, tal como o caso de uma paciente bastante enferma, que se encontrava com muitas dores e infecções. Esta foi trocada de enfermaria, porque gemia muito alto, devido às fortes dores. Na ocasião, a enfermaria que havia sido de Adélia estava desocupada, então, levaram a enferma para a antiga cama de Adélia.

Ao ser colocada ali, a enferma pediu ajuda à antiga paciente hanseiana. Segundo relatos, ela acabou adormecendo; horas depois, acordou sem dores no corpo e nos ferimentos que no decorrer dos dias,

foram cicatrizando. Um mês depois que havia deitado na antiga cama de Adélia, estava com todas as lesões curadas. Acredita-se em um milagre, pois antes disso, a saúde da enferma era bastante delicada.

O segundo relato se refere a um acontecimento extraordinário com outro paciente do mesmo hospital em que Adélia ficara internada. Tendo ele um ferimento em um de seus olhos e sem a devida assistência de saúde, recorreu à Santinha, sendo curado três dias após o pedido do milagre. O homem ao lavar os olhos bem cedo, usando água morna e com a ajuda de um pano sobre o olho doente, seus olhos ainda molhados, ele passou o pano bem de leve sobre o olho afetado, e percebeu que algo aconteceu naquele instante, olhou sobre o tecido e viu um pequeno objeto estranho ali. Olhou com mais atenção e identificou uma pequena farpa de madeira; era essa farpa que lhe causara todo o seu sofrimento e dores. Logo compreendeu que suas orações haviam sido atendidas. Assim, com bastante cautela, a farpa do olho foi removida. Para o enfermo ele havia experimentado um fato extraordinário, já que as fortes dores na vista eram tidas como perda da visão. Esse paciente via Adélia como uma santa, pois ele não conseguia encontrar outras respostas para o ocorrido.

Ao longo dos anos, foram inúmeros os casos relacionados aos poderes santorais de Adélia; dessa forma, ela passou a ser conhecida em várias partes do vale do Juruá, como a santa dos desvalidos, a protetora dos enfermos de hanseníase e de outras doenças daquela região.



SANTA SEBASTIANA DA COLOCAÇÃO LUA NOVA

Sebastiana era uma mulher simples, trabalhadora, mãe de filhos; tinha uma vida dura no interior dos seringais. Acor-dava cedo, ajudava o esposo com os plantios, pescaria e demais afazeres domésticos. Morava na colocação Lua Nova, no seringal Icuriã.

A razão da morte de Sebastiana é algo muito comum no Estado do Acre. Casos de feminicídio constituem-se em uma herança negativa que vem desde o período da reocupação da região, hoje tida como Estado acreano. É uma história marcada por violência e agressão, em que tantas mulheres perderam a vida em detrimento de um machismo, que via e vê muitas mulheres como propriedades e não como esposas e companheiras. O que aconteceu com Sebastiana é um reflexo do que aconteceu com tantas outras mulheres nos seringais acreanos. Os relatos apontam para um período da história do Acre nos seringais em que a mulher era vista por muitos como mero objeto de desejo.

Conforme a pesquisa e segundo os relatos dos moradores daquela localidade, a morte de Sebastiana foi provocada por um vizinho. Repe-tidas vezes as pessoas da comunidade do seringal Icuriã afirmam que um vizinho era sempre violento em suas tentativas de manter relações sexuais com ela. No entanto, ela nunca falava disso para o esposo, nem da violência nem dos inúmeros assédios que sofria do vizinho, temendo

uma reação violenta por parte de seu marido. Acredita-se que ela imaginava que sua postura familiar acabaria por desencorajar as iniciativas do agressor.

Porém, com a passar dos tempos, os ataques tornaram-se frequentes e um dia, o esposo de Dona Sebastiana saiu para trabalhar na extração do látex nas estradas de seringa e posteriormente, fazer a colheita daquele leite. Nesse dia, Dona Sebastiana estava indisposta, com dores nas pernas, e não foi ajudá-lo. Ficou em casa, juntamente com seus filhos, fazendo o almoço.

O vizinho mais uma vez, aproximou-se da casa e percebeu que o esposo de Dona Sebastiana estava ausente. Diante da situação, tentou aproximar-se daquela senhora; acercava-se dela por todos os lados, intimidando-a com uma faca na mão, querendo manter relações sexuais com ela. Após um período de insistência, a mulher não aceitou e não concordou com as pretensões do agressor. Mais uma vez, esquivou-se e procurou fugir das investidas do vizinho. Diante da negativa, ele tornou-se agressivo; na tentativa de fugir, Dona Sebastiana, trazendo consigo uma criança de colo, foi alcançada pelo agressor, quando ele lhe desferiu vários golpes de faca levando-a à morte. Segundo os relatos dos filhos da vítima, mesmo depois de morta, o agressor ainda manteve relações sexuais com ela.

Quando o esposo de Dona Sebastiana retorna de seus afazeres, encontra a cena dolorosa e triste do corpo da esposa estendido no chão, todo ensanguentado, e ao seu redor encontravam-se as crianças chorando, a mais nova, que a mãe procurou proteger, ainda estava sobre a mãe, já sem vida. Mesmo percebendo que os ferimentos eram graves, tentou por várias vezes reanimá-la, mas não teve sucesso. Mediante as tentativas de socorro, constatou-se que as perfurações tinham sido nas costas, ferimentos que, mesmo após várias horas de sua morte, continuavam sangrando.

De acordo com o levantamento dos dados, o assassinato ocorreu no início de novembro de 1978. A morte de Sebastiana comoveu toda a população daquela região. Para muitos Sebastiana lutou como uma heroína contra o agressor.


Na ocasião de sua morte, Sebastiana era uma mulher ainda muito jovem; deveria ter entre 25 e 26 anos de idade. Era bonita e muito sorridente, uma mãe zelosa, carinhosa com o esposo e os filhos; na vizinhança todos gostavam dela.

A lembrança que permaneceu ali é de que Sebastiana era um exemplo para muitas mulheres, e não cedeu aos ataques do abusador. Com o passar do tempo, percebeu-se que algumas flores ou ramos de árvores depositados na sepultura dela não secavam, mesmo em períodos secos. Nos seringais acreanos existe uma tradição de que quando existe cemitérios ou sepulturas próximos aos varadouros, as pessoas ao passarem colocam ramos ou algumas folhas sobre as sepulturas, como um sinal de respeito aos mortos.

Ao longo dos meses e anos, observava-se que os ramos e flores sobre a sepultura de Dona Sebastiana estavam sempre verdejantes, e começam a surgir relatos de milagres na região e fora do seringal em que ela estava sepultada. Em poucos anos, surgiram vários relatos de milagres e curas de doenças e enfermidades. Para alguns, Sebastiana tornou-se uma Alma Milagrosa e para outros, Santa Sebastiana da Lua Nova. Sua sepultura tornou-se lugar de peregrinações, onde ocorriam pagamentos de promessas, um local onde se depositavam muitas velas, cruzeiros, roupas, fotografias e ex-votos, em um movimento de construção de uma devoção popular.

Percebe-se nessa construção do sagrado popular quem escolhe quem na devoção? Tudo nos leva a crer que quem escolhe é o santo(a) e não o devoto. O santo popular muitas vezes, viveu juntamente com o devoto, sabia e sabe das dificuldades cotidianas dele e, em algum momento, o santo se manifesta para o devoto, de maneira muito sutil.

As manifestações às vezes, são em forma de perfumes florais, também por sonhos e outras vezes, são sinais tão sutis que somente o próprio devoto pode compreender e identificar.



A PADROEIRA DAS PARTEIRAS NOS SERINGAIS SANTA RAIMUNDA DO BOM SUCESSO

Um olhar atento para as práticas devocionais dos seringueiros ajuda a perceber semelhanças e diferenças com as práticas devocionais trazidas para o Acre, quando vieram do Ceará.

No catolicismo popular, a figura do intermediário entre Deus e os homens são os santos. As circunstâncias da vida dos seringueiros acabaram trazendo os santos para dentro do seu cotidiano. A proximidade é tão forte, que os santos parecem habitar o mundo dos seringueiros. É notável essa grande aproximação das entidades santorais com o cotidiano dos seringueiros. Comparo a fé e a confiança que os seringueiros depositam nos “santos” com os galhos e ramos das árvores da floresta, pois, em dados momentos, as copas das árvores estão nas alturas, longe de suas cabeças e corpos e, em outros, essas tocam seus corpos e cabeças. Quando estão trabalhando, sentem-se protegidos pelos santos de suas devoções, pois acreditam que eles estejam presentes na floresta, junto a eles.

Nos momentos de aflição ou perigo, ao recorrerem ao auxílio dos santos e santas devocionais existentes na floresta, sentem ser atendidos quase de imediato. A impressão que eles têm, repassadas por seus relatos, é a de que a entidade (santo ou santa) já estava esperando o pedido de socorro. A fé nos santos é tão forte que até parece tocar, segurar e

proteger o pedinte, daí a imagem sugerida de que o recebimento dos milagres se representa por ramos de árvores da floresta, que por vezes tocam o corpo do seringueiro que caminha na estrada de seringa.

A religiosidade popular é um dos elementos mais fortes e presentes em sua cultura. Décadas se passaram, mas a fé e as devoções não perderam a força, pelo contrário, se intensificaram. A confecção de objetos para simbolizar os santos, tais como amuletos elaborados com terra das sepulturas dos santos; as folhas secas das árvores encontradas sobre as sepulturas que são usadas como remédio; ao longo do ano, foram incorporadas às práticas devocionais dos seringueiros.

No decorrer da pesquisa, encontramos vários santos e santas venerados em todos os vales do Acre, perfazendo um total de oito.

No vale do alto rio Tarauacá, parte central do Estado, existe uma devoção bastante acentuada à Santa Maria da Liberdade. A capela com a sepultura de Maria da Liberdade está situada na margem desse rio, no seringal Liberdade. Para os devotos a Santa Maria da Liberdade tem grandes poderes. Segundo depoimentos, sua morte foi envolta em mistérios, pois foi morta ainda muito jovem, com quatorze anos de idade, por um tiro acidental, desferido pelo irmão mais velho. Todos os anos, dezenas de devotos sobem o rio Tarauacá, em canoas ou pequenos barcos, para pagarem suas promessas na sepultura dessa Santa. Os devotos, após pagarem suas promessas e renovarem a fé, levam também um pouco da terra da sepultura para fazerem chá ou para colocarem sobre a região do corpo afetada por alguma doença, pois, para a maioria dos visitantes da sepultura de Maria da Liberdade, a terra ali é milagrosa.

Na fronteira com o Peru, no vale do rio Jordão, existe outra devoção dedicada às Santas Almas de Nova Olinda. Essa devoção tem muitos adeptos e há muitos relatos de milagres entre os seringueiros. Um depoimento conta que três jovens foram mortos por indígenas, na década de 1930, às margens de um igarapé, localizado no seringal Nova Olinda, muito distante de qualquer tipo de habitação, como é ainda hoje. Os corpos dos três rapazes não sofreram decomposição enquanto estavam sendo procurados. Quando um grupo de seringueiros os encontrou, grande foi a surpresa, pois os corpos estavam intactos, como se

tivessem sidos mortos há poucas horas. Foram sepultados na margem de um pequeno igarapé, afluente do rio Jordão.

Meses depois do sepultamento dos jovens, surgiram os primeiros relatos de milagres, no vale do rio Jordão. Todos os anos, no período de verão, centenas de devotos em peregrinação se dirigem ao local da sepultura para pagarem suas promessas. Segue-se ao ritual um banho no igarapé, por acreditarem que aquela água é sagrada e que possui grande poder de cura, razão pela qual os devotos levam pequenas porções do líquido para suas casas, para usarem quando houver necessidade.

Outro santo cultuado no vale do rio Acre é São João do Guarani. Segundo depoimentos, este Santo foi seringueiro, tendo trabalhado de forma exaustiva no seringal que lhe rendeu o nome. Um dia, após uma exaustiva jornada de trabalho, o extrativista carregava nas costas paxiúba³ para construir uma casa, quando não aguentou e caiu com o feixe de paus, morrendo no local. Os seus companheiros de trabalho, sem alternativa, o sepultaram ali mesmo. Segundo os depoimentos de moradores antigos da localidade, os primeiros milagres aconteceram pouco depois de um mês do sepultamento do seringueiro.

Outro relato conta que um seringueiro se perdeu na mata e, depois de vagar por três dias dentro da floresta, perdido, se achou no local da sepultura e percebeu uma enorme cruz de madeira roliça ali fincada. Nesse momento, o seringueiro fez um pedido para encontrar o caminho de volta para sua casa; depois que fez o pedido, conseguiu reconhecer a floresta, podendo assim reencontrar sua casa. Conseqüentemente, foram surgindo vários outros relatos de graças alcançadas, o que, com o passar dos anos, tornou crescente a fé e a devoção ao santo, que aumentou de forma vertiginosa.

Porém, a pesquisa se fixa na devoção de Santa Raimunda do Bom Sucesso, cultuada e venerada por seringueiros no Acre. As primeiras informações que se tem sobre ela vieram de seringueiros do seringal Icuriã, localizado no vale do alto rio Acre, situado próximo ao município de Assis Brasil, formado por volta da década de 1910. A

⁷ Tipo de vegetação, cujo tronco é usado para fazer edificações na floresta.

trajetória da Santa Raimunda é muito parecida com a de tantas outras Raimunda's, mulheres migrantes do Ceará, com seus esposos, saindo de uma região seca, em busca de uma vida melhor e menos dolorosa nos seringais.

A senhora Raimunda Maria da Conceição, juntamente com seu esposo, Antônio José, e dois filhos, chegaram ao vale do rio Acre, advindos do sertão cearense, em 1906, indo morar no seringal Icuriã, na colocação de seringa denominada Bom Sucesso. A família de Raimunda Maria da Conceição era pequena, composta pelos pais e dois filhos, e todos foram incorporados à atividade extrativista. Antônio fazia os cortes para a extração do látex, e ao fim do dia, Raimunda ajudava a coletar o leite e a defumar. O relato de Paulo Klein fala da morte de Raimunda:

Raimunda se encontrava no nono mês de sua terceira gestação, mas continuava fazendo seu trabalho, juntamente com o seu marido. Certo dia, ao retornar para casa, Raimunda carregava o látex, colhido pelo casal. Cansada da carga e, também, da sua gestação, já não conseguia mais andar tão rápido; o marido, porém, apressado deixou-a para trás. Ele resolveu voltar e encontrou-a morta, pois tinha entrado em trabalho de parto e não tinha quem a socorresse, e vencida pelo cansaço, Raimunda descansou eternamente. Após ter encontrado seu corpo, o marido procurou a ajuda dos vizinhos para que ajudassem a levar o corpo da mulher até a sua casa. Tentaram várias vezes carregar o corpo, mas não conseguiram, porque era muito pesado e eles não tinham força suficiente para carregar. Assim resolveram sepultar ali mesmo (Klein, 2002).

A vida difícil que os seringueiros levavam extraíndo o látex, vitimou inúmeros homens e mulheres, alguns dos quais sucumbiram nas duras jornadas de trabalho nas estradas de seringas, fustigados pelo cansaço e pela fome; feridos por animais peçonhentos ou por doenças tropicais, “adormeceram” ou “descansaram”, porém, com o passar dos anos, muitos, por razões desconhecidas, passaram a ser invocados em situações extremas. Não tardou a circular relatos de cura atribuídos a eles.

A religiosidade não é dada, mas construída lentamente, fato ocorrido com os seringueiros no Acre. Moisés Santos, em sua obra *A religião popular portuguesa*, a caracteriza assim:

O sistema religioso goza de uma certa autonomia em relação à instituição eclesiástica, ainda que ambos tenham traços comuns e estejam por vezes ligados. A religião popular não está, exclusivamente, associada a uma classe social, econômica e culturalmente pobre; ela liga-se, sim, a um tipo de cultura que se transmite nas relações de vizinhança e na memória coletiva. Distingue-se do sistema erudito, aprendido no catecismo ou nas faculdades de teologia; tal como a cultura popular, difere da cultura aprendida na escola ou das classes dominantes. Finalmente, a religião popular é espontânea, de criação coletiva e pertence ao fundo cultural da comunidade ou de uma classe popular homogênea, enquanto a religião católica e dominante obedece a esquemas intelectuais cuja trama é uma dogmática, rígida e erudita (Santos, 1990, p. 17).

Após a morte da senhora Raimunda, que foi sepultada onde morreu, passados poucos meses do seu sepultamento, ocorreu algo inédito: as pessoas que passavam pelo local da sepultura de dona Raimunda sentiam um adocicado perfume de rosas. Os seringueiros reconheceram nisso um fato extraordinário, como o envio de uma mensagem muito clara. Raimunda, seringueira como eles, tendo experimentado em vida, as mesmas dificuldades, com aquele sinal dizia querer protegê-los e revelava ter permanecido entre eles.

São várias as versões sobre a vida e a morte de Raimunda Maria da Conceição, a Santa Raimunda do Bom Sucesso. O senhor Francisco Marques de Araújo, nascido e criado no seringal Icuriã, na colocação de seringa Primavera, oferece um breve depoimento sobre Santa Raimunda do Bom Sucesso:

Desde criança, que me entendi no mundo, e a me entender por gente, conheci a história da Santa Raimunda do Bom Sucesso. Daí, eu fui crescendo naquele sistema de acreditar que existia aquela Santa. O que eu sei sobre Santa Raimunda é que ela era

uma pessoa muito humilde e naquela época, os maridos opriam as mulheres e o marido dela colocou ela para carregar um feixe de paxiúba, e ela estava grávida, e com essa carga que ela estava carregando, caiu e machucou a criança e daí morreu. Por algum conflito das pessoas que se acharam, e fizeram uma promessa com a alma da Santa Raimunda e foram validos. Daí começou a história que ela, por ser tão humilde, se santificou, e as pessoas começaram a fazer promessas para Santa Raimunda e foram atendidos. Todos que vêm pagar promessas receberam alguma graça da Santa⁴.

Outra versão sobre Santa Raimunda foi concedida pela senhora Antônia Oliveira de Almeida, nascida no seringal Caquetá. Atualmente, esta senhora reside no bairro Taquari, na cidade de Rio Branco, permanecendo ali há nove anos, sendo devota da Santa Raimunda há sete. Em seu relato, afirma:

O que eu sei sobre a história da Santa Raimunda do Bom Sucesso é que ela era uma mulher seringueira, cearense, esposa de seringueiro. Uma seringueira que trabalhava todos os dias com o marido, nas estradas de seringas, ajudando-o em tudo e, quando engravidou do terceiro filho, continuou trabalhando com o marido. Dizem que ele era muito ruim pra ela. Ela saía de madrugada com ele na chuva e no frio, mas ela tinha que ajudar o marido no corte da seringa. Meu pai e minha mãe contavam quando ela estava no mês de ganhar a criança, continuou trabalhando com o marido. Estava com a barriga muito grande e pesada, tinha que continuar trabalhando todos os dias. Tinha dificuldades para caminhar, estava com as pernas muito inchadas, tinha que subir e descer ladeiras, atravessar igarapés. No dia que entrou em trabalho de parto estava na estrada de seringa, longe de casa. Se sentiu mal, estava sozinha, não conseguiu mais andar, caiu por cima da criança, teve uma hemorragia muito grande, não conseguiu ter a criança e morreu de parto, sozinha no meio da estrada de seringa. Quando o marido chegou em casa e ela não chegou, foi atrás dela e encontrou já sem vida, estava morta no meio da estrada de seringa. O marido não conseguiu levar ela para casa, chamou os

⁴ Entrevista concedida por Francisco Marques de Araújo, morador do bairro Cidade Nova, em Rio Branco - AC, em 20.03.2011.

vizinhos, velaram ela ali mesmo onde morreu, e sepultaram do lado da estrada de seringa.⁵

Outra depoente, a senhora Sônia Maria Araújo Bessa, devota há 40 anos da Santa Raimunda do Bom Sucesso, declarou que é comum ouvir dos seringueiros que moravam no mesmo seringal, o seguinte relato sobre Dona Raimunda:

As pessoas mais antigas dizem que a Alma do Bom Sucesso era uma senhora muito bondosa, acolhia as pessoas em sua casa e, por morar numa localidade que sempre passavam várias pessoas, por dia, também dava de comer às pessoas que chegavam a sua casa. Certo dia, foi com seu marido para o corte da seringa e, por volta das duas horas da tarde, já de volta e cansada, começa a andar mais devagar, seu marido apressado, segue na frente e deixa ela sozinha. Foi, então, que a alma do Bom Sucesso entrou em trabalho de parto e, por não ter ajuda de ninguém, não conseguiu dar à luz a seu filho e morreu no local. Como ela não chegou, seu marido foi ao seu encontro, quando encontrou, ela já estava morta; ele saiu, então, atrás de ajuda pela vizinhança e quando chegaram de volta ao local, não conseguiram remover o seu corpo, porque pesava muito, então sepultaram onde ela estava.⁶

São muitos e variados os relatos, mas há entre eles muitas convergências. Sem dúvida, Raimunda foi uma mulher simples, como tantas outras Raimunda's e Maria's que habitaram o interior da floresta, eram possuidoras de muita coragem e, sobretudo, tinham muita fé. A vontade de vencer as mazelas da floresta, a fome, a ausência de recursos financeiros, eram os motivos que as levavam a estarem sempre próximas ao esposo, para auxiliá-lo.

As circunstâncias de sua morte, a vida de sacrifícios e, certamente, a sua bondade facilitaram o reconhecimento de sua santidade pelos seringueiros. O perfume que exalava de sua sepultura era o sinal

⁵ Entrevista concedida por Antônia Oliveira de Almeida, moradora do bairro Taquari, na cidade de Rio Branco - AC, em 18.03.2011.

⁶ Entrevista concedida por Sônia Maria Araújo Bessa, moradora do bairro Cidade Nova, Rio Branco - AC, em 19.03.2011.

que faltava. Num curto espaço de tempo, começam a surgir os primeiros relatos de milagres realizados por Santa Raimunda.

Não foi difícil depositar confiança e acreditar em Santa Raimunda. Em pouco tempo, ela se tornou protetora dos seringueiros, alguns dos quais argumentavam e até dias atuais argumentam que Raimunda é alguém de seu convívio, conhecedora das dificuldades e dos problemas vivenciados por todos aqueles que habitam a região do alto rio Acre. Assim, Luiz Barros da Silva diz:

A Santa Raimunda do Bom Sucesso é uma padroeira para nós seringueiros, que moramos na floresta. Acredito que ela protege os seringueiros e todos aqueles que moram na floresta, por saber e ter conhecimento das nossas dificuldades, que enfrentamos no dia a dia, dentro das matas. Tenho tanta fé em Santa Raimunda, que nunca saio de casa sem pedir a proteção dela, para me guiar, proteger, me defender dos perigos que existem dentro da floresta. Vejo Santa Raimunda como uma mãe que protege o filho, uma mãe que sempre quer o melhor para os filhos [chora]. Minha fé por ela é tão grande que não tem ninguém que possa mudar. Todo dia 15 de agosto, sigo a procissão até a sepultura dela, acendo velas e depois da missa, sempre, rezo um terço, agradecendo por todas as coisas boas que ela coloca na minha vida.⁷

As vidas dos santos constituem-se num importante meio de transmitir o sentido da fé cristã. Desde os primórdios do cristianismo, os santos se fazem presentes, e sua santidade é reconhecida como excepcional por cristãos de todas as denominações.

No passado e no presente, as sepulturas de entes queridos foram veladas por motivações talvez, desconhecidas pela ciência, mas reconhecidas pela fé. Gradualmente, as sepulturas tornaram-se lugar de peregrinação, onde igrejas foram construídas para abrigar os devotos e acolher os ex-votos dos mesmos.

Para os devotos, os ex-votos representam uma entrega de si mesmo para a santa. Marcelo Oliveira diz que as simbologias existentes entre os ex-votos e os peregrinos vão muito além do ato de fazer e pagar uma promessa, pois:

⁷ Entrevista concedida por Luiz Barros da Silva, na cidade de Assis Brasil - AC, em 16 de julho de 2011.

O devoto recria, dá novos significados a sua fé, por meio, por exemplo, do ex-voto que retrata a vivência da fé no santo, e se faz memória presente do problema solucionado. Os ex-votos podem representar mais que uma cura ou a aquisição de algo; muitas vezes, representam mudanças de vida (Oliveira, 2011, p. 91).

É possível perceber a relação de carinho entre devotos e ex-votos. Em cada ex-voto deixado na sepultura de Santa Raimunda estão presentes vestígios de superação visível, marcas deixadas em cada peça confeccionada por eles mesmos. Em cada membro do corpo físico, representado nos ex-votos, nota-se uma aproximação e uma semelhança que o fiel tenta deixar para Santa Raimunda. Nesse sentido, Oliveira diz:

Ele acredita que seus desafios e suas chagas sejam, também, as lutas e sofrimento do santo. A superação dos obstáculos, motivada pelo santo, quebra todos os cadeados, torna o devoto livre e capaz de romper todas as barreiras, confere um poder de sobrevivência e apoio ao peregrino, que sofre dificuldades semelhantes. [...] Os ex-votos refletem as ameaças, mutilações, agressões e sofrimento, mas também, é um grito em silêncio de denúncia, contundentemente, sobre as condições da vida (Oliveira, 2011, p. 101-102).

Por meio dos ex-votos, incluindo os artesanais, percebe-se com que frequência os devotos recorrem aos poderes milagrosos de Santa Raimunda. São evidências de pedidos de socorro, talvez, pela vida sofrida que levam, ou pelas inúmeras doenças de que são acometidos, possivelmente, pela ausência de atendimentos médicos ou de unidades de saúde. Essas condições têm motivado os devotos a buscarem socorro na Santa Raimunda do Bom Sucesso, como se pode constatar mediante os inúmeros ex-votos deixados pelos devotos nos pagamentos de promessas nas imagens registradas.

Imagem 4 - Ex-votos deixados pelos devotos,
na capela de Santa Raimunda do Bom Sucesso



Fonte: Acervo do autor (2011).

Muitos ex-votos deixados na capela de Santa Raimunda do Bom sucesso são artesanais. Podemos encontrar muletas, cabeças, pernas, seios, fotografias e xilogravuras. A confecção de artefatos é realizada pelos próprios devotos, embora haja outros que pagam para artesões elaborarem as peças. Os ex-votos representados por fotografias são uma maneira encontrada por muitos devotos para aproximar sua fé e devoção de suas vivências e, ao mesmo tempo, retratar a vida cotidiana, seus aspectos físicos, estatura, cor e idade. As fotografias também são uma maneira de aproximar a realidade do devoto de sua devoção. Nota-se que os ex-votos, ao serem feitos, preservam traços dos devotos e representam os membros do corpo humano que estiveram enfermos, mas que foram curados por meio da interferência dos poderes santorais de Santa Raimunda. Para a pesquisadora Duarte, os ex-votos artesanais são bastante diversificados:

Observando essas esculturas, independente dos resíduos formais e simbólicos, transmitidos através de várias culturas e suas tradições, no contexto da catolicidade, observam-se traços de semelhanças continuadas nessa estatutária de fé. [...] Demonstram que são feitos com ausência de conhecimento estrutural e técnico. A carência desses quesitos leva, sem dúvida, à simplificação da forma, dando às peças, soluções muitas vezes consideradas grosseiras e toscas. A estranheza causada por esse conjunto de desproporções e distorções, somadas à sua finalidade, dão a essas peças miraculosas, uma pluralidade de sentidos, de beleza estética única (Duarte, 2011, p. 185).

Os ex-votos artesanais não seguem padrões definidos, baseados em estética ou beleza. O devoto, ao lapidar sua escultura ex-voto, tenta representar de alguma maneira, um pouco de sua vida, do sofrimento durante a doença e o processo de cura. Oliveira diz:

Essa prática de depositar os ex-votos, depois de conseguir vencer os males ou as dificuldades, acontece nos momentos de instabilidade, desespero, dor, inoperância das soluções humanas. Nos ex-votos, comprova-se a resposta aos problemas pessoais e de agrupamento em favor do devoto, atribuída ao santo (Oliveira, 2011, p. 108).

Nos ex-votos deixados na capela de Santa Raimunda pode-se observar um pouco da trajetória de vida de dezenas de devotos. São homens e mulheres que estiveram acometidos das mais variadas moléstias, acidentes de trabalho, gestações complicadas e, ao mesmo tempo, indicam a existência de dezenas de devotos que sofrem com inúmeras doenças e conseguem encontrar curas, pois, ao deixarem seus ex-votos, deixam também registrados suas superações, intermediadas pela fé e devoção popular à Santa Raimunda.

Estando na capela de Santa Raimunda do Bom Sucesso, no dia 15 de agosto de 2011, foi possível constatar a presença de centenas de devotos que buscam o local da sua sepultura para deixar ex-votos e acenderem velas, como parte dos pagamentos pelas promessas alcançadas.

Para os devotos de Santa Raimunda, o ato de acender velas é um ato de agradecimento e ao mesmo tempo, de renovação para suas vidas.

O devoto encontra razão para viver, pela fé e devoção à Santa Raimunda. Nas imagens se ilustra um pouco da crença do devoto nos poderes santorais de Santa Raimunda, bem como o respeito externado em manifestações de carinho e apreço a ela.

Imagem 5 - Devotos pagando promessas, acendendo velas na capela de Santa Raimunda do Bom Sucesso



Fonte: Acervo do autor (2011).

Quando se tem presente o contexto social, cultural e religioso, é possível compreender porque o povo canonizou Santa Raimunda do Bom Sucesso. Nesse sentido, foram identificados alguns pontos que ajudam a entender o que ocorreu para que Dona Raimunda se tornasse santa. Em primeiro lugar, o fato de ser Raimunda uma mulher pobre e mãe sofredora, como tantas outras mulheres dos seringais acreanos que, ao entrar em trabalho de parto, se viu entre a vida e a morte.

O segundo fator é a fé dos seringueiros, pois Santa Raimunda do Bom Sucesso pode ser vista mediante a resignificação de Maria, a mãe

de Jesus, uma mulher pobre, sofredora e mãe, que sofreu com a morte do filho. Raimunda sofreu e morreu por não conseguir dar luz ao filho, portanto, ambas sentiram, no próprio corpo, a dor da perda desse ente tão querido.

Uma terceira explicação se pode inferir das entrevistas, da admiração dos devotos, por suas declarações sobre a rapidez com que seus pedidos são atendidos pela Santa, sinais estes inequívocos da proximidade dos devotos com a santidade de Raimunda.

Como quarta demonstração está o processo de ressignificação das duas imagens de Santa Raimunda. Na pesquisa, constata-se que ela era de origem nordestina, porém, na Imagem 6, retrata-se Santa Raimunda do Bom Sucesso não como uma mulher nordestina, mas como uma mulher indígena, de cabelos, olhos, vestimentas e figura de mulher oriunda da nação Ashaninka.

Imagem 6 - Santa Raimunda do Bom Sucesso (pintura em tela)



Fonte: Acervo do autor (2010).

Vê-se na imagem de Santa Raimunda do Bom Sucesso uma representação da mulher nordestina, com traços indígenas, portanto, uma caracterização da cultura de povos originários. Ao desenhá-la assim se reportam a uma representação do sofrimento das mulheres indígenas da Amazônia, com os pés descalços, pisando sobre a terra, segurando uma criança no colo e com seu olhar cativante, às margens de um igarapé. A pintura retrata um amanhecer na floresta, com o sol surgindo no horizonte, representando, de forma significativa, o cotidiano daqueles que habitam as matas e, por outro lado, simbolizando também a vida de tantas mulheres que morreram, buscando dar sustento e proteção para seus familiares e filhos menores.

Imagem 7 - Santa Raimunda do Bom Sucesso (I)



Fonte: Acervo Airton Chaves da Rocha (2010).

A segunda imagem é uma estátua de gesso, medindo aproximadamente, 1 metro e 60 centímetros de altura, confeccionada por um artesão peruano. É possível observar que existe uma diferença entre a pintura e a estátua. O escultor ao confeccionar a imagem de Santa Raimunda do Bom Sucesso, incorporou traços diferentes da imagem na pintura. A escultura apresenta Santa Raimunda do Bom Sucesso com uma fisionomia mais aproximada dos traços físicos de uma mulher peruana. São ali notados traços de uma mulher de cabelos longos, pescoço alongado, nariz um pouco afilado, olhos claros e lábios finos. A estátua de gesso de Santa Raimunda do Bom Sucesso pode estar ligada a uma representação das mulheres peruanas.

Imagem 8 - Rosto de Santa Raimunda do Bom Sucesso (II)



Fonte: Acervo Airton Chaves da Rocha (2010).

Ao analisar a Imagem 8, com o rosto de Santa Raimunda do Bom Sucesso, é perceptível que o artesão peruano, ao confeccionar sua escultura, retratou a imagem de uma mulher que não pertenceu aos seringais

ou aos descendentes nordestinos. Por meio da oralidade regional, muitos depoentes descreveram os traços físicos de Raimunda como mulher morena, baixa estatura, magra e que usava os cabelos presos em um coque, no alto da cabeça.

Por essa forma de descrição, percebe-se que a imagem de Santa Raimunda, com traços de uma mulher peruana, foi uma maneira que o artesão peruano encontrou de representar e dignificar a vida de tantas mulheres sofredoras peruanas, mediante a associação com a vida e labuta da Santa.

Nesse contexto, pode-se afirmar que o artesão, ao ressignificar a Santa Raimunda do Bom Sucesso em uma mulher branca com cabelos longos, foi também uma forma encontrada para aproximar a imagem de Santa Raimunda do Bom Sucesso com a virgem Santa Rosa de Lima, padroeira do Peru.



RELATOS DE MILAGRES DA PADROEIRA DAS FLORESTAS NA FRONTEIRA BRASIL-PERU

No desenvolvimento da pesquisa, foram encontrados vários indícios das graças alcançadas pelos seringueiros, conhecidas popularmente por eles como “milagres”. Os milagres foram graças alcançadas em momentos de desespero, dentro e fora da floresta. Na maioria dos depoimentos, os milagres foram alcançados pelas pessoas em circunstâncias desesperadoras, quando acometidas por doenças incuráveis, em partos difíceis, picadas de cobras na floresta, doenças estomacais e febres.

As curas são atribuídas à santa Raimunda, como realizadora dos “milagres”. Segundo os seringueiros, Raimunda do Bom Sucesso, do seringal Icuriã, colocação Bom Sucesso, é santa. A fala de um de seus devotos, Francisco Pereira de Araújo, deixa transparecer a fé e a devoção que tem por Santa Raimunda.

Eu já fiz duas promessas para Santa Raimunda e fui atendido. A primeira promessa que eu fiz está com 16 anos. Eu tinha uma doença no intestino que não ficava bom nunca, nenhum remédio, médico, nada fazia melhorar, até que um dia, fiz a promessa, e graças a Deus fiz e fui curado, fiquei bom sem tomar nenhum remédio, nem chá. A outra promessa que eu fiz para Santa Raimunda está com dois anos; eu caí e machuquei o joelho, doía

muito, inchava muito, eu fui ao médico duas vezes e não ficava bom. Os remédios não serviam nada, aí, fiz uma promessa para Santa Raimunda do Bom Sucesso e graças a Deus, hoje estou sadio e ando pra todo lugar e não sinto nada. Então, a gente sabe que ela é Santa e Deus dá o poder de ela fazer milagres, e graças a Deus que com o consentimento Dele, ela me atendeu e eu me sinto curado pelas duas aflições que eu me encontrei, e hoje eu estou curado. Já fez 16 anos que eu fiz a primeira promessa, e dois anos que eu fiz a segunda e, graças a Deus, pra mim tem sido válido, pois hoje me sinto uma pessoa sadia. E é justamente por causa das promessas que eu fiz e fui atendido com os milagres que acredito que ela é mesmo uma santa.⁸

O senhor João Firmino de Souza, em seu relato sobre a Santa Raimunda do Bom Sucesso, diz ser devoto há oito anos. Afirma que todas as vezes que se valeu da Santa Raimunda, com suas promessas, foi retribuído com milagres.

A promessa que eu fiz para a Santa Raimunda do Bom Sucesso foi para minha filha. Eu tenho uma filha, que hoje está com 20 anos e essa minha filha, até a idade de uns 10 para 11 anos, ela era sadia e, por algum motivo, ela adoeceu e chegou, como diz o ditado popular, ao fundo do poço. Justamente com essa chegada ao fundo do poço, a minha separação com a mãe dela, a nossa filha ficou ainda mais doente e até hoje a medicina ainda não descobriu o que ela tem. As pessoas falam que é depressão, enfim, são tantas as hipóteses de doença que ela tem. É claro, mesmo assim ninguém sabe dizer o que ela tem mesmo. Foi quando em 2005, ouvi falar dos milagres da história da Santa Raimunda. Eu fiz uma promessa: que se minha filha voltasse à normalidade da vida, melhorasse, eu ia começar pagar uma penitência para Santa Raimunda. Só, que eu fiz a promessa e não esperei o resultado. Logo em seguida, comecei a pagar essa promessa. Hoje a minha filha já está com 20 anos, já concluiu o segundo grau, está se preparando para fazer um vestibular. A gente não força muito a barra, porque ela é uma pessoa limitada e, enfim, deu certo, tive minha promessa atendida. Para mim foi válido. Porque a gente percebe e lembra todo dia 15 de agosto, presenciei lá quase

⁸ Entrevista concedida por Francisco Pereira de Araújo, morador do bairro Triângulo Novo, Rio Branco - Acre, em 20.03.2011.

três mil pessoas que vão pagar promessas, não vão caminhar por caminhar, vão caminhar porque fez uma promessa e alcançou um objetivo ou tem certeza que vai alcançar um objetivo e, assim como essas pessoas, eu também fiz isso e graças a Deus, consegui. Eu acredito que a Santa Raimunda intercedeu muito na saúde da minha menina. Eu fiz essa promessa, porque promessa para mim é buscar a fé, é a busca de um objetivo, principalmente, quando eu falo da minha filha. A gente quer tudo na vida, menos um filho doente, e a minha filha, em três momentos da vida dela, foi difícil. É até difícil a gente ver uma pessoa sadia e de uma hora para outra... acredito que hoje ela está boa, graças à intercessão de Santa Raimunda na vida da minha filha.⁹

Imagem 9 - Dona Zulina, devota de Santa Raimunda, rezando na capela de Santa Raimunda do Bom Sucesso



Fonte: Acervo do autor (2011).

⁹ Entrevista do senhor João Firmino de Souza, na sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso, município de Assis - AC, no dia 19 de março de 2011.

Imagem 10 - Pai e filha, vestimenta de 1ª comunhão, pagando promessa, rezando e acendendo velas, na capela de Santa Raimunda do Bom Sucesso



Fonte: Acervo do autor (2010).

De acordo com os entrevistados, aqueles que visitam a sepultura da Santa estão retribuindo algum tipo de milagre. A propagação considerável dos milagres se deu na primeira década dos anos 2000. Constatou-se, a partir de então, um crescimento vertiginoso do número de devotos, que visitam e pagam promessas no túmulo de Santa Raimunda. As imagens demonstram a circularidade de fieis na sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso.

As fotografias também retratam um pouco das experiências compartilhadas dos devotos com Santa Raimunda. Diante desse aspecto, percebe-se que o momento é de encontros e reencontros reveladores em suas vidas, quando o devoto entra em um estado de transe, com seu olhar fixo na sepultura; outros externam um sorriso no rosto, em que se supõe ser por causa da alegria e prazer no encontro com a Santa, porque, para o devoto, esse é um momento inexplicável – o de estar na sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso. Para Oliveira o encontro do devoto com a santidade de sua devoção é uma experiência única em suas vidas:

O acesso ao sagrado, ou seja, quando do encontro com o santo vivo, o devoto vive uma experiência singular e fala de si, comunica sua intimidade. Durante essa experiência mística, o enigma do santo se revela. É o próprio Deus que se auto comunica e o devoto silencia para se descobrir e desvendar seus próprios enigmas diante daquele que a ele se revela (Oliveira, 2011, p. 94).

Segundo Oliveira (2011), o encontro do devoto com a Santa é um momento de se entregar aos poderes santorais de Santa Raimunda, e também a oportunidade de cada um sentir a Sua presença; para eles, não é um sentimento apenas de uma das partes, mas de um encontro real com a pessoa da Santa, um encontro envolvendo duas pessoas.

Uma devota de Santa Raimunda há mais de 20 anos, a senhora Maria José Feitosa, diz que sua devoção teve início logo depois dela ter se casado, quando fez uma promessa por um filho recém-nascido. Acredita ela que milagres de Santa Raimunda motivam a adesão de milhares de devotos que visitam a sepultura no decorrer do ano inteiro. Eis o seu relato:

Está com 20 anos que eu sou devota da Santa Raimunda do Bom Sucesso, pois desde que eu me casei, logo eu tive o meu primeiro filho e ele adoeceu e quando ele adoeceu, de doença de criança, foi que eu me peguei com ela, pela primeira vez. Que se ele ficasse bom, não ficasse com nenhum problema, eu rezaria um terço e oferecia um jantá, em agradecimento à Santa. Ele ficou bom sem nenhum problema, mandei rezar o terço e dei o jantá para toda vizinhança. Eu agradei muito a ela, graças a Deus ele ficou bom. Toda vez que eu me vejo aperreada, eu me pego com a Santa Raimunda do Bom Sucesso. Eu já fiz outra promessa, também pra ela. Foi quando minha filha estava doente de hepatite e eu dava remédio para ela e ela não melhorava e eu fiz uma promessa que se a Santa Raimunda curasse ela, eu levava uma roupa dela lá pra capela e rezava três terços de joelhos. Graças a Deus, a minha filha está curada e eu já paguei a promessa. Todos os anos, no dia 15 de agosto, eu vou acompanhar a procissão da Santa Raimunda do Bom Sucesso, com muita fé e muito amor. Eu acredito que Raimunda do Bom Sucesso é mesmo uma Santa, porque todas as vezes que eu me senti aflita me apeguei com ela e graças a Deus fui atendida. Então, Santa Raimunda tem o poder que Deus deixou para ela exercer, após a sua morte; ela é pra mim um médico, mas um médico diferente dos outros, que cura os doentes sem remédio.¹⁰

Os inúmeros depoimentos colhidos na pesquisa mostraram uma variedade muito grande de solicitação de milagres por parte dos devotos. Por intermédio da fala dos depoentes, percebe-se a fé, a devoção, a confiança e segurança depositadas na Santa. A senhora Maria do Rosário de Araújo, em seu depoimento, enfatiza sua devoção e fé em Santa Raimunda do Bom Sucesso.

No ano de 1982, meu filho Sólon pegou uma pneumonia muito grave. Na época, morava na colônia, perto do município do Quinari; fomos para Rio Branco e ele foi atendido pelo médico pediatra, Dr. Armando Salvaterra, que imediatamente manda internar na Santa Casa de Misericórdia e aplicar a medicação certa. No dia seguinte, o Sólon amanhece bem melhor, só que se passaram 40 dias e neste espaço de tempo passou por duas cirurgias, seu

¹⁰ Entrevista concedida por Maria José Feitosa, no bairro Triângulo Novo, Rio Branco - Acre, em 19.03.2011.

pulmão esquerdo, totalmente, paralisado, o pulmão direito também comprometido. Foi então que recorri a Deus, pai todo poderoso, com a intercessão da Santa Raimunda do Bom Sucesso, que não deixasse meu filho morrer, que como sacrifício eu parava de fumar, levava o Sólon até a sepultura da Santa Raimunda do Bom Sucesso para rezar um terço e acender velas. Graças a Deus, hoje, o Sólon tem 28 anos e está muito bem. Só que quando tudo isso aconteceu, eu estava no quinto mês de gravidez do terceiro filho e por perder várias noites de sono e não conseguir me alimentar direito e passando por todo esse sofrimento, meu filho Sávio nasceu com problemas, sendo constatado lesão cerebral na gestação. Ele não andava, não falava. Mais uma vez, eu, mãe, apeguei com a Santa Raimunda do Bom Sucesso e pedi que ela olhasse para o meu filho e com a intercessão de Nosso Senhor Jesus Cristo, o meu filho Sávio foi curado. No dia 24 de janeiro de 1996, dia em que o Sávio estava completando três anos, nós fomos pagar a promessa, rezamos o terço e acendemos velas, agradecendo por mais uma graça alcançada por Santa Raimunda. Meu esposo também já recebeu uma graça da Santa do Bom Sucesso; foi curado de erisipela; já tinha sido atacado três vezes; a primeira vez, por milagre, não perdeu a perna. Até hoje, só tenho a agradecer por todas as graças concedidas pela Santa Raimunda do Bom Sucesso. Todas essas promessas que fiz foi porque acredito no poder da santa do Bom Sucesso, por ser uma mulher como nós, sei que ela tem um carinho especial por todas nós. E para mim, ela é uma Santa que protege seus filhos e atende seus pedidos.¹¹

A pesquisa, gradativamente, mostrou que os devotos de Santa Raimunda, a partir de sua longa vivência devocional no catolicismo popular, ao se inserirem numa nova conjuntura, não demoraram muito para criar seus próprios santos. Uma das suspeitas plausíveis, e que precisaria de abordagem mais aprofundada para se chegar a uma generalização, é a de que a devoção de Santa Raimunda do Bom Sucesso é uma ressignificação de Maria Imaculada da Conceição. Isto, porque segundo a Bíblia Católica, Maria Imaculada Conceição foi uma mulher sofredora, que trabalhou durante toda vida para sobreviver, juntamente com seu esposo José, e que teve ainda que suportar a dor da perda do único filho,

¹¹ Entrevista concedida por Maria do Rosário de Araújo no bairro Sobral, em 18.03.2011.

Jesus. O sofrimento de Maria lembra, segundo os depoentes, a vida de Santa Raimunda, mulher, mãe e também sofredora, que esteve sempre ao lado de seu esposo, trabalhando para ajudar criar os filhos.

A oração criada pelos devotos de Santa Raimunda é um exemplo de resignificação de Maria Imaculada da Conceição. Nela está presente a proteção e vigília da Santa, seja durante o dia como durante a noite.

Oração da Santa Raimunda do Bom Sucesso

Raimunda, eu venho de longe;
Pedir-lhe em oração, paz e alegria;
Para mim e para todos os meus irmãos;
Raimunda, Raimunda, Raimunda,
Raimunda Maria da Conceição,
Volte os teus olhos e atende o teu povo em oração.
Na beleza da tua face,
Na paz de o teu lindo olhar,
Tu pisas no céu entre flores,
És Irmã da estrela, a brilhar;
E cada um que chega, Raimunda,
Na capela a orar e traz uma rosa aos teus pés,
Quer uma graça alcançar.
De mãos erguidas, Raimunda,
Viemos te agradecer
As graças de todos os dias,
Poder visitar-te e te ver.
Agradeço a Raimunda
As graças já recebidas.
Segura em minhas mãos,
Hoje, sempre e por toda vida.¹²

Na *Oração de Santa Raimunda do Bom Sucesso*, percebe-se a forma como seus fiéis agradecem pelos milagres recebidos e como a consideram uma intercessora junto de Deus, em favor de seus devotos. Segundo a crença, a ela foi dado o poder e a graça para proteger os desvalidos, sofridos e desenganados que habitam as florestas do vale do rio

¹² A oração de Santa Raimunda do Bom Sucesso está presente na oralidade de seus devotos. A senhora Maria Raimunda de Souza atendeu a um pedido meu e escreveu a oração, em 12.02.2011, na cidade de Assis Brasil - Acre.

Acre. É o que dizem os versos: “a beleza da tua face, na paz de o teu lindo olhar; Tu pisas no céu entre flores, és Irmã da estrela a brilhar.”

Para o devoto, Santa Raimunda do Bom Sucesso é um exemplo de mulher forte, corajosa e temente a Deus. Enfrentou a morte sozinha, no meio da floresta, e conquistou a paz celestial, e agora caminha entre os santos. Sua santidade é atribuída à sua vida terrena, marcada pela bondade e simplicidade. Depois de sua morte, num período relativamente curto, conquistou a confiança de seus pares e mereceu a graça de ser elevada ao nível de santa. Santa Raimunda é reconhecida e reverenciada por um período de quase cinco décadas, pelos moradores da floresta. Assim, para muitos moradores do vale do rio Acre, a Santa Raimunda do Bom Sucesso é considerada como a padroeira dos seringueiros.

Além do que já foi visto sobre a devoção de Santa Raimunda do Bom Sucesso, a pesquisa mostra que tal devoção não se restringe apenas a seringueiros do vale do rio Acre ou à zona rural, pois há devotos residentes na zona urbana, um movimento que se amplia e abrange a cidade de Rio Branco e outros lugares.

Alguns devotos de Santa Raimunda, que hoje residem no meio urbano, são seringueiros que migraram dos seringais, deixando suas colocações para fixar residência na periferia de Rio Branco. A migração dos seringais para a cidade ocorreu na metade da década de 1970 e continuou na década de 1980. Portanto, os seringueiros, além de trazerem a cultura dos seringais para o espaço urbano, também trouxeram suas práticas populares religiosas, como a devoção de Santa Raimunda do Bom Sucesso.

As partes a apresentar vão se concentrar sobre as práticas populares que dignificaram a vida dos seringueiros, por meio da devoção, em um trânsito que ocorre entre a cidade e a floresta e vice-versa.



PRÁTICAS POPULARES DIGNIFICAM A VIDA DOS DEVOTOS DE SANTA RAIMUNDA DO BOM SUCESSO

Ao longo da pesquisa, em vários bairros de Rio Branco, e na trajetória do trabalho, pode-se perceber que existia um número mais acentuado de devotos populares em três desses bairros. Durante a coleta dos depoimentos de moradores em três bairros periféricos da cidade, foi possível constatar a existência de uma acentuada religiosidade popular em suas vidas e, em especial, uma forte devoção à Santa Raimunda do Bom Sucesso.

Já foi mencionada a forte devoção dos seringueiros aos santos. Eles foram capazes de ressignificar o universo santoral dentro da floresta, no vale do rio Acre. O culto aos santos populares existentes na floresta do vale do rio Acre aumentou vertiginosamente durante as últimas cinco décadas. Santa Raimunda do Bom Sucesso ganhou uma profunda admiração dos seringueiros, presente em seus relatos de milagres, os quais foram concedidos também a dezenas de outros moradores da floresta. Assim confirma Andrade:

A maior expressão de religiosidade encontra-se no culto aos santos, tanto oficiais como extraoficiais. O culto aos santos está presente desde a constituição da hierarquia cristã e sua consequente necessidade em firmar valores morais, usando modelos exemplares que traduziram sua visão de mundo (Andrade, 2008, p. 238).

A difusão da devoção aos santos está associada à vida dos seringueiros na floresta, à mudança para a cidade e aos milagres. Considerando o tempo em que migraram para as cidades de Rio Branco, Brasília, Xapuri e Assis Brasil, pode-se constatar pelo crescimento das devoções populares. Para Zilles, a devoção do povo brasileiro segue vários caminhos:

Entre o nosso povo brasileiro, a veneração dos santos forma toda uma cadeia: santo-promessa-milagre. Um dos atos religiosos mais comuns de nosso povo é a promessa. Quando alguém está doente, em vésperas de exames, em apertos financeiros etc., faz uma promessa ao santo, esperando o milagre ou a graça. Depois de reconhecido o milagre, convém pagar a promessa ao santo. A ideia da mediação entre Deus e os homens, na piedade popular, conhece toda uma escala de instâncias: Nossa Senhora, São Jorge, Santo Antônio, São Francisco, São Expedito etc. Nem todos os santos gozam dos mesmos privilégios. Cada santo é mais ou menos especializado, em virtude de critérios objetivos e subjetivos, pois cada pessoa tem seus santos de predileção, porque sabe que cada santo tem mais inclinação para determinado tipo de milagres (Zilles, 2007, p. 495).

O processo de ressignificação das devoções trazidas para a floresta ocorreu bem cedo, fruto da profunda fé dos seringueiros e das novas condições de vida a serem encaradas. Nessa ressignificação do universo santoral, os quadros devocionais tradicionais foram rompidos, como na devoção à Santa Raimunda, mulher seringueira que levou uma vida sofrida no interior da floresta. Essa mulher simples foi capaz de despertar a fé dos seringueiros, que viram nela a possibilidade de ter uma santa do seu próprio universo.

Os depoimentos confirmam que Santa Raimunda do Bom Sucesso faz parte do novo universo santoral dos seringueiros, há pelo menos cinco décadas. Relatos de milagres já circulavam entre os seringueiros, quando ainda estavam na floresta, e continuaram presentes quando passaram a viver nas cidades. A cada ano, visitam a sepultura da Santa Raimunda do Bom Sucesso para agradecerem e pagarem promessas. A depoente Maria de Lurdes da Silva afirma:

Morei muitos anos no seringal e, há cerca de dezenove anos atrás, fiquei muito doente. Me consultei com três médicos diferentes na cidade de Brasileia, fiz vários exames e não descobri a doença; o último médico me desenganou. Naquele momento, fiquei muito triste quando o médico falou que eu não tinha mais cura, estava desenganada. Pensei logo naquele instante, nos meus cinco filhos, pensei no meu filho mais novo, tem três anos, quem vai cuidar dele? Meu marido trabalhava o dia todo, cortando seringa ou trabalhando no roçado. Fiquei muito triste, chorei muito na volta para casa. Ao chegar em casa, não tive coragem de dizer nada para meu marido. Ele perguntou como tinha sido no médico, não falei a verdade. Abracei meu filho mais novo e olhei para os outros quatro, meus olhos ficou cheio de lágrimas, mas não chorei, pensei naquele instante: tenho que ser forte. Fiz o jantar, todos jantaram. Por volta de sete e meia da noite, todos foram dormir; sentei-me na escada, acendi meu cachimbo, fumei, pensando como seria a vida dos meus filhos após minha morte. Fui deitar-me muito triste, mas não conseguia dormir; levantei novamente e fiz um pedido para Santa Raimunda, para não deixar eu morrer, me mostrasse um remédio que eu pudesse ficar curada e disse naquele instante que se ela me curasse, eu, todos os anos enquanto vida tivesse, ía até sua sepultura rezar um terço de joelhos e acender dez libras de vela. Já de madrugada, consegui dormir; com muitas dores, dormi. No outro dia cansada da viagem, levantei-me cedo e tratei de cuidar de fazer comida para os meus filhos e meu marido. Quando voltasse do roçado, por volta de dez e meia, coloquei o almoço, almoçamos e depois deitei dentro de uma rede e, sempre, pensando na vida, acabei dormindo e sonhei que chegava uma mulher, já velha; sentava na beira da minha rede e dizia para mim ter fé, que eu ia ficar boa, e disse para eu tomar o chá da urtiga rosa, que nasce na beira dos igarapés, do lado que o sol se põe, todo dia, em jejum, durante sete dias seguido. Quando acordei atordoada, lembrei do sonho, chamei meu filho mais velho e fui procurar a urtiga roxa na beira do igarapé. Ao chegar ao igarapé, logo encontrei a planta. Fiz o chá e tomei; no segundo dia já me senti melhor. Tomei o chá durante sete dias e parece milagre, as dores foram desaparecendo, me sentia cada vez melhor e com quinze dias já estava boa. Paguei a promessa e todo ano ia na sepultura dela. Depois de oito anos, vim morar em Rio Branco, mas todo ano eu vou até a sepultura de Santa Raimunda e pago minha promessa; é

difícil, já estou velha, é longe, o caminho é ruim, são duas horas a pé dentro da mata, mas, mesmo assim, eu vou pagar a promessa do milagre que recebi de Santa Raimunda do Bom Sucesso, estou viva hoje graças a ela.¹³

Analisando a fala da depoente, percebe-se o quanto os moradores foram e são capazes de dar um sentido às suas vidas, por meio da fé em Santa Raimunda do Bom Sucesso. Doenças incuráveis, como no caso de Maria de Lurdes, desenganada pelos médicos, em que recorreu a Santa Raimunda do Bom Sucesso, clamando, dizia: “fiz um pedido para Santa Raimunda, para não deixar eu morrer, me mostrasse um remédio que eu pudesse ficar curada...”. O pedido era o último recurso, pois já estava desenganada pelos médicos. Maria de Lurdes da Silva foi curada de forma surpreendente.

O túmulo de Santa Raimunda do Bom Sucesso é visitado durante todo o ano, de modo especial, no dia 15 de agosto. Os devotos, quando chegam à sepultura de Santa Raimunda, acendem velas, rezam terços, deixam ex-votos, em reconhecimento pelas graças obtidas e mediadas por intercessão da Santa. Os rituais realizados pelos devotos são os mais diversos.

Alguns fiéis, diante da sepultura, fecham os olhos e choram; outros conversam com a Santa, em um momento de intimidade espiritual. Para quem observa, a impressão é de um distanciamento do mundo material, quando o fiel parece se desligar da realidade e é levado para outra dimensão. Tal sintonia entre o mundo material e o mundo santoral se traduz em momentos lindos e únicos, em que a concentração e a alegria se fazem presentes nos rostos dos devotos.

Os rituais de pagamento das promessas são muito variados, com cada devoto se comportando de um jeito particular. Alguns ficam de joelhos e iniciam um longo período de silêncio, com os olhos fechados. Na Imagem 11, uma devota paga uma promessa de joelhos, diante da imagem de Santa Raimunda do Bom Sucesso, numa atitude meditativa e respeitosa.

¹³ Entrevista concedida por Maria de Lurdes da Silva no bairro Taquari, em Rio Branco - AC, em 16.07.2011.

Imagem 11 - Luiza Batista de Oliveira, pagando uma promessa na capela, onde está o túmulo de Santa Raimunda do Bom Sucesso



Fonte: Acervo do autor (2012).

Ir à sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso possibilita ao visitante experimentar e vivenciar sentimentos profundos. Caminha-se por cerca de duas horas pela floresta, para chegar ao túmulo. Caminhada que se transforma numa autêntica peregrinação. Em alguns lugares, o tabocal, uma espécie de bambu, recobre o chão do varadouro estreito, fazendo com que os devotos caminhem com muita dificuldade e ainda, que corram o risco de terem os pés perfurados por espinhos.

Na caminhada, o devoto desce e sobe ladeiras, passa por pontes e por solos recobertos por espinhos. Para os fiéis, as dificuldades contribuem para o fortalecimento da fé e devoção, tal como nos conta Hercúlo Pereira de Souza:

A caminhada até a sepultura de Santa Raimunda é um percurso bastante longo e durante toda essa caminhada, no varadouro,

existem muitos obstáculos ao longo do caminho; são muitas ladeiras, pontes estreitas, raízes, troncos de árvores e muita taboca com espinhos afiados que cobrem vários trechos do caminho. Mas as dificuldades que muitos apontam, não são dificuldades para mim. Todos os anos, venho e acompanho a procissão até a sepultura da Santa. Alguma dificuldade existente é superada com minha fé e minha devoção a ela, pois sempre lembro das graças que já recebi de Santa Raimunda. Santa Raimunda para mim, é tudo em minha vida; foi graças a um milagre dela que fiquei curado de um reumatismo crônico nos braços e nos joelhos; fiquei oito meses sem poder andar ou estirar meus braços para pegar algum objeto. A caminhada não é quase nada, diante do que sofri com dores e febres, durante os meses que fiquei deitado, dentro de uma rede, sem poder levantar-se, dependendo de minha família para tudo. Para mim, fazer essa caminhada de duas horas é motivo de muita alegria e muito prazer. Nem percebo as ladeiras, os espinhos nos pés... ultrapassar as árvores caídas no meio do caminho. Aproveito esse momento da caminhada que faço dentro da mata para ir agradecendo o milagre que recebi de Santa Raimunda. Fui curado graças a uma promessa que fiz a ela, então, para mim não existe nenhuma dificuldade, só existe é agradecimento; nada se compara ao milagre que recebi dela; hoje, não sinto mais nada nos braços e joelhos. Todos os anos venho e faço o mesmo percurso, sem reclamar, só tenho é a agradecer.¹⁴

Após o belíssimo depoimento, em que o devoto dá testemunho de sua fé e devoção à Santa Raimunda do Bom Sucesso, apresenta-se imagens que servem para ilustrar esse processo, retratando dezenas de devotos em procissão, caminhando na floresta, em direção à sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso.

¹⁴ Entrevista realizada com Herculano Pereira de Souza, na sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso, no dia 15 de agosto de 2011.

Imagem 12 - Devotos de Santa Raimunda, caminhando em procissão no varadouro, indo para a capela, no dia 15 de agosto de 2011



Fonte: Acervo Airton Chaves da Rocha (2011).

Imagem 13 - Devotos de Santa Raimunda, caminhando em procissão, passando sobre uma ponte de um tronco de uma árvore, sobre o leito de um igarapé, no dia 15 de agosto de 2010



Fonte: Acervo Airton Chaves da Rocha (2011).

Quem são os devotos de Santa Raimunda? São crianças, jovens, adultos e idosos, que procuram o local “santo” para fazerem seus rituais devocionais. Foi possível constatar essa característica em visita ao local, onde se encontravam devotos de todas as idades. Uma grande parte deles vem de muito longe, de outras localidades do Acre. Outros viajam dezenas de quilômetros pela floresta, ou pertencem ao meio urbano e viajam centenas de quilômetros até chegarem à sepultura que guarda as “reliquias” de Santa Raimunda. Muitos idosos não hesitam em fazer a longa e difícil caminhada, adentrando a floresta para pagarem promessas, dentre eles, alguns caminham descalços, com muita dificuldade.

Entre tantos devotos presentes no dia quinze de julho de 2010, reconhecia-se uma das pessoas entrevistadas para a pesquisa ora apresentada. A senhora Maria de Lurdes da Silva mora na cidade de Rio

Branco e estava ali para pagar promessa por alcançar uma cura. Ela relatou que aos 19 anos fez a promessa de todo ano visitar a sepultura de Santa Raimunda.

A Imagem 14 mostra a senhora entrevistada ao chegar ao local da sepultura.

Imagem 14 - Maria de Lurdes da Silva, devota de Santa Raimunda, caminhando no varadouro, indo pagar uma promessa, na sepultura da Santa Raimunda, no dia 18 de agosto de 2011



Fonte: Acervo do autor (2011).

Eram visíveis os sinais de cansaço e fadiga no semblante dos devotos mais idosos, no entanto, nota-se uma profunda satisfação e contentamento no olhar de cada um deles, ao pagarem suas promessas e

renovarem sua fé. Segundo alguns depoimentos, alguns devotos, após pagarem suas promessas, têm a sensação de ter sua fé e devoção reafirmadas e renovadas. A sensação experimentada é a de terem a proteção de Raimunda por mais um ano. Nesse sentido, Maria da Conceição de Souza diz:

Todo ano, eu venho visitar a sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso. Desde que fiz uma promessa a ela, há doze anos, e fui válida, nunca mais deixei de vim pagar minha promessa a ela. Venho, rezo, acendo velas e peço sua proteção para me livrar das doenças, acidentes e intrigas. Peço proteção para meus filhos, minhas noras, para meus netos, para todos de minha família. Para mim, Santa Raimunda é uma verdadeira padroeira; sem seus poderes, acredito que não conseguiria mais viver. Tudo que faço, peço ajuda a ela e sempre sou atendida. Então, quando venho aqui, ao sair, peço proteção e sinto como se minha fé fosse mais uma vez renovada: é como um alimento.¹⁵

A análise dos depoimentos mostra que o culto e a devoção à Santa Raimunda do Bom Sucesso chegaram até a cidade de Rio Branco nas décadas de 1970 e 1980. Naquela ocasião, dezenas de seringueiros deixaram os seringais e migraram para a periferia da cidade, na perspectiva de construir uma nova vida. Inserido nesse processo de reconstrução de vidas, trouxeram a devoção e a fé em Santa Raimunda do Bom Sucesso. A religiosidade profunda desses homens e mulheres foi fundamental para garantir a sobrevivência de dezenas de famílias na periferia da cidade.

No universo religioso de alguns seringueiros, o culto e a devoção à Santa Raimunda do Bom Sucesso ocupam um lugar de destaque, podendo-se se destacar vários elementos que evidenciam a fé dos seringueiros, como a presença de imagens nas paredes das casas, a visita anual à sepultura da Santa, a reza de um terço a cada final de mês oferecido à Santa Raimunda, os nomes dos filhos e filhas dados em homenagem à Santa.

¹⁵ Entrevista concedida por Maria da Conceição de Souza na sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso, no município de Assis Brasil - AC, em 15.08.2010.

Imagem 15 - Imagens de Santos e entes queridos na casa de uma moradora, no município de Senador Guiomard



Fonte: Acervo do autor.

Por meio das imagens dos santos, percebe-se que a fé dos seringueiros faz parte de seu cotidiano, arraigada em uma devoção profunda e consolidada, acompanhada de simbologias da floresta. Alguns símbolos estão incorporados ao catolicismo popular. A simbologia presente em alguns elementos existentes na floresta empresta dignidade e dá sentido à vida de cada sujeito que ali habita. Nesse quesito, o depoente José Almeida da Silva relata:

Para mim, estar aqui na sepultura de Santa Raimunda, é motivo de muita alegria, felicidade; sinto minha fé renovada quando venho aqui. Venho todos os anos. Já faz mais de oito anos que venho, sem faltar um ano. Eu acredito que quem tem fé em Santa Raimunda não existe obstáculos difíceis na vida que não seja superado. Gosto de vim aqui na sepultura dela para pagar minha promessa, sozinho, sem ninguém conversando para tirar minha concentração. Gosto de vim sozinho, porque faço toda a viagem no varadouro, sempre com o pensamento voltado para Santa Raimunda, pensando, rezando e pedindo proteção a ela.

Quando estou subindo as ladeiras do varadouro lembro que ela andou pelo mesmo lugar, que andou ela, grávida, cansada, mas nunca desanimava só parou quando caiu e morreu. Lembrando dela, não tenho por que desanimar na vida, tenho mesmo é que ter muita coragem e seguir em frente. Quando chego aqui na sepultura dela, rezo um terço de joelhos, acendo uma libra de velas na sepultura dela e espero as velas queimarem; enquanto as velas estão queimando aproveito e tiro alguma sujeira que está em cima da sepultura e dos lados, faço uma vassoura com folhas de jarina verde. A jarina verde dá sorte para a gente. Quando as velas acabam de queimar junto da sepultura, um pedaço da estearina (já dura)¹⁶ e guardo dentro da minha bolsa, para ter proteção e sorte na minha vida, durante o ano todo; no outro ano, trago a estearina que levei, deixo na sepultura e levo outro pedaço comigo, novamente.¹⁷

Ao observar a fala do depoente é impossível não perceber que há várias maneiras encontradas pelos devotos para dignificar a fé e a devoção à Santa Raimunda do Bom Sucesso. Percebe-se que existe uma relação de confiança e uma aproximação quase inexplicável entre os devotos e a Santa. Se a análise partir do ponto de vista da Igreja Romana, essa devoção é problemática, porém, se o olhar considerar a perspectiva da religião popular, se verá a riqueza existente, presente na devoção dos fiéis, que buscam a sepultura de Santa Raimunda como um lugar sagrado e repleto de simbologias, que ajudam na manutenção da fé e da devoção. Esses elementos simbólicos, vivenciados no dia a dia dos devotos, colaboram com a manutenção da fé e contribuem para a superação dos obstáculos encontrados na vida cotidiana deles.

A devoção à Santa Raimunda, ressignificada pelos fiéis dos seringais e da cidade, apropriou vários elementos simbólicos: a vela, a cruz e o terço vieram da igreja católica; há elementos da pajelança indígena, como o gesto de colocar um pequeno galho com folhas na sepultura, fumar um cigarro de ervas da floresta, sentado ali próximo, momento em que a cada baforada se contempla fixamente a sepultura da Santa.

¹⁶ Pedacos endurecidos de vela derretida.

¹⁷ Entrevista concedida por José Almeida da Silva, na sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso, no município de Assis Brasil - AC, em 18.07.2011.

Tais traços são encontrados em alguns cultos indígenas, que também usam folhas e ervas como maneira de reverenciar os seus ancestrais.

As tradições populares do Nordeste também são perceptíveis na maneira com que conseguem dar corpo e rosto para a Santa, por meio das xilogravuras e dos hinos cantados pelos devotos. Esse processo de ressignificação está colado às experiências vividas e acabam dignificando-as e consolidando a fé.

Muitos devotos e devotas passaram e passam, ao longo de suas vidas, por experiências limítrofes entre a vida e a morte, o que envolve ressignificações e devoção a Santa Raimunda do Bom Sucesso.

Os depoimentos dos devotos de Santa Raimunda do Bom Sucesso deixam claro uma percepção de que a Santa tem conhecimento das dificuldades de cada um deles, de sua realidade vivida na floresta e na cidade, e sentem que sua proteção é muito eficaz. Eficácia sempre lembrada quando falam das graças recebidas por intercessão de Santa Raimunda. O devoto Luiz Antônio Souza Aguiar diz que Santa Raimunda conhece as dificuldades dos devotos, pois:

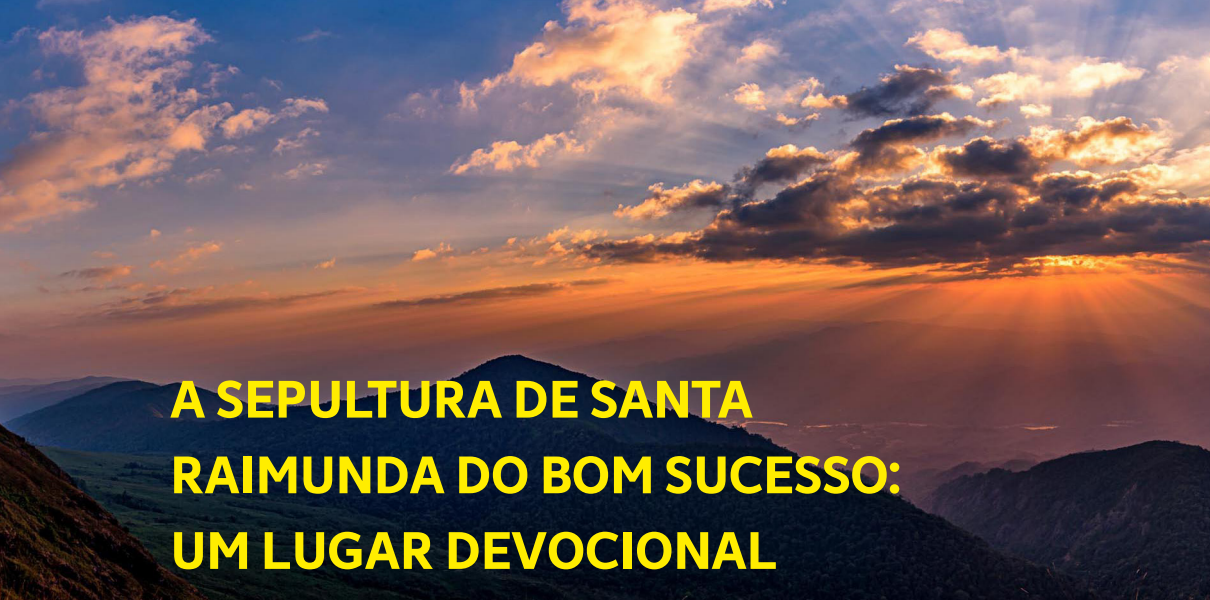
Para quem não conhece a história dos milagres de Santa Raimunda, não acredita no que as pessoas dizem sobre os seus milagres. Sempre fui devoto dela. Minha mãe, meu pai eram devotos e tinham muita fé e acreditavam que a Santa protegia a vida dos seringueiros, devotos a ela. Cresci, vendo meus pais fazendo promessas em momentos difíceis; pediam socorro à Santa Raimunda e ela sempre atendia seus pedidos. Quando fiquei adulto, pedi ajuda pela primeira vez a ela quando um dia cortando seringa, subi em um mutar e quando estava lá em cima, cortando a madeira, quando ia embutir, o mutar quebrou e eu despenquei de uma altura de quase três metros... Na hora da queda, meio atordoado lembrei de Santa Raimunda. Ao cair no chão percebi que não tinha quebrado nada, não quebrei nem uma unha. (risos) Outra vez estava esperando paca, à noite, e os paus da espera já eram velhos, estava bem sentado, só esperando elas entrarem para matar. Não lembro direito, só lembro quando os paus da espera quebraram. Disso eu lembro bem, na hora da queda eu disse “vala-me Santa Raimunda, me ajude”. Caí, mas não tive sequer um arranhão; fiquei sem entender nada, achei que ia ficar todo quebrado. Acredito que ela está sempre olhando pra gente e

vê as dificuldades que a gente passa. A vida no seringal tem muitos perigos que ela conhece, todos eles, e defende a vida de cada um de seus devotos dos perigos.¹⁸

Na fala do entrevistado, percebe-se uma profunda devoção à Santa Raimunda e sua crença em uma proteção em sua vida. A presença das devoções na vida desses homens e mulheres é muito forte. Nesse sentido, pode-se apontar dois tipos: a devoção aos santos e santas populares da floresta do Acre, como Santa Cruz Milagrosa, São João do Guarani, Santa Maria da Liberdade e Santa Raimunda do Bom Sucesso; esta última, como mencionamos, ocupa um lugar especial na vida dos seringueiros. A segunda seria a devoção aos santos católicos, como São Francisco do Canindé, São Sebastião, São João e outros.

A devoção a Santa Raimunda, por ocupar um lugar de destaque no panteão devocional, acompanhou os seringueiros no deslocamento para a periferia de Rio Branco. Julga-se como importante examinar como tal prática se inseriu no meio urbano.

¹⁸ Depoimento concedido por Luiz Antônio Souza Aguiar, morador na colônia Vista Alegre, na capital Rio Branco - Acre, em 12 de julho de 2011.



A SEPULTURA DE SANTA RAIMUNDA DO BOM SUCESSO: UM LUGAR DEVOCIONAL

Um ato devocional marcante na vida dos devotos de Santa Raimunda é a peregrinação à sua sepultura, no dia 15 de agosto de cada ano. Vários grupos se organizam para prestar homenagem e cumprir suas promessas.

Boa parte dos devotos chegam na véspera à colocação Cumaru, distante duas horas do local da sepultura da Santa Raimunda, pois o local é amplo e tem uma casa espaçosa. Os devotos, aos poucos, vão chegando à localidade e, ao cair da tarde, as mulheres em grupo, seguem até o igarapé, para tomarem banho. Na sequência, é a vez dos homens. Após o banho, reúnem-se em pequenos grupos por afinidade, amizade ou parentesco, socializam os alimentos e todos jantam. Quando chega a noite, todos procuram um local para atarem suas redes; antes de dormir, muitos jogam baralho, dominó, outros contam piadas; assim, a noite se torna curta, porque às cinco da manhã começam a despertar e a providenciar um sortido café da manhã, conhecido pelos devotos como quebra-jejum¹⁹. Outros devotos chegam à colocação de carro, ao amanhecer.

¹⁹ Quebra-jejum é a primeira refeição que as pessoas que habitam os seringais fazem, ao amanhecer do dia, para aguentar a dura e pesada jornada de trabalho diário. A refeição geralmente, consiste em café, farofa de carne ou peixe, arroz, mandioca ou banana.

Por volta das oito horas, todos partem em direção ao túmulo de Santa Raimunda do Bom Sucesso. São aproximadamente, duas horas de caminhada no varadouro. O trajeto tem muitos obstáculos, porém, ao chegarem ao local, encontram outros devotos, que dormiram em casas mais próximas ao túmulo, são provenientes de outros recantos da floresta.

No dia 15 de agosto, comemora-se o dia de Santa Raimunda do Bom Sucesso e, no ano de 2010, o Bispo da Diocese de Rio Branco, Dom Joaquín Pertíñez Fernández, celebrou uma missa na capela da Santa, para dezenas dos seus devotos. A missa fazia parte das comemorações do dia da Santa. Acredita-se que o fato do Bispo deslocar-se até Assis Brasil e caminhar por duas horas dentro da floresta para celebrar uma missa, demonstra a relevância e a importância da devoção popular a tal Santa. Centenas de devotos que habitam dentro e fora do vale do rio Acre buscam na Santa a solução para todos os seus problemas, sejam de saúde ou realização pessoal.

Na sepultura acendem velas, ajoelham-se, agradecem as graças alcançadas e, na sequência, rezam terço e participam da missa. As mulheres entoam os hinos e fazem da reza do terço e da missa momentos únicos. Os tiros dos foguetes são momentos de agradecimentos. Após a celebração, fazem comida ali mesmo, no entorno da sepultura; sentam com seus pratos em tronco de árvores, raízes e até mesmo no chão. Ao cair da tarde, fazem o caminho de volta para suas casas. Os mais apressados voltam logo que terminam as celebrações, outros ainda ficam contemplando o túmulo da Santa. Mas, por volta das 15 horas, a maioria já voltou, com exceção daqueles que moram nas colocações mais próximas à localidade.

A sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso está a uma distância de aproximadamente 385 quilômetros da cidade de Rio Branco, distância que não intimida os devotos. Eles têm consciência das muitas dificuldades que precisam enfrentar para chegarem ao local, mas nada torna-se obstáculo intransponível, pois têm a sepultura de Santa Raimunda como um local sagrado. O pesquisador Mircea Eliade define o que vem a ser um local sagrado:

Temos, pois, de considerar uma sequência de concepções religiosas e imagens cosmológicas que são solidárias e se articulam num “sistema”, ao qual se pode chamar de sistema do mundo das sociedades tradicionais. Um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço. Essa rotura é simbolizada por uma “abertura”, pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra (do Céu à Terra e vice-versa; da Terra para o mundo inferior; a comunicação com o Céu é expressa indiferente por certo número de imagens, referentes todas elas ao *Axis mundi* (Eliade, p. 38).

Para os devotos, o túmulo de Santa Raimunda do Bom Sucesso funciona como uma espécie de *centro do mundo*, onde os peregrinos, principalmente, os mais idosos, chegam exaustos, com os pés inchados e doloridos. Mas o sofrimento é considerado como parte do processo que os torna merecedores das dádivas e bênçãos recebidas.

Os seringueiros que moram em colocação de seringa próxima ao local da sepultura, hospedam grande parte dos visitantes, sem cobrar nada pelo serviço. Parte da alimentação os devotos levam da cidade, e os moradores da colocação também socializam sua alimentação com os hóspedes. Aluízio Costa Mendonça, em seu depoimento, fala desse gesto de solidariedade.

Todos os anos venho de Rio Branco para a festa de Santa Raimunda; como é muito longe, venho um dia antes da festa e durmo na casa do meu conhecido de longas datas, o compadre Pedro Gomes. Ele e sua família me recebem com tanto carinho que fico até sem jeito. Não é somente eu que durmo na casa deles, na véspera da festa. São várias pessoas que dormem aqui. Eles até já se preparam para receberem a gente na véspera da festa da Santa. Os filhos do seu Pedro, dois dias antes da véspera da data da festa, saem para caçar, pescar, arrancar macaxeira, pisar arroz no pilão, limpam os arredores da casa para receberem nós na casa deles. Tem ano que eles até matam um porco para fazer o jantar para nós. Começam a preparar o jantar cedo da tarde. Quando é por volta de duas horas da tarde, a dona da casa e as outras mulheres, que chegaram para pernoitar na casa deles, também ajudam a preparar o jantar. O jantar é feito com tanta alegria que dá gosto, a gente está por perto e vê; carregam

água do igarapé, cortam verduras, descascam macaxeira; todas conversam sem parar (risos). Quando é de cinco para seis horas da tarde, pequenos grupos de homens ou mulheres descem para tomar banho no igarapé. Logo que escurece é servido o jantar. As mulheres colocam as panelas, os pratos e as colheres em cima de uma mesa e o dono da casa, o seu Pedro, convida todos para jantar. A mesa é pequena e não cabe todo mundo sentado em volta, a gente vai se servindo e saindo para a sala; como tem poucos bancos, a gente se senta no pé da parede. É muita comida, todo mundo janta à vontade, repete e ainda sobra comida que dá para servir o quebra-jejum no outro dia. Os donos da casa são pessoas muito boas, eles têm corações generosos e bondosos. Para eles, é um prazer providenciar o jantar para os devotos que dormem na casa deles, na véspera da festa da Santa Raimunda.²⁰

Os alimentos são feitos em fogões à lenha, na colocação de seringas, pelos moradores da colocação, e os visitantes devotos ajudam no preparo do jantar e do quebra-jejum. Para os devotos é um momento de rememoração de suas vidas, pois relembram um pouco do período em que viveram nos seringais. Segundo o depoente, Pedro Oliveira, a visita que realiza na sepultura de Santa Raimunda integra a programação anual de sua agenda, tanto que, ao deixar a colocação de seringas, inicia os planos para o ano seguinte. Para ele, os dois dias que passa na colocação não só trazem de volta o seu passado, como lhe dá forças para continuar lutando pela vida.

Muitos visitantes preferem chegar no dia da festa da “padroeira dos seringueiros”, conforme eles mesmos denominam a santa. São dezenas de homens, mulheres, adolescentes e crianças que visitam a sepultura. A chegada dos devotos no espaço sagrado é contagiante; trazem estampado nas faces a alegria da missão cumprida.

Para Corrêa: “os festejos parecem marcar um determinado tempo, espaço desses parece evidenciar algo elementar para a cultura local: o tempo em que as relações homem/natureza se refazem” (Corrêa, 2008, p. 198). Brandão afirma que “a festa é um momento em que a sociedade interrompe a sequência de sua rotina e introduz um curto tempo

²⁰ Depoimento concedido por Aluizio Costa Mendonça, devoto de Santa Raimunda, morador no bairro Taquari, em Rio Branco - AC, em 14 de agosto de 2010.

quente [...] redistribui papéis e posição entre os seus praticantes” (Brandão, 2007, p. 183).

Imagem 16 - Devotos preparando o almoço: assando carne em uma churrasqueira improvisada, próxima à sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso, no dia 15 de agosto de 2010



Fonte: Acervo Airton Chaves da Rocha.

Ao redor da sepultura, os devotos de Santa Raimunda do Bom Sucesso comem, bebem, soltam foguetes, dão vivas e partilham a alimentação, em um contexto de autêntica fraternidade. Alguns fazem comida, assam carne, bebem cachaça e licor. É visível o sentimento de gratidão diante das bênçãos recebidas da Santa. A alegria parece ser contagiante entre os devotos que, apesar do cansaço, sentem-se felizes por estarem num local sagrado. Conversam em voz alta, e seus risos quebram o silêncio da mata. Em sua maioria, eles afirmam: “me sinto muito feliz de poder estar aqui, hoje na sepultura de Santa Raimunda, para mim isso é

uma graça”. Essa fala denota o sentimento de apreço por poderem estar presentes na data festiva. A Imagem 16 retrata o momento de partilha, após a reza dos terços e a celebração da missa.

Os devotos de Santa Raimunda usam o momento anterior e posterior aos terços e missas como um tempo de socialização, de troca de experiências e vivências.

Ao celebrarem a festa de Santa Raimunda comemoram também a vida, festejada na partilha de alimentos, bebidas, doces, bolos e bombons. Na festa, tão esperada e devidamente preparada, as práticas dos devotos reforçam a fé na Santa Raimunda do Bom Sucesso.



UMA DEVOÇÃO TRANSNACIONAL NA AMAZÔNIA

Ao longo de sete décadas, surgiu entre os habitantes do vale do rio Acre, de regiões próximas e mais distantes, uma profunda devoção popular. Consta-se que a fé e a devoção dos habitantes, que residiam e trabalhavam na floresta, foram responsáveis por difundir o respeito por Santa Raimunda do Bom Sucesso, por meio de relatos de curas e milagres que fazem entre si ao longo dos tempos.

Na relação homem-floresta e devoção popular se observa o surgimento de um profundo sentimento de fé em Santa Raimunda. Tal crença se intensificou tanto por parte de seus devotos, que os levou a conseguir superar barreiras geográficas, dentre outros limites impostos pela vida, fé que passou a ser disseminada dentro e fora do vale do rio Acre.

Consta-se ainda, no decorrer da pesquisa, que a devoção a Santa Raimunda do Bom Sucesso ultrapassou as fronteiras geográficas do estado do Acre e do Brasil, sendo perceptível que a cidade de Assis Brasil se tornou um espaço transcultural. A transculturalidade popular do município de Assis Brasil se deve às constantes idas e vindas de devotos de outras nacionalidades, que vêm até o município para buscar auxílio e homenagear Santa Raimunda do Bom Sucesso. A maior motivação dos fiéis dos países vizinhos é uma constante busca por proteção

e fortalecimento da fé. Tornou-se muito frequente também a ida até o túmulo da Santa para agradecer as graças recebidas.

No breve convívio com os devotos peruanos e bolivianos, constatou-se um profundo respeito à devoção daqueles que buscam encontrar um sentido para suas vidas, por meio da “virgem das selvas”. “Virgem das selvas” é a denominação dada por muitos devotos de Santa Raimunda, que moram nas regiões pertencentes ao Peru e Bolívia. É fato marcante que os devotos peruanos e bolivianos hajam encontrado e continuem encontrando em Santa Raimunda a solução para a maioria seus problemas pessoais, sendo por intermédio dessa fé que têm conseguido apoio para continuarem prosseguindo com suas vidas. Eles depositam toda sua confiança nos poderes milagrosos de Santa Raimunda e acreditam que é por meio dela que conseguem alcançar e superar suas dificuldades.

A devoção popular à Santa Raimunda, por parte dos devotos peruanos e bolivianos, é muito intensa. Muitos deles, quando estão perto da sepultura, ou quando depositam um ex-voto, choram copiosamente. Um choro não proveniente de tristeza, mas de alegria. O semblante sereno e a paz que deixam transparecer confirmam esse estado de espírito.

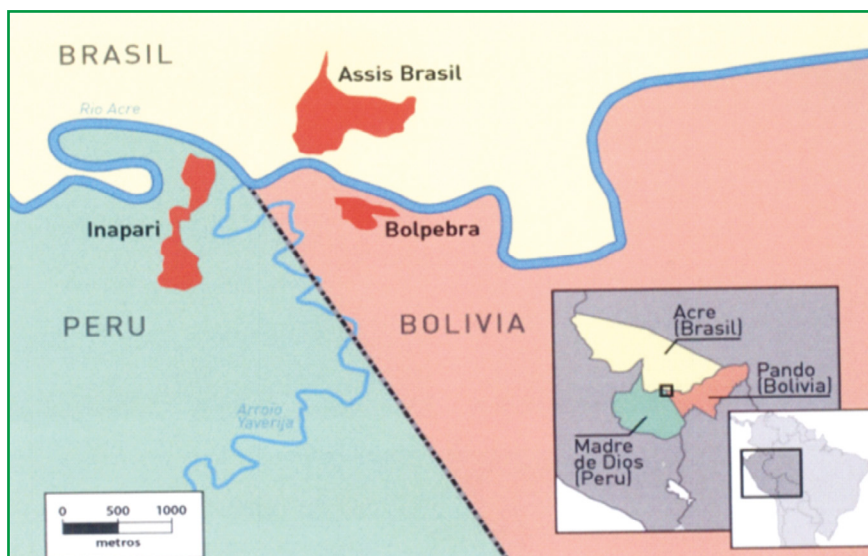
Na verdade, a postura dos peregrinos, sejam eles brasileiros, peruanos ou bolivianos, assemelha-se sob muitos aspectos. Caberia um estudo de cunho comparativo, que escapa aos interesses delimitados para a realização deste trabalho.

A questão da devoção à Santa ter ultrapassado os limites geográficos brasileiros e alcançado outras regiões fronteiriças pode ser ilustrada na Figura 1.

O mapa da Figura 1 mostra a região do Peru e da Bolívia, onde existe uma concentração bastante acentuada de devotos de Santa Raimunda do Bom Sucesso. No entanto, vale lembrar que os habitantes dessa área de fronteira entre os três países viviam, e muitos ainda vivem, do extrativismo, em constante convívio com a floresta, sendo confrontados com desafios diários, em busca da sobrevivência e na luta por alcançarem benefícios do Estado, tais como hospitais, farmácias etc. Em certo sentido, os que vivem no lado acreano da região, enfrentam as mesmas dificuldades na floresta, o que pode indicar essas condições de

vida como motivo principal para encontrarem na fé um sentido existencial para levarem a vida adiante.

Figura 1 - Mapa da fronteira Brasil, Peru e Bolívia, onde existe uma concentração de devotos de Santa Raimunda do Bom Sucesso



Fonte: LOVATO. In: *História e memória das três fronteiras Brasil, Peru e Bolívia* (2009).

Em algumas localidades, além da área de fronteira do Brasil, nos distritos de San Lorenzo e Iñapari, no Peru, e San Pedro Bolpebra, na Bolívia, se pode constatar que os habitantes ali, ao longo dos anos, encontraram e continuam encontrando razão para enfrentar seus problemas cotidianos na devoção popular de Santa Raimunda do Bom Sucesso.

Os pesquisadores Del Rio e Cardia, em um estudo realizado na região dos três países, em 2008, reforçam o que acabamos de afirmar:

A seringa foi tudo, até há pouco tempo, nesta região; assim não é estranho que as santas (não reconhecidas, oficialmente) sejam seringueiras e que o próprio seringal tenha se convertido em um lugar de veneração, aonde vão pessoas de toda a fronteira. [...] Nos três países, até pouco tempo, o Estado Central era visto

como uma realidade alheia, à margem do que ali ocorria (Del Rio; Cardia, 2009, p. 78).

Segundo Del Rio e Cardia, a situação socioeconômica dos habitantes da região é semelhante à dos acreanos, que ganhavam sua vida nas colocações de seringa, o que explica a devoção dos moradores da fronteira peruana e boliviana, por viverem sob as mesmas condições dos habitantes dos seringais do vale do rio Acre.

Em uma das muitas idas ao local da sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso, com o objetivo de coletar dados para esta pesquisa, a oportunidade de entrevistar alguns devotos de Santa Raimunda, moradores no Peru e na Bolívia, foi de bom proveito, momento em que se pode constatar o respeito e a fé devotada à Santa Raimunda.

Para esses devotos, foi Santa Raimunda que, por diversas vezes, os livrou de grandes perigos no trabalho. Todos os entrevistados foram enfáticos ao afirmar: “Santa Raimunda é a virgem das selvas, sem ela não somos nada nesta vida”. Juan Lopez Rodríguez mora na cidade de San Lorenzo, a cerca de 100 quilômetros da fronteira com o Brasil, e todos os anos, no dia 15 de agosto, paga suas promessas na sepultura de Santa Raimunda e agradece pela proteção de sua vida e de seus familiares.

Durante muitos anos, não acreditava em milagres, minha mãe sempre foi devota de Santa Rosa de Lima. Santa Rosa de Lima é a primeira santa da América e é a padroeira do Peru e da América. Minha mãe tinha muita fé nos poderes dela, mas também era e é devota de Santa Raimunda. Quando tinha quinze anos minha mãe disse que ia até ao Brasil, na cidade de Assis Brasil, conhecer a sepultura de Santa Raimunda, ficou quase uma semana ausente de casa, era uma viagem muito difícil. Três anos depois, eu estava cortando árvores para fazer madeira, para vender, quando em um descuido sofri um grave acidente. Uma das toras de madeiras rolou em cima de mim, e não me lembro de nada do que aconteceu. Só lembro que acordei três dias depois; ainda sentia muitas dores no corpo, deitado em uma cama do hospital de San Lorenzo. E na cabeceira de minha cama estava minha mãe, ainda com o seu rosário nas mãos. Quando ela percebeu que eu estava acordado, ela pegou minhas duas mãos e colocou o rosário dentro e disse com os olhos cheios de lágrimas: “– meu filho,

“você está vivo graças a um milagre de Santa Raimunda.” Minha mãe me disse quase chorando, “você esteve quase morto meu filho durante três dias, e eu nunca perdi a esperança que você ia ficar bom, porque acreditando nos poderes de Santa Raimunda e foi graças a ela que agora você está vivo”. Depois ela me disse que quando me viu, ficou desesperada, ajoelhou-se e pediu com muita fé que Santa Raimunda me curasse e fizesse com que eu ficasse curado dos ferimentos internos do corpo e da cabeça e eu fui curado graças a ela, Santa Raimunda. Você pode ver, ainda, nos meus braços e nas minhas pernas, ainda, as marcas das cicatrizes. Foram vinte e duas fraturas pelo corpo. Ninguém acreditava que iria sobreviver. Mas estou vivo graças a uma promessa que minha mãe fez para a Santa Raimunda do Bom Sucesso. Todo ano venho até aqui, pago minha promessa e peço proteção para minha vida e a vida de minha família, inclusive para minha mãe, que já está bastante idosa e não aguenta fazer o percurso a pé, dentro da floresta, até aqui, na sepultura de Santa Raimunda (tradução nossa).²¹

É perceptível pela fala do entrevistado que existe um significativo sentimento de gratidão para com Santa Raimunda, por ter sido curado dos ferimentos e ficar livre de sequelas, após o acidente. Antes do acidente, Juan não era devoto de Santa Raimunda, mas depois percebeu, sentiu e vivenciou os poderes de Santa Raimunda. Hoje, tem firme convicção que deve sua saúde à Santa.

A forte devoção de sua mãe à Santa Raimunda exerceu influência em Juan Lopes, mas a experiência limite, quando esteve entre a vida e a morte, foi decisiva para que visualizasse uma dimensão mais espiritual. Hoje, devoto fervoroso, é categórico em afirmar: “ocorreu um milagre em minha vida, foi Santa Raimunda que me protegeu e me deu a vida novamente” (tradução nossa). Afirma, ainda, que Santa Raimunda é sua protetora e que ela é sua guardiã, pois o protege dia e noite.

A experiência dele é muito semelhante àquela vivida por devotos brasileiros, pois, nos momentos difíceis, recorreram aos santos, para que intercedam junto de Deus, auxiliando-os na resolução dos seus problemas. Nesse sentido, Oliveira afirma que:

²¹ Entrevista concedida por Juan Lopez Rodríguez, morador da cidade de San Lorenzo, no Peru, que estava na ocasião, na cidade de Assis Brasil, em 15 de fevereiro de 2012.

O devoto possui uma consciência que vai além da vigília e dos sonhos e lhe permite reconhecer sua forma de ser e existir. Essa capacidade propicia não só o encontro com o santo vivo, mas a participação na sua intimidade, dando-lhe a força de um universo bem maior do que seus saberes e dizeres poderiam exprimir, a respeito de suas necessidades. Sua limitação, porém, se perde, no encontro de si mesmo, ao tentar construir um sentido para a sua vida no santo vivo. Essa construção conduz o peregrino a espaços distantes do seu mundo, da sua visão, do seu universo simbólico, levando-o ao contato com outras culturas, para descobrir-se como criatura que reverencia o Criador (Oliveira, 2011, p. 75).

Segundo o autor mencionado, quando o devoto reconhece sua forma de existir, no seu espaço devocional popular, encontra-se ou aproxima-se de seu santo ou vice-versa.

Encontrei uma devota de Santa Raimunda do Bom Sucesso, na cidade que faz fronteira com o Brasil e o Peru – San Pedro Bolpebra; na oportunidade, a devota, de nacionalidade boliviana, relatou um pouco sobre sua prática de devoção. A senhora Concepcion Lacerda falou com muita convicção sobre sua fé e, em especial, de um milagre que obteve por intercessão de Santa Raimunda.

Concepcion Lacerda diz, em seu depoimento, que a virgem da floresta, Santa Raimunda do Bom Sucesso, é sua protetora. Conta ela que na década de 1980, viveu uma situação de saúde muito delicada, que a deixou vulnerável quase até a morte, por ocasião de um acidente de canoa no rio Yaverija entre o Peru e Bolívia.

Acredito muito nos milagres de Santa Raimunda; nasci e cresci aqui, em San Pedro Bolpebra, mas sempre ouvi muitos comentários dos inúmeros milagres que ela realizou, na vida das pessoas. Quando tinha 16 anos, o rio estava alagado como está agora. Eu e meus dois irmãos estávamos descendo o rio, em uma canoa muito pequenina, a correnteza era muito forte e, na curva do rio, não percebemos, tinha um redemoinho na água. Quando percebemos, a canoa entrou no redemoinho e começou a entrar muita água; em pouco tempo nossa canoa alagou. Foi um momento de muito desespero, meus irmãos sabiam nadar, eu não sabia nadar, sempre tive medo de muita água. Quando a canoa encheu d'água

e percebi que tinha alagado, comecei a gritar desesperada. Meus irmãos sabiam nadar e caíram na água e nadaram contra a correnteza para a margem do rio e eu caí na água com os maiores gritos de alarme, pedindo socorro. Quando caí na água e percebi que ia morrer afogada; naquela correnteza forte, tinha certeza, nenhuma possibilidade de sair viva daquele local. Ao cair na água, aos gritos, me vali de Santa Raimunda do Bom Sucesso. Comecei a me afogar, a correnteza me jogou para o fundo do rio, mas de repente o redemoinho me jogou de volta para a superfície do rio. No desespero, me debatendo, eu percebi uma luz muito forte que vinha em minha direção e naquele momento senti como se estivesse nos braços de minha mãe, como se algo me consolasse me acalmasse, como se alguma coisa me dissesse para ter calma. E, milagrosamente, não sei dizer como, me agarrei a uns galhos de uma árvore, que estavam descendo na correnteza. Os galhos foram descendo na correnteza, até que, chegou a um remanso, onde a água fica meio parada e aos poucos a água foi empurrando os galhos para a margem do rio. Meus irmãos me viram agarrada nos galhos, gritaram para mim segurar firme, eles conseguiram uma Canarana e jogaram e eu consegui pegar. Eles me puxaram para a margem do rio, estava tremendo de frio. Para mim, não tem outra explicação, foi um milagre em minha vida de Santa Raimunda. Um mês depois do acontecido, fui até a sepultura dela agradecer o milagre que ela havia me concedido e quando cheguei lá na sepultura senti a mesma sensação de paz que senti, quando estava me afogando no rio. Até hoje, acredito nos seus poderes milagrosos e sei o quanto Santa Raimunda é poderosa. Agradeço muito a ela por estar viva, depois daquela ocasião.²²

Concepcion Lacerda, com sua voz pausada, reconhece o milagre, pois, para ela, Santa Raimunda do Bom Sucesso a salvou, não deixando que se afogasse na forte correnteza. Mesmo não sabendo nadar, Santa Raimunda do Bom Sucesso deu a ela a possibilidade de sair ileso daquela situação catastrófica em que se encontrava.

A depoente, em seu relato, não só reconhece os poderes de Santa Raimunda, como também afirma ter sentido sua presença na dificuldade mais extrema, nas águas do rio Yaverija.

²² Entrevista concedida por Concepcion Lacerda, na cidade boliviana San Pedro Bolpebra, no dia 16 de fevereiro de 2012.

Acreditar nas graças e na proteção de um santo ou uma santa é uma experiência muito particular de cada devoto ou devota. Os relatos de milagres apontam para diversas situações em que ocorrem. Existem casos em que o devoto se encontra em situações que beiram a morte e, surpreendentemente, recupera a vida, em outros casos, doenças são curadas de forma miraculosa.

Os devotos entrevistados foram unânimes em afirmar que nunca foram desamparados nas mais diversas situações vividas, todas trazendo em seu bojo uma fé viva e atuante, que os mantém vivos.

Os devotos veem em Santa Raimunda uma protetora, uma mãe e uma ex-trabalhadora da floresta, que consegue entender perfeitamente, cada um de seus devotos. Corroborando com essa visão, Oliveira intui, com muita sensibilidade, a realidade profunda, presente na relação do devoto com o seu santo protetor. Ao responder a pergunta sobre o que o devoto procura no seu santo protetor, o autor afirma:

O devoto encontrou, no seu santo escondido, um aliado presente em sua vida, próximo de si, diante dos seus olhos. Essa realidade é motivada pela fé que lhe dá forças para continuar. Ele espera que sua luta e sofrimento sejam, também, as lutas e chagas do santo. A superação dos obstáculos pelo santo protetor, confere um poder de superação ao peregrino que sofre dificuldades semelhantes. O peregrino vê no santo, o único ser capaz de compreender seu sofrimento, por ter experimentado a mesma aflição. Assim, por onde quer que o peregrino vá, leva consigo a memória e a identificação do santo, utilizando muitas vezes um hábito igual ao dele (Oliveira, 2011, p. 50).

Segundo Oliveira, o santo é um aliado do devoto, aliança que se estabelece na relação cada vez mais próxima, que constroem entre si. Essa relação de proximidade está muito presente nos devotos de Santa Raimunda do Bom Sucesso. A proteção de Santa Raimunda foi capaz de salvar a vida de Concepcion das águas turvas do rio Yaverija e a devota é enfática ao afirmar que só está viva graças à intervenção da Santa. A devota ainda diz reconhecer Santa Raimunda como sua protetora e intercessora em sua vida.

Concepcion Lacerda, em um momento de desespero, recorreu aos poderes de Santa Raimunda, como a última alternativa e, de forma surpreendente, foi validada (atendida) em seus apelos. Ao passar por uma experiência limite, a devota soube buscar, na devoção popular a Santa Raimunda do Bom Sucesso, uma alternativa para salvar sua vida. Uma vez por ano, essa senhora visita o túmulo da Santa, como uma forma de renovar e fortalecer a fé.

Imagem 17 - Concepcion Lacerda, rezando para Santa Raimunda do Bom Sucesso, no dia 15 de agosto de 2011



Fonte: Acervo do autor.

Na cidade de Iñapari, o entrevistado Francisco González Alvarez, um devoto de Santa Raimunda do Bom Sucesso desde os 12 anos de idade, quando contraiu um câncer de estômago, tendo recebido diagnóstico médico de que não iria sobreviver, recorreu aos poderes milagrosos da Santa, entendendo ser uma última tentativa para curar sua doença. Nesse sentido, ele relata:

A minha devoção em Santa Raimunda não é muito antiga, tem menos de oito anos. Acreditava que ela era muito milagrosa, mas não tinha noção de sua força. A cerca de sete anos atrás, passei por uma fase muito difícil de minha vida. Cheguei a pensar que não ia conseguir ficar com vida, ia perder a vida. Tudo começou, quando comecei a sentir muitas dores no estômago; achava que era uma coisa à toa, não procurei ir ao médico, porque achava que com o tempo as dores desapareceriam. Mas com o passar dos tempos, cada vez mais, as dores aumentavam; cheguei a pensar que era uma gastrite ou uma úlcera. Em 2005, as dores aumentaram muito, não conseguia mais comer nada, tudo que comia doía o estômago. Procurei o médico e contei tudo que sentia; ele mandou eu fazer vários exames. Depois dos exames realizados, o médico pediu mais um exame, uma biópsia do estômago e depois de alguns meses, foi constatado um tumor maligno no estômago. Na ocasião, achei que os médicos iam me mandar para um centro mais avançado, para fazer uma cirurgia para tirar o tumor, mas os médicos me disseram que não podiam fazer mais nada. Mesmo assim, procurei tratamento fora daqui, na tentativa de tirar o tumor o mais rápido possível, mas, depois de passar por outros exames, os médicos diagnosticaram mais uma vez: nada podia ser feito, porque já estava em um estágio muito avançado e nada mais poderia ser feito; o que poderia ser feito era apenas tomar alguns medicamentos para amenizar a dor. Receitaram injeção de morfina para tomar, quando as dores aumentassem. Ao voltar para casa, fiquei muito triste, pois não queria morrer tão cedo, queria criar meus filhos; vê-los adultos. Naquela mesma noite em que cheguei em casa, no dia 27 de maio de 2005, às seis horas da tarde, quando o sol ia se pondo, dobrei meus joelhos e implorei para Santa Raimunda da minha saúde e me curar da doença. Naquela mesma noite, ao deitar-se, rezei mais uma vez para ela e pedi que me ajudasse e, ao dormir, tive um sonho muito estranho, uma senhora se aproximava de mim e dizia para eu ter fé e confiança que ficaria curado e que o remédio para minha cura estava na minha horta ao lado de minha casa. A senhora disse-me, no sonho, quando você entrar em sua horta, olhe para o lado esquerdo, próximo as torceras de cebolas; você vai ver o remédio que vai curar você e, ao sair, ainda me disse: tenha fé, eu estou com você, nunca vou lhe abandonar. Ao acordar, no meio da noite, assustado com tudo aquilo que sonhei, peguei uma lanterna e fui até a horta e, ao entrar, olhei conforme a senhora me

disse no sonho, vi do lado esquerdo da horta, perto das cebolas uma lata grande com vários pés de babosa e couve brancos. No dia seguinte, ao levantar, pedi para minha esposa fazer o suco das folhas de babosa com as folhas da couve branca, tomei o suco durante 20 dias, sempre três vezes ao dia. Com 20 dias já sentia melhoras, o estômago doía menos, mas as folhas acabaram; comecei uma peregrinação para encontrar mais folhas de babosa. Pedia informações das pessoas para saber quem tinha babosa em casa. Todo mundo me ajudou na cidade, ou na zona rural, quem tinha a planta me davam as folhas. Com seis meses que tomava o suco da babosa com a couve branca, já estava curado, não sentia mais nada em minha barriga. Fui ao médico e fiz um exame de ultrassom e milagrosamente, os tumores estavam secos, murchos. Para mim, não existe explicação, foi um milagre em minha vida. (se emociona e chora) Hoje devo a minha vida à Santa Raimunda do Bom Sucesso, vou duas a três vezes ao ano, na sepultura dela, agradecer o milagre que ela me concedeu.²³

O sentimento de gratidão que o devoto externa é muito forte, pois, durante sua entrevista, em vários momentos, chegou a emocionar-se, ficou com a voz embargada, chegando ao ponto de liberar toda sua emoção e chorar por alguns instantes. Ao retomar, diz “sou muito grato à Santa Raimunda, se não fosse ela já estaria morto”. A fala, a gestualidade, o olhar fixo, as lágrimas que brotam em seus olhos denotam sua fé popular em Santa Raimunda do Bom Sucesso. E, gradativamente, no contato com os inúmeros devotos e devotas, compreendi que a devoção é muito profunda. Para perceber a densidade da fé, faz-se necessário ir além dos sinais externos, significativos, pois todos eles, como acender velas, rezar um terço ou mesmo pagar uma promessa, permitem perceber que entre os devotos e a santa há um verdadeiro pacto, um elo existencial entre os devotos e a Santa.

Os devotos vivem, convivem e conseguem dignificar suas vidas por meio de sua fé. É esse pacto que os levam a ter motivação para enfrentar todas as dificuldades que possam surgir em suas vidas. Oliveira assim nos descreve o encontro do devoto com o santo:

²³ Entrevista concedida por Francisco González Álvarez, na cidade peruana de Iñapari, em 15 de fevereiro de 2012.

O encontro com o santo vivo significa a descoberta de si mesmo, o voltar-se para a sua intimidade. A busca do enigma vivente, não acontece apenas no seu interior, mas num chão sagrado, onde o devoto se compromete, livremente, a comparecer todos os anos para caminhar e renovar seus passos (Oliveira, 2011, p. 45).

O encontro do devoto com o seu santo protetor denota intimidade, perceptível nos belíssimos depoimentos dos peregrinos do Peru e da Bolívia, devotos de Santa Raimunda do Bom Sucesso. Para eles, encontrar com a Santa é um momento inexplicável, que dá verdadeiro sentido para suas vidas. Para os devotos, não existem fronteiras, limites ou marcos territoriais – a fé os irmana, fraternidade que pode ser sentida ao longo da caminhada, no convívio junto à sepultura de Santa Raimunda.

A quebra de barreiras ganha uma dimensão mais profunda, sintetizada na busca por compreenderem uns aos outros. A diferença de idioma não se constitui num problema. Cada um fala na sua própria língua e a compreensão mútua acontece.

Para os devotos, o local da sepultura de Santa Raimunda é um local sagrado, e também espaço para a comunicação que estabelecem com a santa e com outros devotos. É ainda um lugar de testemunho, onde os devotos compartilham as histórias de cada um sobre as graças recebidas, de como isso ocorreu. Brasileiros, peruanos e bolivianos, congregados no espaço sagrado, renovam individual e coletivamente sua fé.

A devoção à Santa Raimunda é o passaporte que rompe barreiras geográficas, sociais e psicológicas. Para Del Rio, a presença de peruanos e bolivianos deve-se a dois fatores:

A diferença entre a Alma do Bom Sucesso e outras almas é que, nesse caso, há dois fenômenos, especialmente, interessantes. O primeiro é o raio de influência dessa devoção, e o segundo, sua progressiva institucionalização. O primeiro pode ser explicado a partir da influência brasileira além da fronteira e os deslocamentos de pessoas da fronteira para outras áreas. A devoção de Santa Raimunda não é mais do que a expressão cultural de uma realidade territorial compartilhada, que atravessa demarcações político-administrativas. Uma expressão que, no passado, aparecia,

por exemplo, com a influência dos famosos “rezadores” brasileiros, que também atraíam os vizinhos peruanos que os procuravam para se curar (Del Rio, 2009, p. 180-181).

A devoção popular no Peru, Bolívia e Brasil tem matrizes antigas, remonta à época colonial, quando seringueiros brasileiros, vindos do Nordeste para a região do vale do rio Acre, estiveram em território peruano e boliviano, extraindo látex. Portanto, uma das matrizes dessa devoção popular é nordestina.

Hoje, os devotos peruanos e bolivianos trazem consigo fotos, roupas e outros objetos de parentes e amigos para depositarem junto ao túmulo e aos pés da imagem de Santa Raimunda. Outros, deixam na capela da Santa dinheiro, joias e outros objetos em pagamento por promessas feitas.

Os devotos peruanos fazem longos percursos de carro e a pé para pagarem suas promessas na sepultura da Santa. Constatou-se, durante uma manhã e parte de uma tarde, no ano de 2011, a experiência devocional popular na sepultura de Santa Raimunda. Na ocasião, eram 22 peregrinos peruanos, provenientes das cidades Ibéria e San Lorenzo, distantes 70 a 120 quilômetros de Assis Brasil, de onde se gasta 2 horas de caminhada, até a sepultura.

Durante a pesquisa, observando *in loco*, durante a coleta dos depoimentos de devotos, se pode ver uma mulher de descendência peruana, com o filho nos braços, para pagar promessas de uma graça alcançada pela intercessão de Santa Raimunda do Bom Sucesso.

María Fernández tinha feito a promessa durante a gestação. Ao atender ao pedido médico para realizar um exame do feto, foi informada de que precisaria interromper a gravidez, pois o feto apresentava problemas, e o médico lhe dissera que a criança nasceria morta, que o cérebro não se formaria. Aquela mãe voltou para casa desesperada e inconformada. Mas, como era devota de Santa Raimunda, não hesitou em recorrer a ela para tentar salvar a vida de seu filho. Durante o período de gestação, não procurou mais o seu médico e recusou-se a fazer o aborto. Segundo a depoente, no decorrer dos meses, a criança começou a mexer em sua barriga: “quando ele começava a mexer, eu conversava com ele e

dizia para ele que o amava muito e que Santa Raimunda estava cuidando de sua saúde”. Ao final da gravidez, teve um parto natural e, no fim da tarde do dia 8 de novembro de 2010, concebeu seu filho.

A criança nasceu com 3,20k com aparência saudável. Após alguns dias de nascido, o bebê passou por vários exames que não detectaram nenhum problema de saúde. Segundo a mãe, os médicos então lhe afirmaram que seu filho era uma criança saudável, sem nenhuma anormalidade. Por meio de sua fé, a mãe aflita constatou um grande milagre em sua vida e, em sinal de gratidão e respeito à Santa Raimunda, em homenagem deu ao filho o nome de Raimundo do Bom Sucesso. A mãe é categórica ao afirmar que Santa Raimunda interferiu na gestação de seu filho, conseguindo reverter o problema de saúde.

Imagem 18 - María Fernández, caminhado com o filho, indo pagar uma promessa na sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso, em 15 de agosto de 2011



Fonte: *O Alto Acre* (2013 - site).

O que seria para alguns um imenso sacrifício – caminhar por várias horas dentro da floresta com o filho nos braços, subindo e descendo ladeiras – para María Fernández torna-se uma satisfação. Na verdade, é um imenso prazer para ela fazer todo o percurso dessa maneira, pois conseguiu ter seu grande sonho realizado: concebeu seu primeiro filho sadio e livre de qualquer doença.

Tantos testemunhos motivam-nos a perguntar: o que leva os fiéis a terem tanta confiança nos poderes milagrosos de Santa Raimunda do Bom Sucesso? O que diferencia Santa Raimunda de outros santos e santas? Para Oliveira:

Escolhe-se o santo que mais se identifica com seu sofrimento e dificuldade de vida atual, o que não acontece ao acaso, mas através de experimentos religiosos, porque o santo antes de ser escolhido, se revela ao devoto. Para proceder à escolha, os devotos procuram os santos chagados, sofridos, excluídos de seu tempo, perseguidos por suas ideias e mortos por suas convicções (Oliveira, 2011, p. 49).

Segundo o aludido autor, a devoção não surge por um acaso, existe uma aproximação do devoto com o santo. No caso da devoção à Santa Raimunda, os devotos a escolheram como protetora por ter vivido uma vida muito semelhante às suas.

Na dinâmica religiosa popular, o devoto percebe e sente confiança no santo cujos poderes lhe são visíveis e inequívocos, fato que gera uma aproximação cada vez maior entre o devoto e o santo, marcada pelo respeito, tal como vem ocorrendo há mais de meio século relativamente à Santa Raimunda do Bom Sucesso.

Neste capítulo se analisou os aspectos reveladores de diversas facetas da devoção à Santa Raimunda do Bom Sucesso, nos espaços rurais e urbanos, no estado do Acre e nos países que fazem fronteira com o Brasil.

Particularmente, na cidade de Rio Branco, a devoção à Santa Raimunda está presente no bairro Taquari e é preservada pelas guardiãs dessa devoção. Nas regiões de fronteira da Bolívia e do Peru, a devoção pode ser encontrada em várias cidades, nas margens dos rios, igarapés nas estradas de terra e ramais.



A RESSIGNIFICAÇÃO DA DEVOÇÃO POPULAR PERUANA DE SANTA RAIMUNDA NO PERU

Ao longo dos anos, as peregrinações dos devotos peruanos à sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso, no seringal Icuriã, próximo à fronteira do Brasil com o Peru, vêm crescendo de forma substancial. A profunda fé dos devotos peruanos à Santa possibilitou uma aproximação entre a cultura popular daquele país e a cultura brasileira.

É possível perceber que, na região peruana, existe a presença de um catolicismo popular bastante acentuado que, na maioria das vezes, é praticado por devotos que habitam o meio rural.

Acredita-se que, ao longo da trajetória da colonização espanhola no Peru, a presença efetiva das ordens religiosas contribuiu com a consolidação das devoções à Virgem Maria na região andina, como um todo. Por outro lado, constata-se também a contribuição da ancestralidade andina, que engendrou nos povos peruanos uma profunda devoção a essa Virgem.

Vale salientar, no entanto, que o culto à Virgem Santa Rosa de Lima, no Peru, é bastante antigo, remontando ao início da reocupação da América espanhola. A citada Santa nasceu em Lima, no Peru, em 30 de abril de 1586, quando lhe foi dado o nome de Isabel Mariana de Jesus Paredes Flores y Oliva. Quando ainda criança, ao ter contato com

uma mulher indígena, recebeu desta elogios acerca de sua beleza, sendo comparada à figura de uma rosa. Em relação à beleza que lhe fora atribuída, passaram a chamar a menina peruana carinhosamente de “Rosa”, tornando-se este o seu apelido.

É possível inferir que o fato de sua família ser bastante católica e devota de Maria contribuiu para o surgimento da devoção à jovem menina. A pesquisa revela também que, nos tempos da infância, Isabel Mariana demonstrou interesse em ser chamada de “Rosa de Santa Maria”.

O *blog* “Templário de Maria” destaca outros aspectos importantes, que fazem refletir acerca do aprofundamento da fé praticada pela menina Isabel.

Um fato de destaque sobre Rosa era que, por ser devota de Nossa Senhora, sempre fazia pedidos à Santa Virgem para que houvesse o crescimento da Igreja, sobretudo entre os indígenas americanos. Em certa ocasião, pediu a Nossa Senhora para que a indicasse em qual ordem ela deveria servir e, assim, rezava sempre com esse pedido. Com a prece diária, Rosa notou que sempre que orava surgia uma borboleta preta e branca. Compreendendo isso como um sinal de Deus, Rosa entendeu que deveria ingressar na Ordem Terceira da Congregação de São Domingos, cujas vestimentas eram nas cores preto e branco. As cores da pequena borboleta que a visitava diariamente eram as mesmas do hábito de Santa Catarina de Sena, a santa pela qual tinha tanta devoção e a quem deseja tanto imitar. Em 1606, aos vinte anos, ingressou na Ordem Terceira Dominicana (Templário de Maria, 2023).

Percebe-se que as escolhas de Isabel tiveram origem na devoção mariana trazida para o Peru, quando da colonização espanhola. Por outro lado, percebe-se que existiu também uma aproximação de Isabel com as culturas indígenas daquela região, que ela cresceu sob tal influência. Torna-se viável constatar que, durante sua infância e mesmo na fase adulta, essa, que depois se tornou Santa, tenha conseguido sentir e vivenciar não só o sofrimento, mas também as imposições dos colonizadores espanhóis sobre as culturas indígenas do Peru.

A devoção que Isabel passou a vivenciar, destinada à Virgem Maria, é reveladora de sua sensibilidade e, ao mesmo tempo, de sua preocupação com os problemas que a população enfrentava naquele momento da história, sobretudo aqueles que atingiam as sociedades indígenas peruanas.

Como pensar um culto à Maria que fosse pautado também nos valores culturais indígenas? Fatos levam a crer que a devoção à Maria e a maneira como Rosa (Isabel) passou a se comportar, segundo o blog *Via Lumina*, se tratava de uma ressignificação do culto à Maria, por sua vez, inspirada na vida daqueles que habitavam o Peru, no final dos anos 1500 e início dos 1600.

Acredita-se que a devoção popular à Virgem Maria, ou à Santa Catarina de Sena, reinterpretada a partir da bondade e generosidade da menina Isabel, propiciou uma reapropriação do culto à Maria, direcionando-o assim à menina Rosa. O modo como a jovem Isabel dinamizou sua vida, mediante a prática constante de orações, dedicada à vida daqueles que sofriam e passavam por dificuldades, possibilitou seu reconhecimento e, ao mesmo tempo, sua canonização popular, muito antes da canonização feita pelo Vaticano.

Rosa passava o dia em oração, aos que perguntavam o porquê, ela dizia: “É porque este é o dia das minhas núpcias eternas”. A cada 24 de agosto e o fato se repetia. Em 1617, Rosa não suportou mais uma grave enfermidade e veio a falecer, no dia de São Bartolomeu, com apenas 31 anos. Seu túmulo, os locais onde viveu e trabalhou pela Igreja, bem cedo tornaram-se locais de peregrinações. Muitos milagres começaram a acontecer. A beatificação de Rosa de Santa Maria deu-se no ano de 1667, logo no primeiro ano do pontificado do Papa Clemente IX. A concretização de sua canonização demorou um pouco mais para acontecer. O Papa Clemente X relutava em elevá-la à glória dos altares. Mas o Papa convenceu-se de que deveria canonizá-la depois que presenciou uma milagrosa chuva de pétalas de rosas que caiu sobre ele e que todos atribuíram à ação da Beata Rosa de Santa Maria. Clemente X a canonizou em 12 de abril de 1671. Rosa, a menina que um dia foi crismada por São Turíbio de Mongrovejo, passou a ser conhecida no mundo católico como Santa Rosa de Lima. Era a primeira mulher da América a receber essa honra

tão excelsa. Santa Rosa de Lima é a padroeira da América Latina e das Filipinas (Templário de Maria, 2023).

Santa Rosa de Lima, a primeira Santa do Peru, retrata um pouco da identificação da menina Rosa com o sofrimento do seu povo. Ela teve sua vida dedicada a orações pelo seu país. As orações de Santa Rosa eram motivadas por sua simbiose com vida da população peruana, uma vida de sofrimento e ao mesmo tempo de superações.

Através da fé e devoção popular, ao longo dos anos, os habitantes peruanos e da América Latina, como um todo, paulatinamente redimensionam suas vidas, forjam saídas para os problemas cotidianos, conquistam novos espaços e renovam suas forças para os trabalhos, de maneira que conseguem ultrapassar barreiras insuperáveis. É um povo que vive, em sua grande maioria, ancorado na fé, em uma íntima relação com o que considera sagrado.

Imagem 19 - Santa Rosa de Lima, padroeira do Peru, Filipinas e América Latina, como um todo



Fonte: *Catholic Exchange* (2023 - site).

A relação que os devotos peruanos têm com a Santa Rosa de Lima é como a de filhos frente a uma mãe protetora. Para esse povo não é Maria, a mãe de Deus, mas sim Rosa, enquanto mãe e mulher sofredora, que representa a mãe do povo peruano.

Para tal população, a relação de Santa Rosa com seus devotos é na qualidade de mãe, tornando-se uma santa popular, intimamente ligada com a vida de cada homem e mulher dos vales peruanos.

Na tentativa de compreender a imagem de Santa Rosa de Lima, torna-se revelador o seu papel de mãe, protetora, sobretudo daquela que conduz os seus devotos peruanos. O gesto de segurar a criança no colo é algo significativo e retrata exatamente o ato de proteger e ajudar, em todos os momentos. Já a criança, o filho, representa o novo culto à Maria, à Virgem Rosa de Lima, pois retrata apego e aproximação, onde o filho é capaz de tocar e sentir sua mãe.

A partir desta análise, a viagem desse conhecimento parte da capital peruana, local onde se deu início à devoção de Santa Rosa de Lima, seguindo para a fronteira do Peru com o Brasil, situada a cerca de 1.792 km de Lima, capital peruana, chegando até a província de Iñapari. Nessa província, região que faz fronteira com o município de Assis Brasil, e no Estado do Acre, há menos de um século, desenvolveu-se uma grande devoção popular, que se alastrou e conquistou mais devotos no Peru. A profunda devoção que emergiu desenvolve-se a partir de uma íntima relação dessa população com a floresta de que se compõe aquela localidade.

Conforme mencionado, Santa Raimunda do Bom Sucesso adentra o contexto das devoções populares no vale acreano, também como uma mãe protetora de seus devotos. Através da relação dos devotos com a floresta e a aproximação com os elementos santorais populares, Santa Raimunda é a Virgem protetora daqueles que habitavam e habitam a região.

Ao concluir a pesquisa, alguns elementos da devoção popular de Santa Raimunda tornaram-se mais evidentes. A esse respeito, constata-se que os devotos peruanos da referida Santa vivenciaram um processo de ressignificação a partir da devoção popular acreana, destinada à Santa Raimunda do Bom Sucesso. Percebe-se que elementos presentes

nessa devoção foram reinterpretados a partir da cultura e do catolicismo popular peruano.

Há vários indícios encontrados na pesquisa que levam a comparar a devoção popular à Santa Raimunda do Bom Sucesso com a devoção popular à Santa Rosa de Lima.

A devota de Santa Raimunda do Bom Sucesso, Maria Paola Álvarez Dias, em entrevista, afirma que Santa Raimunda é uma mãe protetora do povo peruano.

Acredito no poder dos santos; desde criança minha mãe me ensinava que são eles que nos protegem. Os santos vigiam e guardam a gente de dia e de noite. E, o senhor sabe, tem aqueles santos que conhecem a nossa realidade, sofreram igual a gente sofre. Sabe quando a gente está triste, quando está alegre. Sabe tudo das nossas vidas. Santa Raimunda do Bom Sucesso foi uma mulher igual a mim e igual a todas as mulheres, ela sabe o que cada mulher sofre. Às vezes, estou meio triste, aí me lembro do sofrimento que ela passou no meio da mata, de sua morte, então, para mim ela está sempre por perto, ela é minha mãe, minha protetora, me consola nos momentos de tristeza e está comigo nos momentos de alegria.²⁴

Na fala de Maria Paola, devota peruana, moradora da cidade de Iñapari, é perceptível a relação de confiança e ao mesmo tempo, de proximidade que ela mantém com Santa Raimunda, a ponto de sentir essa presença. Isso denota a santidade popular de Raimunda. Ao passo em que a referida devota apresenta uma profunda sensibilidade, que a permite perceber a presença da Santa, é capaz de refletir acerca de sua vida e de encontrar maneiras que a possibilitem superar momentos de tristeza e celebrar as conquistas cotidianas.

Como pensar uma devoção popular, na floresta acreana, reinterpretada a partir das experiências devocionais populares peruanas? Acredita-se que a reinterpretação ou até mesmo a apropriação da devoção à Santa Raimunda, no Peru, emergiu a partir da similaridade da vida de Raimunda com a vida dos devotos peruanos.

²⁴ Entrevista concedida por Maria Paola Álvarez Dias, na cidade peruana de Iñapari, em 17 de maio de 2015.

Imagem 20 - Santa Raimunda do Bom Sucesso e devotos peruanos em adoração.



Fonte: Acervo do autor (2015).

Ao interpretar a imagem de Santa Raimunda do Bom Sucesso, em virtude da beleza e formosura dessa representação, se pode associar com o culto prestado à Santa Rosa de Lima.

O primeiro elemento, portanto, trata-se da beleza de Santa Raimunda, externada na imagem esculpida em gesso, que retrata uma mulher bonita, de lábios vermelhos, com perfil de uma mulher magra, com um leve sorriso. Aos poucos, a Santa foi atraindo o amor de seus devotos.

O segundo elemento relevante que esta pesquisa permitiu observar foi o olhar profundo e cativante, visível na imagem da Santa Raimunda, o qual provoca nos devotos uma forte sensação de segurança e de confiança naquela que é considerada como capaz de fornecer proteção diuturnamente.

A mão direita estendida para seu povo, segurando um prato quebrado, é o terceiro elemento da imagem que vale mencionar. A simbologia do prato quebrado, disposto sobre a mão direita remete à ideia da pessoa que provê alimentos para aliviar a fome do seu povo. Não apenas

a fome de alimentos, mas talvez a fome de justiça social, frente à discriminação e aos preconceitos do povo andino e latino americano, em geral. Fome também de igualdade entre os povos andinos e de políticas públicas do Estado, que promovam a paz.

A interpretação que os devotos peruanos fazem de Santa Raimunda do Bom Sucesso a relaciona com a imagem de Santa Rosa de Lima, pois acreditam que ela veio para sentir e viver o sofrimento do seu povo, das famílias que experimentam dificuldades cotidianas, inerentes à vida na floresta amazônica, que veio para compartilhar o dia a dia da mãe, da mulher e da trabalhadora.

No decorrer da pesquisa, vários depoimentos apontam para uma possível ressignificação da devoção peruana à Santa Rosa de Lima, surgida há mais de 350 anos, fruto do contato daquela população com a devoção à Santa Raimunda do Bom Sucesso, que emergiu há menos de um século, na Amazônia brasileira. Dessa interrelação, houve, por sua vez, uma dinamização na devoção acreana, revelada em suas experiências de vida e em suas práticas religiosas populares.

A fala de Maria Lacerda Fernández aponta para uma possível ressignificação da devoção às duas santas mencionadas.

*Acredito que Santa Raimunda foi uma mulher que trabalhou muito, mas já era uma mulher “santa”, se preocupava com sua família, ajudava seu esposo no trabalho pesado. Perdeu sua vida trabalhando sozinha no meio do mato. Mas não consigo ver na minha mente uma mulher triste; sempre vejo nos meus pensamentos uma mulher alegre, rindo, de um semblante angelical. Para mim os dois rostos são iguais: Santa Rosa de Lima com Santa Raimunda. Para mim, não vejo diferença entre as duas Santas; na minha cabeça, uma veio primeiro, e Santa Raimunda veio depois, com uma reencarnação de Santa Rosa de Lima. Vejo a mesma beleza, o mesmo olhar protetor de mãe.*²⁵

Na fala dessa devota de Santa Raimunda do Bom Sucesso, é possível perceber alguns elementos importantes. Nota-se que ao falar de Santa Rosa de Lima, a devota a relaciona com uma mulher nordestina e

²⁵ Entrevista concedida por Maria Lacerda Fernández, na cidade peruana de Iñapari, em 18 de maio de 2015.

trabalhadora, porém, observando-se mais detidamente sua imagem, não se vê traços de uma mulher trabalhadora, com sinais de cansaço em virtude de longas jornadas de trabalho, enfrentadas cotidianamente.

Sendo assim, o que de fato aproxima as duas Santas, com surgimento em períodos tão distantes um do outro? Um dos prováveis fatores que une as duas devoções populares está associado à semelhança matriarcal entre ambas, ao sentimento de maternidade que cada uma delas transmite, como a mãe protetora, que cuida, guarda e estimula seus filhos a superarem as intempéries da vida cotidiana.

Quando a entrevistada Maria Lacerda manifesta em sua fala, a crença de que Santa Raimunda seja uma reencarnação de Santa Rosa de Lima, revela-se o elo que une as duas devoções, bem como torna possível fazer a conexão entre os dois momentos históricos religiosos populares. Faz-se uma aproximação de Santa Rosa de Lima da realidade da floresta amazônica, lugar de vida difícil, por isso mesmo, um dos inúmeros locais em que a devoção se constitui em ferramenta de superação de vida.

Percebe-se que, ao longo dos anos, de uma maneira sutil e cautelosa, ocorreu uma ressignificação da devoção à Santa Rosa de Lima, a partir da devoção popular à Santa Raimunda do Bom Sucesso, com base na similaridade entre a vida de Raimunda e a vida dos devotos peruanos. De certo modo, tal ressignificação possibilitou um diálogo entre devotos e Santa, uma compreensão da vida dos sujeitos, levando em consideração as experiências amazônicas.

A pesquisa possibilitou um olhar mais refinado a partir das experiências devocionais de Santa Raimunda, no Peru. A devoção popular à Santa Raimunda do Bom Sucesso perpassa todas as camadas sociais peruanas, não existindo distinção entre classes sociais pobres, média ou rica, pois em todas encontram-se adeptos a essa devoção. Porém, evidencia-se um número maior de devotos oriundos das camadas sociais mais simples, explicável tendo em vista ser essa a situação socioeconômica predominante na região pesquisada.

Nos últimos seis anos, é evidente a recorrência de devotos peruanos ao santuário popular de Santa Raimunda do Bom Sucesso. A procura por este santuário pode se explicar pelo crescimento dos problemas sociais enfrentados cotidianamente na América Latina.

Para os devotos peruanos, as crianças e os jovens representam a continuidade da devoção popular à Santa Raimunda do Bom Sucesso, possibilitando a consolidação de uma devoção que representa não a vida dos peruanos, mas sua cultura, bem como o elo entre o plano celestial e o mundo dos humanos.

As crianças rezam pelos familiares, como uma maneira de representação da Santa Raimunda do Bom Sucesso e ao mesmo tempo, da Santa Rosa de Lima.

Para os devotos populares peruanos a vida não está dissociada do plano santoral, pelo contrário, existe um elo inseparável entre ambos. De acordo com a Imagem 21, a ligação entre os devotos e a Santa se dá por meio da oração diária, envolvendo as crianças.

Imagem 21 - Crianças peruanas, pedindo por intercessão de Santa Raimunda do Bom Sucesso em prol de familiares



Fonte: Acervo do autor (2015).

O quadro apresentado na Figura citada é bastante revelador, pois retrata o cotidiano dos filhos dos devotos de Santa Raimunda do Bom Sucesso. Para os devotos, os filhos, quando pedem bênçãos e proteção para os irmãos e para os pais, por intermédio da Santa Raimunda, revestem-se de significado para a cultura religiosa popular peruana, pois

acredita-se que tais pedidos logo são atendidos. É patente na crença dos peruanos que a Santa Raimunda tem um carinho especial pelas crianças, baseadas no pensamentos de que elas representam, de certa maneira, o seu filho que não chegou a nascer, falecendo antes de vir ao mundo; o bebê que morreu com sua mãe Raimunda, quando esta levou uma queda, na estrada de seringa.

Para os devotos peruanos Santa Raimunda consagra as crianças como emissárias da vida, da fé e da esperança. Caprani, sobre essa questão, afirma:

De acordo com nossa reflexão, Maria não se torna distante, inatingível e, nem mesmo, uma simples “santa de altar”. Ela é, para o nosso povo, uma mulher, uma mãe próxima, não um modelo inatingível. Ela conhece nossas dificuldades, nossas lutas, nossas alegrias e nossas tristezas, mas principalmente nossa esperança (Caprani, 2014, p. 85).

Quando afirma que Maria é a esperança para a América Latina, por analogia, quer dizer que Santa Raimunda do Bom Sucesso é a esperança para a população peruana, que representa a vida, sobretudo a esperança de dias melhores.

Nesse contexto da análise, é importante destacar o conceito de transnacionalidade da fé, uma vez que a devoção à Santa Raimunda do Bom Sucesso surge no município de Assis Brasil, no estado do Acre e, com o passar dos anos, vem conquistando a simpatia de devotos de origem peruana. A devoção peruana apropriou-se da devoção à Santa Raimunda, mediante processo de ressignificação inspirado em suas experiências devocionais populares, vivências que foram fundamentais para compreender o dinamismo religioso existente nas florestas e nas cidades peruanas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou contribuir com a área da ciência da religião, especialmente, no que tange às devoções populares, olhando com cuidado as práticas religiosas dos devotos quando buscam solucionar os problemas cotidianos a partir da fé. Para cumprir esse objetivo recorreu-se ao trabalho de alguns pesquisadores, estudiosos da devoção popular, a fim de encontrar caminhos já percorridos que pudessem subsidiar a pesquisa.

O ponto central desta reflexão encontra-se nas manifestações de fé dos devotos das Marias em algumas localidades da América Latina. A pesquisa busca refazer o percurso da devoção e, ao mesmo tempo, perceber a ressignificação, o processo de construção da devoção popular mariana, e ainda se deteve em compreender como os devotos conseguiram ressignificar e dignificar suas vidas por meio da fé.

Um dos motivos que levou a pesquisar as devoções foi o grande número de milagres atribuídos às inúmeras devoções ramificadas em locais diferentes da América Latina. No decorrer da pesquisa, constatou-se, por meio dos inúmeros relatos, a obtenção de curas, levadas a efeito a partir da devoção, sempre crescente, às santas populares. Anualmente, centenas de devotos se dirigem ao seu túmulo para depositarem objetos, pagarem promessas e pedirem proteção para si e para os seus.

Observando o comportamento e escutando os depoimentos dos devotos, principalmente junto aos túmulos, constatou-se que eles realizam uma viagem ao seu mundo interior, lembrando dos momentos

vivididos ao longo do ano que passou, revelando um sentimento de profunda gratidão.

Ao longo do presente estudo, cita-se algumas questões que o nortearam: a) quem eram e quem são os devotos das santas populares? b) quais foram as pontes que os devotos encontravam na fé para dignificarem suas vidas? c) de que maneira conseguiram ressignificar a devoção à Maria a partir da canonização popular? Paulatinamente, tais questionamentos foram sendo respondidos.

A pesquisa, voltada fundamentalmente para a religiosidade popular, teve como fonte principal os depoimentos dos devotos. Um de seus objetivos foi o estudo sobre a ressignificação da devoção popular, tendo como parâmetro aquela dedicada à Santa Rosa de Lima, praticada na província de Iñapari e Puerto Maldonado, o que aponta uma importância da fé para a vida de moradores das florestas e das cidades dos vales peruanos.

Por meio da análise dos depoimentos, se pode inferir que a devoção do povo a essa Santa e a tantas outras são devoções profícuas, o que se imaginava no princípio da pesquisa. Existe uma simbiose, ou seja, uma convivência muito intensa entre seus devotos, pois fazem parte do mesmo universo popular. Cumplicidade e fidelidade a essa Santa são comportamentos que permeiam todas as áreas da vida dos devotos, desde a zona rural até a zona urbana.

Procurou-se evidenciar, ao longo da pesquisa, o fato de que a ressignificação da devoção à Maria nas várias localidades, não se resume ao ato de pagar uma promessa diante da sepultura, ou de fazer a caminhada no varadouro, mas reflete a construção de um sentido religioso, trata-se da ressignificação de uma identidade religiosa e da própria realidade. Tal processo estabelece uma relação profunda, íntima, que oferece proteção, que promove a busca por liberdade interior.

Algumas constatações apontam para a importância atual da devoção para o universo dos devotos à Santa Raimunda do Bom Sucesso e a outras. A análise sobre a devoção popular aos santos possibilitou olhar a ressignificação dessas práticas sob um prisma pouco usual entre os pesquisadores ligados à temática. Além disso, a pesquisa mostrou um perfil interdisciplinar, pois dialoga com as áreas da história, antropologia, sociologia e ciências da religião.

Diante do exposto, pode-se concluir pelo caráter inovador da pesquisa, principalmente porque, apesar da ampla busca por referências bibliográficas, constatou-se não existirem muitos estudos sobre o tema. A pesquisa revelou alguns resultados importantes sobre a ressignificação das devoções e a partir da devoção popular à Santa Raimunda do Bom Sucesso. Percebeu-se que a dimensão da fé na vida cotidiana dos devotos transcende o nível espiritual e adentra sobre a resolução material dos problemas de ordem econômica, na saúde, em acidentes, enfim, na proteção e superação da vida, ganhando centralidade as devoções populares.

Para finalizar, ressalta-se que o tema principal ora investigado ainda prescinde de continuidade. A título de exemplificação, se aponta alguns elementos ligados ao conceito de transnacionalidade e de ressignificação da devoção à Santa Raimunda do Bom Sucesso, no Peru, tais como: a) ressignificação do culto à Virgem de Copacabana, a partir da devoção popular à Santa Raimunda do Bom Sucesso, na Bolívia; b) o crescimento de grupos de mulheres-guardiãs da devoção à Santa Raimunda do Bom Sucesso (as chamadas benzedadeiras, que usam ervas nos processos de cura); c) uma investigação sobre os vários elementos (água, terra, folhas), tidos como milagrosos, no culto de outras devoções populares (como a de Santa Maria da Liberdade, Santa Deolinda, Santa Francisca Carla, Santa Adélia, nas várias localidades, sejam elas dentro ou fora da Amazonia).

Portanto, espera-se que este trabalho venha auxiliar novas pesquisas, sobretudo, aquelas que buscam compreender as devoções populares em algumas regiões da América Latina. A sensação que permanece ao finalizar esta pesquisa é de satisfação por ter mostrado um pouco do trânsito religioso popular de algumas devoções marianas, tão presentes na vida cotidiana de tantas pessoas, que recorrem muitas vezes, às devoções como única alternativa de sobrevivência.

E é nas devoções marianas que muitos continuam encontrando alento e respostas para suas vidas. As devoções são para muitos um estímulo para viver, como fonte geradora de esperança e confiança, que os ajuda a superar, cotidianamente, os obstáculos da vida.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. W. B. de, *et al.* Habitantes: os seringueiros. In: CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro Barbosa de (org.). **Enciclopédia da floresta**, o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. **Projeto História**, São Paulo, v. 37, p. 237-260, ago./dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/3054>. Acesso em: 11 jun. 2018.

BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

BEZERRA, Luíz Gonzaga. **Um olhar sobre Francisca Carla**: outros fatos sobre Tiangua. Tiangua: Gráfica Tavares, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. 2. ed. Uberlândia: Edefu, 2007.

BRASIL. Senado Federal. Sessão especial no dia 21 celebrará a canonização de Irmã Dulce. **Agência Senado**, Brasília, 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/11/12/sessao->

especial-no-dia-21-celebrara-a-canonizacao-de-irma-dulce. Acesso em: 19 jun. 2018.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

CAPRANI, Júlio. **Maria**, a estrela da evangelização: a presença de Maria nas cinco conferências gerais do Celam. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2014.

CATOLIC EXCHANGE. St. **Rose of Lima**. Today's Saint. 23 ago. 2023. Disponível em: <https://catholicexchange.com/st-rose-of-lima-virgin/>. Acesso em: 2 jul. 2019.

CHISTO, Alberto Libânio. O Canto do Galo (Relatório Pastoral de uma Visita à Prelazia do Acre e Purus). Separata da **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 37, n. 146, jun. 1977. DOI: <https://doi.org/10.29386/reb.v37i146.3998>. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/3998>. Acesso em: 9 ago. 2019.

COELHO, Wilson. **Um olhar sobre o hibridismo ou a garrafa em alto mar**. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005.

CORRÊA, Maria Teresinha. **Princesa do Madeira**: os festejos entre populações ribeirinhas de Humaitá - AM. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2008.

COUTO, Edileusa Souza. **A puxada do mastro**: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença. Ilhéus: Ed. da Universidade Livro do Mar e da Mata, 2001.

CRÓNICA. Los 50 misterios de Argentina que te van a sorprender. **Crónica**, Buenos Aires, dez. 2018. Disponível em: <https://www.cronica.com.ar/suplementos/Los-50-misterios-de-Argentina-que-te-van-a-sorprender-20181223-0008.html>. Acesso em: 12 abr. 2020.

DEL RIO, José Maria Valcuende. A fronteira como recurso simbólico: ações e contextos festivos-cerimoniais. In: **Histórias e memórias das três fronteiras Brasil, Peru e Bolívia**. São Paulo: Educ/PUC/SP, 2009.

DEL RIO, José Maria Valcuende; CARDIA, Laís M. Etnografía de las fronteras políticas y sociales en la Amazonía Occidental: Brasil, Perú y Bolivia. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 13, n. 292, jun. 2009. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/1599>. Acesso em: 15 set. 2022.

DUARTE, Ana Helena da Silva Delfino. **Ex-votos e poiesis**: representações simbólicas na fé e na arte. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GALVÃO, Eduardo. A vida religiosa do caboclo da Amazônia. **Boletim do Museu Nacional**, N. S. Antropologia, n. 15, 1953.

GALVÃO, Eduardo. Panema – uma crença do caboclo amazônico. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. V, 1951.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1955.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GORDO, Luís Erlin Gomes. **Ex-votos**: a saga da comunicação perseguida. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2015.

HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural**. Campinas: IFCH/Unicamp, 1985.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 410p.

KLEIN, Estanislau Paulo. **História da saúde pública do estado do Acre.** Rio Branco: Fundação Elias Mansour, 2002.

LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (org.) **O uso ritual da ayahuasca.** Campinas: Mercado das Letras, 2002. 686 p.

LIMA, Alexandre. Assis Brasil recebe milhares de pessoas para romaria do Bom Sucesso. **O Alto Acre**, 15 ago. 2013. Disponível em: <https://oaltoacre.com/assis-brasil-recebe-milhares-de-pessoas-para-romaria-do-bom-sucesso/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

MACHADO, Micheliny Verunschck Pinto. **Eu matei a santa:** devoções populares e multimeiações. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.

MARTINELLO, Pedro. A “**batalha da borracha**” na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o vale amazônico. Rio Branco: Edufac, 2004.

MARTINELLO, Pedro. **Os servos de Maria na missão do Acre e Purus 1920-1975.** História da Igreja do Acre e Purus uma missão na selva amazônica. 1976. Dissertação (Mestrado) – Universidade de San Francisco Califórnia - USA.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A ilha encantada:** medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. 1977. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Brasília-DF, 1977.

MELLO, Adilson da Silva. **Cunha:** relações religiosas e transformações, tradição e transição cultural. 2008. 241f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3898>. Acesso em: 9 jun. 2023

MELO, Quésia. Historiador do ACrelata milagres de ‘menina santa’ morta há um século. **G1 Acre**, 12 fev. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2017/02/historiador-do-ac-relata-milagres-de-menina-santa-morta-ha-um-seculo.html>. Acesso em: 3 jun. 2023.

NUNES JÚNIOR, Ario Borges. **Relíquia**: o destino do corpo na tradição cristã. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de. **O sertanejo, o brabo e o posseiro**: a periferia de Rio Branco e os cem anos de andanças da população acreana. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte - MG, 1982.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. **A peregrinação e seus enigmas**: o desvendamento no encontro do devoto com o “santo vivo,” rumo ao santuário de São Francisco do Canindé. 2011. 186f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/1841>. Acesso em: 25 jun. 2023.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. **Francisco**: o santo vivo. 3. ed. Revista e ampliada. Fortaleza: Ed. Premium, 2010.

PALÁCIO, Carlos. **Uma consciência histórica irreversível (1960-1970)**: duas décadas de história da igreja no Brasil. São Paulo: Síntese 17, 1979.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo**: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007.

PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2004.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas/Governo do Estado do Amazonas, 1977.

ROCHA, Airton Chaves da. **A reinvenção e representação do seringueiro na cidade de Rio Branco - AC (1971-1996)**. 2006. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12929/1/Tese%20Airton%20Chaves%20da%20Rocha.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2023.

ROCHA, Lindomar *et al.* (org.). **Religiões e cultura: memórias e perspectivas**. Belo Horizonte: Ed. PUC/MG, 2012.

SANTOS, Moisés Espírito. **A religião popular portuguesa**. São Paulo: Ed. Assírio e Alvim, 1990.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **História do Acre**. Rio Branco: Ed. M. M. Paim, 1995.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **Varadouros da liberdade: empates no modo de vida dos seringueiros de Brasiléia-Acre**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1996.

TEMPLÁRIO DE MARIA. Santa Rosa de Lima, padroeira da América Latina: 23 de agosto. **Templário de Maria**, São Paulo, 23 ago. 2023. Disponível em: <https://templariodemaria.com/santo-do-dia-23-de-agosto-santa-rosa-de-lima/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

WANGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. Coleção Brasileira. São Paulo: Editora Nacional, 1957.

ZILLES, Urbano. Lugar e veneração dos santos hoje. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 37, n. 158, p. 491-507, 2007. Disponível em: <https://revis-taseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/2730>. Acesso em: 1 jun. 2017.



FONTES ORAIS — ENTREVISTAS

ANTÔNIA OLIVEIRA DE ALMEIDA - Moradora do bairro Taquari, Rio Branco - AC. Realizada em: 18 mar. 2011.

CONCEPCION LACERDA - San Pedro Bolpebra, Bolívia. Realizada em: 16 fev. 2012.

FRANCISCA MORAIS DE SOUZA - Moradora do bairro Taquari, Rio Branco - AC. Realizada em: 15 jul. 2011.

FRANCISCO MARQUES DE ARAÚJO - Morador do bairro Cidade Nova, Rio Branco - AC. Realizada em: 20 mar. 2011.

FRANCISCO PEREIRA DE ARAÚJO - Morador do bairro Triângulo Novo, Rio Branco - AC. Realizada em: 20 mar. 2011.

FRANSISCO GONZÁLEZ ÁLVAREZ - Iñapari, Peru. Realizada em: 15 fev. 2012.

HERCULANO PEREIRA DE SOUZA - Assis Brasil - AC. Realizada em: 15 ago. 2011.

JOÃO FIRMINO DE SOUZA - Morador do bairro Taquari, Rio Branco - AC. Realizada em: 15 jan. 2010.

JOSÉ ALMEIDA DA SILVA - Assis Brasil - AC. Realizada em: 18 jul. 2011.

JUAN LOPEZ RODRÍGUEZ - Morador da cidade de San Lorenzo, Peru. Entrevista realizada em Assis Brasil - AC, em: 15 fev. 2012.

LUIZ BARROS DA SILVA - Morador da cidade de Assis Brasil - AC. Realizada em: 16 jul. 2011.

MARIA DA CONCEIÇÃO DE SOUZA - Assis Brasil - AC. Realizada em: 15 ago. 2010.

MARIA DE LURDES DA SILVA - Moradora do bairro Taquari, Rio Branco - AC. Realizada em: 16 jul. 2011.

MARIA DO ROSÁRIO DE ARAÚJO - Moradora do bairro Sobral, Rio Branco - AC. Realizada em: 18 mar. 2011.

MARIA LACERDA FERNÁNDEZ - Iñapari, Peru. Realizada em: 18 maio 2015.

MARIA PAOLA ÁLVAREZ - Iñapari, Peru. Realizada em: 17 maio 2015.

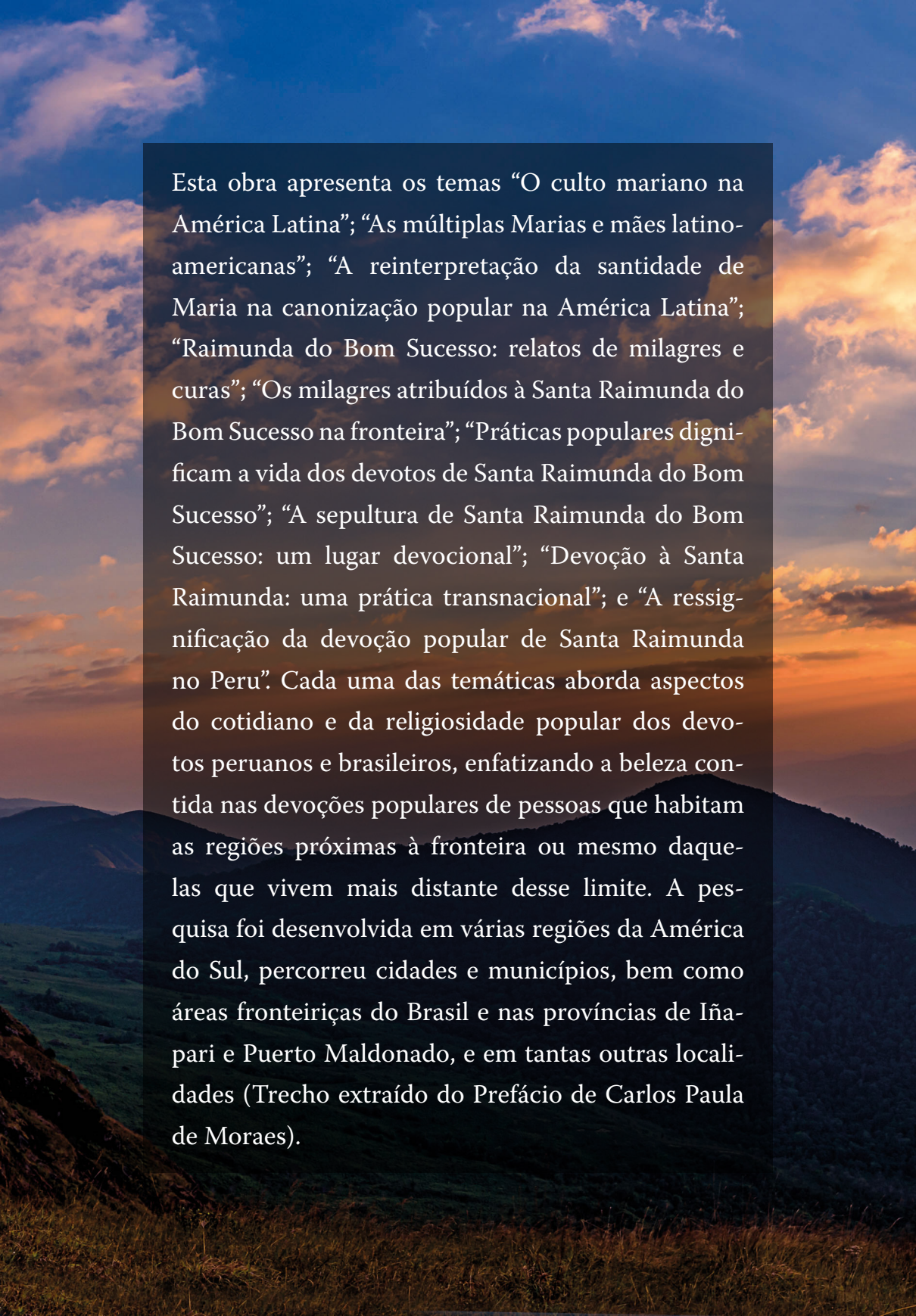
PEDRO OLIVEIRA DA SILVA - Colocação Bom Sucesso, Assis Brasil - AC. Realizada em: 14 ago. 2011.

SÔNIA MARIA ARAÚJO BESSA - Moradora do bairro Cidade Nova, Rio Branco - AC. Realizada em: 19 mar. 2011.



Francisco Pinheiro de Assis

Pós-Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2016), com a pesquisa “A transnacionalidade da fé: a ressignificação da devoção popular de Santa Raimunda do Bom Sucesso na Bolívia e Peru”. Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2013); Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2002); Especialista em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Acre (1999); Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac, 1996); Bacharel em História pela Universidade Federal do Acre (1996); Professor Associado 2 da Universidade Federal do Acre. Encontra-se vinculado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas, na área de especialidade História do Acre e História das Devoções Populares da Amazônia. Foi Diretor de Arte, Cultura e Integração Comunitária (Dacic-Ufac, 2024). Atualmente exerce o cargo de Diretor de Desenvolvimento Estudantil da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (DDE-Proaes/Ufac); foi Coordenador da Especialização *latu sensu* em Ciência da Religião (2023); Coordenador do projeto de pesquisa Santas Populares: Um Olhar sobre as Devoções Marianas na América Latina (2022-2024). Atualmente é Coordenador do grupo de pesquisa: “Religiões e ancestralidades na Amazônia Sul Ocidental” (2024) e pesquisador das devoções marianas na América Latina.



Esta obra apresenta os temas “O culto mariano na América Latina”; “As múltiplas Marias e mães latino-americanas”; “A reinterpretação da santidade de Maria na canonização popular na América Latina”; “Raimunda do Bom Sucesso: relatos de milagres e curas”; “Os milagres atribuídos à Santa Raimunda do Bom Sucesso na fronteira”; “Práticas populares dignificam a vida dos devotos de Santa Raimunda do Bom Sucesso”; “A sepultura de Santa Raimunda do Bom Sucesso: um lugar devocional”; “Devoção à Santa Raimunda: uma prática transnacional”; e “A ressignificação da devoção popular de Santa Raimunda no Peru”. Cada uma das temáticas aborda aspectos do cotidiano e da religiosidade popular dos devotos peruanos e brasileiros, enfatizando a beleza contida nas devoções populares de pessoas que habitam as regiões próximas à fronteira ou mesmo daquelas que vivem mais distante desse limite. A pesquisa foi desenvolvida em várias regiões da América do Sul, percorreu cidades e municípios, bem como áreas fronteiriças do Brasil e nas províncias de Iñapari e Puerto Maldonado, e em tantas outras localidades (Trecho extraído do Prefácio de Carlos Paula de Moraes).